

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO-LEITÃO

SANTA TERESA - E. E. SANTO - BRASIL

BIOLOGIA

— N. 10 —

24 de Julho de 1951

## TROCHILIDEOS DO MUSEU NACIONAL

Augusto Ruschi

Museu Nacional

### INTRODUÇÃO

Este catálogo trata dos trochilídeos representados na coleção de aves do Museu Nacional, cujo número de exemplares chega aproximadamente a dois mil, distribuídos em 77 gêneros e 119 espécies compreendendo não só espécies Brasileiras, como também dos demais países onde ocorrem estas aves.

Não nos foi possível reconhecer todo o material estudado por C. Schreiner, Conde Berlepsch, Carlos Moreira e Eduardo Siqueira; mas, o material representado nas coleções até aquela data, constava de 158 exemplares, representando 24 gêneros e 33 espécies, conforme citação do Prof. Dr. Alípio Miranda Ribeiro, no Boletim do Museu Nacional, vol. IV — Nr. 3 — 1928; sob o título "Notas Ornithológicas VI — a: "Documentos para a história das coleções de aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Outra referência encontrada sobre trochilídeos do Museu Nacional fora feita por J. Berlioz em torno de dois exemplares de *S. Dohrni*, que figuram na exposição. Atualmente acha-se acrescida a coleção do material da Dra. Emille Snethlage, do Dr. Rudolph Primer, F. Q. Lima, H. F. Berli e do autor do presente trabalho.

Adotamos no presente catálogo a sistemática de Wetmore e limitamo-nos exclusivamente a bibliografia principal existente, que pudemos consultar. O material citado M. N. se refere ao do Museu Nacional, com o respectivo número da coleção e as abreviações m. para macho e f. para fêmea e ainda col. para colecionador. Atualizamos a distribuição geográfica de várias espécies que ainda não haviam sido constatadas para alguns Estados brasileiros. Segue-se alguns dados biológicos das espécies que observamos, durante estes 15 últimos anos, com a redescritção de seus ninhos e ovos, e no final, o índice das espécies incluídas. Este catálogo desde 1940 se encontrava concluído para publicidade, e apesar de já havermos publicado trabalhos críticos e mais detalhados sobre os beija-flores no Bol. do Mus. de Biol. Profs. Mello-Leitão, números 1, 2, 3, 4, 5 e 6 nos anos de 1949 e 1950, não quiz modificá-lo atualmente, visto ser o nosso objetivo apenas o de dar conhecimento do que existe na coleção de trochilídeos que estudamos no Museu Nacional.

Expressamos aqui, ao Exmo. Sr. Dr. Jones dos Santos Neves DD. Governador do E. E. Santo os nossos agradecimentos, por ter autorizado ao Departamento Estadual de Imprensa a publicidade do Boletim do Museu de Biologia Profs. Mello-Leitão, que é o Órgão Oficial desse Instituto.

Agosto de 1951.

## Classe AVES

Sub-classe NEORNITHES

Super-ordem NEOGNATHAE

Ordem MICROPODIFORMES

Sub-ordem TROCHILI

## Família TROCHILIDAE

## Gênero RHAMPHODON Lesson, 1831

Rhamphodon Lesson, 1831, Hist. Nat. Col., p. 18 Typo.  
R. Maculatum Lesson (= Trochilus naevius Dumont).

*Rhamphodon naevius* (Dumont, 1818)

Trochilus naevius Dumont, 1818, Dict. Sci. Nat., X, p. 55 (montes do Corcovado, Rio de Janeiro); Temminck, 1822, Pl. col., t. 120 f. 2

Grypus ruficollis, Spix, 1824, Av. Bras., v. 1 p. 79 t. 80 f. 3  
Grypus naryius Gould, 1852, Mon. Trochil., vol. I, pl. 1  
Rhamphodon naevius Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 37; Hartert, 1900, Das Tierreich, p. 12; Hellmayr, 1915, Verh. der Ornith. Gesell.

Bayern, XII, p. 150; Simon, 1921, Hist. Nat. des Trochil., p. 5.; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 247. H. F. Berla-Boi. Mus. Nac. Nr. 18-1944; Ruschi-Sci. Agric. Nr. 2-1946 p. 46-54, Bol. Mus. Biol. Profs. M. Leitão Nr. 1-1949 pg 19; Nr. 2, 1949.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goyaz? leste de S. Paulo, Santa Catharina, Rio G. do Sul.

M. N. 18.362, m, Rio de Janeiro — Meio da Serra — Sneathlage Coll., 7/4/1923.

M. N. 18.363, ♀, Santa Catharina — Hansa Humboldt — Sneathlage coll., 13/3/1929.

M. N. 22.363, m, E. Santo — Sta. Teresa (E. B. M. N.) — Ruschi coll. 3/4/941. (Exposição)

M. N. 875, ♀, Brasil. (Exposição)

M. N. 876, ♀, Brasil. (Exposição)

M. N. 18.397, ♀, Brasil.

M. N. 18.358, ♀, Brasil.

M. N. 18.359, ♀, Brasil.

M. N. 18.360, ♀, Brasil.

M. N. 18.361, ♀, Brasil.

M. N. 20.379, m; 20.380, f. e 20.381, f. — Rio de Janeiro — Parati — H. F. Berla Col. 1941.

## Gênero GLAUCIS Bate, 1831

Glaucis Boie, 1831, Isis, p. 345. Typo por designação subs. (1840) de Gray, Trochilus brasiliensis Lathan (= T. hiruninus Gmelin).

*Glaucis hirsuta hirsuta* (Gmelin, 1788)

- Trochilus hirsutus* Gmelin, 1788, Syst. Nat. I, p. 490 (bas. em Brisson, ex Marcgrave); *T. mazeppa*, Lesson, Troch., p. 18 t. 3
- Glaucis hirsuta* Gould, 1858, Mon. Trochil., vol. I t. 5; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 41, pt.; Hartert, 1900, Das Tierreich p. 15.;
- Glaucis hirsuta hirsuta* Ridgway, 1911., Birds N. Amer., V p. 330;
- Cory, 1918, Cat. p. 151; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 248; 1935 Av. da Bahia p. 136;
- Rev. Mus. Paul. Tomo XX-1936 pg 64;
- Rev. Mus. Paul. Tomo XXIV-1940 pg 239;
- Rev. Mus. Paul. Tomo XXV-1941 pg 15;
- Arch. Zool. S. P. vol. V pg. 361-1947;
- Papéis Avuls. Dep. Zool. S. P. Vol VIII-1948 pg. 310
- Ruschi-Sel. Agric. Nr. 2-1946 pg. 46-54; Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão nr. 1-1949 pg. 19 e 26; Nr. 2-1949.
- Glaucis tomineo* Simon, 1921, Hist. Nat. Trochil. p. 6

Distribuição. — Venezuela (Orenoco), Guianas, e grande parte do Brasil: Amazonas, Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, E. Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo. Minas Geraes, Goyaz, Matto-Grosso.

- M. N. 18.377, f. Maranhão — Turry-assu, Alto da Alegria — Sneathlage col. 21/11/1923.
- M. N. 18.374, f. M. Geraes — S. de Paulo de Muriaé-Sneathlage col. 15/11/1926.
- M. N. 18.375, f. M. Geraes — São Paulo de Muriaé — Sneathlage col. 26/11/1926.
- M. N. 18.376, m. M. Geraes — S. Paulo de Muriaé — Sneathlage col. 28/12/1926.
- M. N. 9.798, f. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 9/9/1922.
- M. N. 10.008, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 9/9/1922.
- M. N. 9.837, m. Pará — Belem — O Martins & F. Q. Lima col. 11/1923.
- M. N. 9.794, f. Pará. A. Goeldi col. 26/8/1919.
- M. N. 9.795, ? Pará. F. Q. Lima col.
- M. N. 9.796, ? Pará. F. Q. Lima col.
- M. N. 18.387, ? Pará. 11/2/1914.
- M. N. 9.778, ? Matto-Grosso — Jamary — Stolle col.
- M. N. 9.800, ? Matto-Grosso — Jamary — Stolle col.
- M. N. 9.800, ? Matto-Grosso — Jamary — Stolle col.
- M. N. 18.537, m. E. Santo — Bananal — P. P. Peixoto col. 11/1924.
- M. N. 20.330, m. E. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/10/1940.
- M. N. 20.329, f. E. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/3/1941.
- M. N. 18.364, ? Pará.
- M. N. 18.365, ? Pará.
- M. N. 18.366, ? Pará.

- M. N. 18.368, ? Brasil.  
 M. N. 18.367, ? Brasil  
 M. N. 18.369, ? Brasil.  
 M. N. 877, ? Brasil. (Exposição)  
 M. N. 878, ? Brasil. (Exposição)  
 M. N. 18.372, ? Guiana.  
 M. N. 18.373, ? Guiana.  
 M. N. 20.382, f. Rio de Janeiro — Parati — H. F. Berla  
 col. 1941.

***Glaucis hirsuta affinis* (Lawrence, 1858)**

- Glaucis affinis* Lawrence, 1858, Ann. Lyc. Hist. Nat. N. Y., VI, pp. 261-266 (Equador)  
*Glaucis colombiana* Boucard, 1895, Ben. Hum. Bds., p. 402 (Rio Dágua, W Colombia)  
*Glaucis melanura* Gould, 1860, Proc. Soc. Zool. Lond., p. 304.  
*Glaucis hirsuta affinis* Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., N.º 50, V, p. 333.  
*Glaucis tomineo affinis* Simon, 1921, Hist. Nat. Trochil. p. 6.

Distribuição. — Panamá (Rio Tuyra e rio Capeti) Venezuela (S. O. do lago Macaraibo) Colombia (Valles dos Rios: Atrato, Cauca e Magdalena; e savanas de Bogotá) Equador (Rio Napo); Perú (Huallaga, Marañon.).

- M. N. 18.370, ? Colombia — Bogotá.  
 18.371, ? Colombia — Bogotá.

***Glaucis dohrni* (Bourcier & Mulsant, 1852)**

- Trochilus dohrni* Bourcier & Mulsant, 1852, Am. Sci. Phys. et Nat. Lyon, (2), IV, p. 139: Equador erroze (= pode aceitar-se para loc. typ. o Rio de Janeiro).  
*Glaucis dohrni* Gould, 1861, Mon. Trochil., I, t. 10; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 43; Hartert 1900, Das Tierreich p. 15; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 248; 1935, Aves da Bahia p. 136; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46, 54; Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão 1949, Nrs. 1 e 2.  
*Rhamphodon Dohrni* Simon, 1921, Hist. Nat. des Trochil. p. 5.

Distribuição. — Leste do Brasil: Rio de Janeiro, Espírito Santo, sudeste da Bahia, (Rio Gongogy).

- M. N. 18.379, f. E. Santo — Baixo Guandú, Faz. União — Sneathlage col. 18/11/1925.  
 M. N. 879, ? (Exposição)  
 M. N. 880, ? (Exposição)

Genero **THRENETES** Gould, 1852

*Threnetes* Gould, 1852, Mon. Trochil., I. pl. 13. Typo, *Trochilus leucurus* Lin.

*Threnetes leucurus leucurus* (Linnaeus, 1766)

*Trochilus leucurus* Linnaeus, 1766, Syst. Nat., ed. 12a., I, p. 190: America meridional (= Guiana).

*Threnetes leucurus* Gould, 1852, Mon. Trochil., I, t. 13;

Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI., p. 264; Har-

tert, 1900, Das Tierreich, p. 13; Hellmayr, 1910, Nov.

Zool., p. 373; Chubb, 1916, Bds. Brit., Guiana, I, p. 380;

*Threnetes leucurus leucurus*

Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII pt. II p. 150;

*Threnetes leucurus* Simon, 1921, Hist. Nat. des Trochil.

p. 8.

*Threnetes leucurus leucurus* Pinto O., 1938, Cat. Av. Bras.

p. 248; Ruschi, 1949 Bol. Mus. Biol. Prof. Mello-Leitão,

Nr. 3.

Distribuição. — Guianas, noroeste do Brasil: Amazonas (Teffé, Rio Madeira, Rio Jamary).

M. N. 9.797, ? Amazonas — Rio Jamary — Stollie coll. 22/9/1914.

*Threnetes leucurus medianus* Hellmayr, 1929

*Threnetes leucurus medianus* Hellmayr, 1929, Field. Mus.

Nat. Publ., Zool. Ser., XII, p. 381: Tury-Assú (Maranhão).

Distribuição. — Brasil septentrional: leste do Pará (Belém, Prata) e norte do Maranhão (Tury-Assú).

M. N. 18.386, m. Maranhão — Tury-assú, Alto da Alegria — Snethlage col. 13/11/1923.

M. N. 18.387, f. Maranhão — Tury-assú, — Snethlage col. 6/XII/1923.

M. N. 10.005, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 28/XI/1922.

M. N. 9.777, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 28/XI/1922.

M. N. 9.784, m. Pará — Conceição, Rio Ugú — Snethlage col. 23/XII/1915.

M. N. 9.793, ? Pará — Conceição, Rio Ugú — Snethlage col. 20/XI/1915.

Genero **ANOPETIA** Simon, 1919

*Anopetia* Simon, 1919, Rev. Fr. d'Orn., N.º 126, p. 52. Typo, por monotypia, *Phoebornis gounellei* Boucard.

**Anopetia gounellei** (Boucard, 1891)

*Phoethornis gounellei* Boucard, 1891, The Hum. Bird, I, p. 17: Sto. Antonio da Barra (Bahia, perto de Condeúba, fide Hellmayr); Hartert, 1900, Das Tierreich., p. 23.  
*Anopetia gounellei* Simon, 1921, Hist. Nat. Trochil. p. 16.

Distribuição. — Piauí, Ceará, Bahia, Matto-Grosso (Naumburg).

M. N. 17.965, ? Ceará — Serra do Castello — F. Q. Lima col. 21/8/1915.

**Genero PHAETHORNIS** Swainson, 1827

*Phoethornis* Swainson, 1827, Zool. Journ., III, N.º XI, p. 357. Typo. *Trochilus superciliosus* Linnaeus. *Phaethornis* (nom. corr.) Sw., Fa., Bo. Am. II, p. 322 (1831).

***Phaethornis superciliosus insignis*** Todd, 1937.

*Phaethornis superciliosus insignis* Todd, 1937, Ann. Carn. Mus., XXV, p. 246: Itaituba (Rio Tapajoz, marg. esquerda).

Distribuição. — Margem esquerda do Rio Tapajoz, até talvez a direita do Rio Madeira.

M. N. 18.000, ? Amazonas.

***Phaethornis superciliosus mülleri*** Hellmayr, 1911.

*Phaethornis superciliosus mülleri* Hellmayr, 1911, Bull. Brit. Orn. Club., XXVII, p. 93: Peixe-Boi (Nordeste do Pará).

*Phaethornis affinis moorei* (errore) Hellmayr, Nov. Zool., XIII, 1906, p. 374 (S. Antonio do Prata, Pará).

*Phaethornis superciliosus Muellerei* Snethlage, 1914, Cat. Av. Amaz., p. 190.

*Phaethornis malaris Mülleri* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. p. 155.

*Phaethornis superciliosa Mülleri* Simon, 1921, Hist. Nat. des Trochil. p. 13.

*Phaethornis superciliosus Mülleri* Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 250.

Distribuição. — Nordeste do Pará (Peixe-Boi, Ipitinga, Prata, Acará). Conceição e Cametá.

M. N. 18.001, m. Pará — E. F. B. Sto. Antonio do Prata. Snethlage col. 18/X/1905.

M. N. 18.002, f. Pará — E. F. B. Sto. Antonio do Prata. Snethlage col. 26/X/1905.

- M. N. 18.003, m. Pará — E. F. B. Sta. Isabel. F. Q. Lima col. 20/IX/1910.  
 M. N. 18.004, m. Pará — E. F. B. Sta. Isabel. F. Q. Lima col. 20/IX/1910.  
 M. N. 18.007, ? Pará. — Tanaquara, Mattas do Benjamim — O. Martins col. IX/1915.  
 M. N. 18.006, f. Pará. Conceição, Rio Mojú. F. Q. Lima col. 14/XII/1915.  
 M. N. 18.005, m. Pará. Cametá, Faz. Vaicajó. F. Q. Lima col. 4/2/1916.  
 M. N. 17.999, ? Pará. Brasil.

**Phaethornis superciliosus moorei (Lawrence, 1858)**

*Phaethornis moorei* Lawrence, 1858, Ann. Lyc. Nat. Hist., N. Y., VI, p. 258 (Equador).

*Phaethornis superciliosus moorei* Hartert, 1900, Das Tierreich p. 20.

Cory, 1918, Cat. Bds. Am. p. 154; Simon, 1921, Hist. Nat. des Trochil. p. 13.

Distribuição. — Colombja: Cordilheira Oriental, Bogotá e Amazonense.

Equador: região oriental. Brasil: Pará, Rio Jary; Amazonas, Rio Negro e Rio Solimões. Perú: N. E.

- M. N. 17.966, m. Pará — Rio Jary — S. Antonio da Cachoeira, Snethlage col. 21/12/1912.  
 M. N. 17.995, m. Amazonas — Rio Negro — Acajutuba, F. Q. Lima col. 20/VI/1916  
 M. N. 17.998, m. Amazonas — Rio Solimões — Manácapurú. F. Q. Lima col. 19/7/1916.  
 M. N. 17.997, m. Amazonas — Rio Solimões, Manácapurú. F. Q. Lima col. 19/7/1916.  
 M. N. 17.924, ? Amazonas.

**Phaethornis malaris (Nordman, 1835)**

*Trochilus superciliosus* (non L.) Audeb. & Vieill., Ois. dor. 1802, I, p. 42. t. 17; Lesson, 1830-31, Hist. Nat. Col., p. 35, t. 6.

*Trochilus malaris* Nordman, 1835, in Erman's Reise Verz., p. 2 t. 16.

*Phaethornis superciliosus* Gould, 1858, Mon. Trochil. I t. 17;

*Phaethornis malaris* Hartert, 1900, Das Tierreich Troch. p. 26;

Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 11.

*Phaethornis malaris malaris* Cory, 1918, Cat. Av. Am p. 155.

Distribuição. — Guiana Francesa.

- M. N. 17.923, m. Guiana Francesa.

***Phaethornis hispidus hispidus* (Gould, 1852)**

*Trochilus hispidus* Gould, 1852, Mon. Trochil., I, t. 22: "Perú", errore, = Bolivia.

*Phaethornis hispidus* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 273; Hartert, 1900, Das Tierreich Troc. p. 21; Hellmayr, 1910, Nov. Zool., XVII, p. 373.

*Phaethornis hispidus hispidus* Cory, 1918, Cat. Av. Am. XIII, pt. II, p. 157.

*Phaethornis hispida* Simon, 1921, Hist. Nat. Les. Trochil. p. 10.

*Phaethornis hispidus hispidus* Pinto O., 1938, Cat. Av. Bras. p. 250.

Distribuição. — Leste da Venezuela, do Equador e do Perú, Bolívia, oeste do Brasil: Amazonas (Rio Madeira), Matto-Grosso (Rio Guaporé).

M. N. 17.985, ? . Amazonas.

M. N. 17.983, ? . Amazonas.

M. N. 17.984, ? . Amazonas

***Phaethornis eurynome* (Lesson, 1832)**

*Trochilus eurynome* Lesson, 1832, Hist. Nat. Trochil., p.

91 t. 31 "le Brésil".

*Phaethornis eurynome* Gould, 1849, Mon. Trochil., I, t. 16; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 276; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 159; Hartert, 1900, Das Tierreich. Troch. p. 22; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 14; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 250.

Ruschi, 1949 Sel. Agric. Nr. 2. pg. 46-54; 1949 Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nrs. 1 e 3.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Alto Paraná), Paraguay e sudeste do Brasil, desde o R. G. do Sul até o Espírito Santo.

M. N. 17.931, f. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 15/XII/1922.

M. N. 17.926, f. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 5/3/1923.

M. N. 17.929, ? . Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 12/3/1923.

M. N. 17.927, f. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 28/4/1923.

M. N. 17.928, f. Minas Geraes — S. Paulo de Muriahé — Snethlage col. 4/1/1927.

M. N. 17.925, m. Paraná — S. da Graciosa, Corvo — Snethlage col. 30/4/1928.

M. N. 17.930, m. Paraná — S. da Graciosa, Corvo — Snethlage col. 10/5/1928.

M. N. 10.110, ? . Rio de Janeiro — Terezopolis — Schirsch col.

M. N. 19.634, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/6/1940.

- M. N. 19.636, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/6/1940.  
 M. N. 19.630, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/1/1940.  
 M. N. 20.301, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 11/X/1940.  
 M. N. 20.302, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi 28/4/1941.  
 M. N. 20.348, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/1/1941.  
 M. N. 881, ? (Exposição)  
 M. N. 882, ? (Exposição)  
 M. N. 17.935 — 17.932 — 17.934 — 17.939 — 17.933 — 17.940 — 17.937 — 17.938 e  
 M. N. 17.936, ? (Brasil)

*Phaethornis squalidus squalidus* (Temminck, 1822)

*Trochilus squalidus* Temminck, (ex manusc. de Natterer), 1822, Nouv. Rec. Pl. Color., livr. 20, pl. 120, f. 1: Ypanema (S. Paulo, col. Natterer).

*Phaethornis intermedius* Gould, Mon. Trochil., I, 1853, p. 30.

*Phaethornis squalidus*, Simon, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., p. 276; Hellmayr, 1915, Verh. der Ornith. Gesell. Bayern, XII, p. 150; Harter, 1900, Das Tierreich Troch., p. 23; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 159; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 15; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 251.

Ruschi, 1946 Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949 Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 e 3; Pinto O. *Phaethornis squalidus squalidus* 1947 Arq. Zool. E. S. P. Vol. V; 1944 Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. pg. 139.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais (Santa Fé, perto de Belo Horizonte).

- M. N. 17.978, m. Minas Gerais — S. P. Muriaé, Faz. Barra Alegre — Sneathlage col. 20/XI/1926.  
 M. N. 17.976, m. Minas Gerais — S. P. Muriaé, Faz. Novo Aurora — Sneathlage col. 1/XII/1929.  
 M. N. 17.980, ? Minas Gerais — S. Paulo de Muriaé, Faz. Nova Aurora — Sneathlage col. 3/XII/1929.  
 M. N. 17.979, m. Rio de Janeiro — S. do Itatlaya, Sítio Walter, Sneathlage col. 14/4/1927.  
 M. N. 17.977, ? S. Catharina — Hansa Humboldt, Sneathlage col. 10/6/1928.  
 M. N. 20.300, f. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 29/1/1941.  
 M. N. 20.299, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 2/XII/1940.  
 M. N. 883, ? (Exposição)  
 M. N. 884, ? (Exposição)

- M. N. 17.966 — 17.967 — 17.968 — 17.969 — 17.970 — 17.971  
17.972 — 17.973 —  
M. N. 17.974 — 17.975 — 17.981 — 17.982 e 18.584, ?  
(Brasil).

***Phaethornis squalidus amazonicus* Hellmayr, 1906**

*Phaethornis rufurumii amazonicus* Hellmayr, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XVI, p. 82; Itaituba (Pará perto de Santarém); Sneath, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 191 (Rio Tapajóz, Arunduba, Monte Alegre, etc.) Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 161; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 251. *Phaethornis amazonica* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 15.  
*Phaethornis squalidus amazonicus*; Pinto O. 1947 Arq. Zol. E. S. P. Vol. V pg. 359.

Distribuição. — Estado do Pará (Rio Tapajóz, baixo Amazonas).

- M. N. 17.989, m. Pará — Rio Amazonas, Monte Alegre — O. Martins col. IX/1916.  
M. N. 17.990, m. Pará — Rio Amazonas, Monte Alegre — O. Martins col. XII/1916.

**Genero ANISOTERUS Mulsant & Verreaux, 1874**

*Anisoterus Mulsant & Verreaux, 1874, Hist. Nat. Ois. Mouches, I, p. 72. Typo, Trochilus pretrei Delattre & Lesson.*

***Anisoterus pretrei* (Delattre & Lesson, 1839)**

*Trochilus pretrei* Delattre & Lesson, 1839, Rev. Zool., II p. 20; Minas Gerais.  
*Trochilus superciliosus* (não L.) Wied, Beitr. Naturg. Bras., 4, I, 1832, p. 116 (Bahia).  
*Phaethornis affinis* Pelzeln, 1856, Sitzungsher. Acad. Wien., XX, p. 157. (subst. para *superciliosus* Wied).  
*Phaethornis pretrei* Gould, 1854, Mon. Trochil., I, t. 28; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 277. Hartert, 1900, Das Tier. Troch., p. 23; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 160.  
*Phaethornis superciliosus* Burm; Syst. Ueb; II, pg. 323. Central e E. Brasil (Rio Preto Bahia).  
*Anisoterus pretrei* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 16; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 251; 1932 Result. Ornit. S. P. e M. G. p. 45; 1936 Rev. Mus. Paul. Tomo XX, pg. 64; 1940 Rev. Mus. Paul. Tomo XXIV, pg. 239; 1941 Rev. Mus. Paul. Tomo XXV, pg. 15; 1943 Pap. Avul. vol. III - Dep. Zool. S. P. pg. 274; 1944 Pap. Avul. vol. IV - Dep. Zool. S. P. pg. 139;  
Ruschi, Sel. Agric. Nr. 2-1946 pg. 46-54; Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão nr. 1 1940 pg. 19; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 2.

Distribuição. — Leste da Bolívia, centro e leste do Brasil (Matto-Grosso, Goyaz, Minas Gerais, S. Paulo, E. Santo, Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará.)

- M. N. 17.956, m. Ceará — S. Paulo de Ibiapaba — Snethlage col. 11/6/1910.  
 M. N. 17.955, m. Ceará — S. Paulo de Ibiapaba — Snethlage col. 12/6/1910.  
 M. N. 17.954, ? Minas Gerais — Mariana, Faz. Taveira — Snethlage col. 5/3/1926.  
 M. N. 17.957, m. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 20/6/1927.  
 M. N. 10.004, ? Minas Gerais — Marianna.  
 M. N. 19.631, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 6/5/1940.  
 M. N. 19.632, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/8/1940.  
 M. N. 19.633, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/8/1940.  
 M. N. 20.303, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 25/3/1941.  
 M. N. 20.349, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 27/XI/1940.  
 M. N. 20.350, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/XII/1940.  
 M. N. 20.352, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 19/3/1941.  
 M. N. 22.360, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 7/7/1941.  
 M. N. 19.629, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 24/5/1940.  
 M. N. 19.635, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/4/1940.  
 M. N. 20.304, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 17/4/1941.  
 M. N. 20.351, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 20/2/1941.  
 M. N. 885, ? (Exposição)  
 M. N. 17.941 — 17.942 — 17.943 — 17.944 — 17.945 — 17.946  
 17.947 — 17.948 —  
 M. N. 17.949 — 17.950 — 17.951 — 17.952 e 17.986, ? (Brasil)

#### Genero AMETRORNIS Reichenbach, 1854

Ametrornis Reichenbach, 1854, Aufz. d. Col., p. 14 Typo Ametrornis abnormis Reichenb. (= Trochilus bourcieri Lesson).

*Ametrornis bourcieri* (Lesson, 1832.)

*Trochilus bourcieri* Lesson, 1832, Hist. Nat. Trochil., p. 52, pl. 18 "Brésil".

*Phaethornis bourcierii* Gould, 1853, Mon. Trochil., I, t. 25; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 278; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 24; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 160.

*Ametornis Bourcierii* Simon, 1921, Hist. Nat. Trochil. p. 17; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 252.

Distribuição. — Guiana Inglesa, leste do Equador e do Perú, norte do Amazonas (Rio Negro) Pará, Rio Jamauchim.

M. N. 17.991, f. Pará — Rio Jamauchim, Tucumaré — Sneathlage col. 9/XII/1908.

M. N. 17.992, m. Amazonas — Rio Solimões, Manacapuru —

Sneathlage col. 19/7/1916.

#### Genero PYGMORNIS Bonaparte, 1854

*Pygmornis* Bonaparte, 1854, Rev. Magaz. Zool., p. 250. *Typo Trochilus intermedius* Lesson (= *Tr. longuemareus* Lesson)

#### *Pygmornis idaliae* (Bourcier & Mulsant, 1856)

*Trochilus idaliae* Bourcier & Mulsant, 1856, Ann. Soc. Linn. Lyon (nouv. sér.), III, p. 187: "l'intérieur du Brésil". *Phaethornis obscura* Gould, 1858, Mon. Trochil. I, t. 38. *Pygmornis idaliae* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI p. 284.

*Phaethornis idaliae* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 26; Hellmayr 1915, Verh. der Ornith. Gesell. Bayern, XII, p. 151; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 163.

*Pygmornis idaliae* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 19; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 252. Ruschi, 1946 Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949 Bol. Mus. Biol. Profs. M. Leitão Nr. 1 pg. 19; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 2.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Espírito Santo (Porto Cachoeiro de Santa Leopoldina; Baixo Guandú; Cariacica; Sta. Teresa, etc.). Rio de Janeiro (Nova Friburgo).

M. N. 17.953, f. Espírito Santo — Baixo Guandú — Faz. da Serra — Sneathlage col. 4/XI/1925.

M. N. 16.644, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.

M. N. 19.643, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.

M. N. 19.645, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.

#### *Pygmornis nattereri* (Berlepsch, 1887)

*Phaethornis nattereri* Berlepsch, 1887, The Ibis, ser. 5a., vol. V, p. 289: Engenho do Gama (Rio Guaporé); Har-

tert, 1900, Das Tierr. Troch. p. 26; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 163.

Pygmornis Nattereri Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 21; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 253. Arq. Zool. E. S. P. 1941, Tomo XXV pg. 15.

Distribuição. — Mato-Grosso (Rio Guaporé, Chapada, Taipirapoan, Calçara).

Piauhy (Barra do Cocal), Maranhão (Barra do Corda).

M. N. 17.987, m. Maranhão — S. Bento — Snethlage col. 10/IX/1923.

M. N. 17.988, m. Maranhão — S. Bento — Snethlage col. 13/IX/1923.

#### *Pygmornis ruber ruber* (Linnaeus, 1758)

*Trochilus ruber* Linnaeus, 1758, Syst. Nat., ed. 10a., I, p. 121 (baseado em "The Little Brown Humming -Bird" de Edwards): Surinam (Guiana Holandesa).

*Trochilus rufigaster* Vieillot, 1822, Tabl. Enc. Meth., p. 551.

*Phaethornis rusigaster* Hartert, 1900, Das Tierr., Troc. p. 27.

*Phaethornis pygmaeus* Gould, 1852, Mon. Trochil., I, t. 41.

*Pygmornis pygmaeus* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 285.

*Phaethornis ruber ruber* Hellmayr, 1906, Nov. Zool., XIII, p. 375; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 164;

Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 253. *Pygmornis pygmaea* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 21.

Pinto O. 1935 Av. da Bahia pg. 137.

1947 Arq. Zool. E. S. P. Vol. V pg. 360; 1948 Pap. Avul. Dep. Zool. Vol. VIII S. P. pg. 310.

Ruschi, 1946 Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949 Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nrs. 1 e 3.

Distribuição. — Guianas Holandesa e Franceza, leste da Bolívia e quase todo o Brasil: Amazonas, Pará, noroeste de Mato-Grosso, Piauhy, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goyaz, S. Paulo, E. E. Santo.

M. N. 17.963, m. Ceará — Serra do Castello — F. Q. Lima col. 23/8/1915.

M. N. 18.580, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima 2/XII/1922.

M. N. 17.964, ? Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 3/8/1923.

M. N. 17.958, m. Maranhão — Tury-assu — Snethlage col. 31/X/1923.

M. N. 17.961, m. Minas Gerais — S. Paulo de Muriahé, Faz. Barra Alegre — Snethlage col. 8/XI/1926.

M. N. 17.962, m. Minas Gerais — S. Paulo de Muriahé, Faz. Barra Alegre — Snethlage col. 8/XI/1926.

- M. N. 17.959, m. Goyaz, Nova Veneza, Annapolis — Sneathlage col. 29/XII/1927.  
 M. N. 17.960, m. Goyaz, Nova Veneza, Annapolis — Sneathlage col. 29/XII/1927.  
 M. N. 10.151, m. Brasil.  
 M. N. 18.582, m. Brasil.  
 M. N. 18.581, m. Brasil.  
 M. N. 20.383, ? Rio de Janeiro — Parati — H. F. Berla col. 1941.

Genero **CAMPYLOPTERUS** Swainson, 1826

*Campylopterus* Swainson, 1826, Zool. Journ., II, p. 358. Typo, por design. subs. (1840) de Gray, *Trochilus largipennis* Boddaert (= *Campylopterus latipennis* Swainson).

***Campylopterus largipennis*** (Boddaert, 1783)

*Trochilus largipennis* Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enl., p. 4. 41 (ex pl. 672 f. 2): Cayena.

*Campylopterus latipennis* Gould, 1860, Mon. Trochil. II t. 48.

*Campylopterus largipennis* Salvin, 1892, Cat. Bds., Brit. Mus. XVI, p. 288.

Hartert, 1900, Das Tierreich Troc. p. 31; Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 29; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 253. 1947, Arq. Zool. E. S. P. Vol. V pg. 361.

Distribuição. — Guianas, leste da Venezuela (Orenoco) e Brasil: Amazonas (Rio Negro) Minas Gerais, Goyaz.

M. N. 18.592, m. Goyaz — Galheiro — Rud. Pfrimer coll.

M. N. 860, ? (Exposição)

M. N. 861, ? (Exposição)

***Campylopterus obscurus obscurus*** Gould, 1848

*Campylopterus obscurus* Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., XVI, p. 13: "River Amazon" (= Pará, por sugg. de Hellmayr); Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 289 pt.; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 31. *Campylopterus obscurus obscurus* Hellmayr, Nov. Zool., XIII, 1906, p. 375; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 167; Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil. p. 29; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 254.

Distribuição. — Nordeste do Brasil: Pará (Prata, Peixe-Boi, Marajó, etc.), Maranhão.

M. N. 18.194, m. Pará — E. F. B. Benevides — F. Q. Lima col. 14/8/1911.

M. N. 18.195, m. Pará — Rio Mojú — Conceição — Sneathlage col. 17/12/1915.

- M. N. 18.106, m. Maranhão — Tury-assú, Alto da Alegria —  
Sneathlage col. 19/XI/1923.  
M. N. 9.826, f. Pará — Belém — A. Martins & F. Lima  
col. XI/1928.  
M. N. 777, ? (Exposição)  
M. N. 779, ? Pará. F. Lima.  
M. N. 18.609, ? Pará. F. Lima.  
M. N. 18.650, ? Pará. F. Lima.  
M. N. 18.651, ? Pará. F. Lima.

**Campylopterus obscurus aequatorialis** Gould, 1861

*Campylopterus aequatorialis* Gould, 1861, *Introd. Trochil.*,  
p. 54: proximidades de Quito (Equador).  
*Campylopterus obscurus aequatorialis* Hellmayr, 1906, *Nov.*  
*Zool.*, p. 375, in text; Simon, 1921, *Hist. Nat. Des. Tro-*  
*chil.*, p. 29; Pinto O. 1938 *Cat. Av. Bras.* p. 254.

Distribuição. — Leste da Colombia, do Equador e do Perú,  
nordeste da Bolívia, noroeste do Brasil: sul do Amazonas  
(Rio Madeira).

- M. N. 18.646, ? Matto-Grosso — Rio Jamary — Stolle col.  
M. N. 18.648, ? Matto Grosso — Rio Sete de Setembro —  
Reinisch col. 25/3/1914.  
M. N. 18.649, ? Matto Grosso — Rio Sete de Setembro —  
Reinisch col. 25 3/1914.

**Genero SAEPIOPTERUS** Reichenbach, 1854

*Saeptiopterus* Reichenbach., 1854, *Aufz. d. Colib.*, p. 11.  
Typo *Trochilus lazulus* = *Trochilus falcatus* Sw. —  
*Campylopterus* (ag. part.) Simon; (1)

**Saeptiopterus falcatus** (Swainson, 1821)

*Trochilus falcatus* Swainson, 1821-22, *Zool. Illustr.*, t. 83.  
44; Salvin, 1892, *Cat. Bds., Brit. Mus.* XVI, p. 292; Har-  
*Campylopterus lazulus* Gould, 1856, *Mon. Trochil.* II, t.  
tert, 1900, *Das Tierr. Troc.* p. 32.  
*Campylopterus falcatus* Hellmayr, 1912, and. Sellarb.  
*Arch. fur Naturg. Abt. A,5 Heft.* p. 138; Cory, 1918, *Cat.*  
*Bds. Am.* XIII, pt. II, p. 168.  
*Saeptiopterus falcatus* Simon, 1921, *Hist. Nat. Des Trochil.*  
p. 31.

Distribuição. — Venezuela, Colombia e Norte do Equador.

- M. N. 18.191, ? Venezuela.  
M. N. 18.192, ? Venezuela.  
M. N. 18.193, ? Venezuela.

## Genero EUPETOMENA Gould, 1852

Eupetomena Gould, 1852, Mon. Trochil., Pl. 42 Typo  
Ornismyla hirundinacea Lesson (=Trochilus macrourus  
Gmelin).

## Eupetomena macroura macroura (Gmelin, 1788)

Trochilus macrourus Gmelin, 1788, Syst. Nat., p. 487 (Baseado essencialmente em "Mellisuga cayanaensis, cauda bifurca" de Brisson): Cauena.

Eupetomena hirundinacea Gould, Mon. Trocuil., II, 1853, t. 42.

Eupetomena macroura Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 295.

Eupetomena macroura macroura Hellmayr, 1907, Nov. Zool. XIV, p. 395.

Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 169; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 254.

Eupetomena macroura (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 34.

Eupetomena macroura prasina, Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 34; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 33.

Eupetomena macroura macroura Pinto O. Res. Orn. S. P. e M. G. 1932, p. 46.

1936, Rev. Mus. Paul. Tomo XX pg. 65; 1941, Rev. Mus. Paul. Tomo XXV pg. 15; 1944, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. IV pg. 139; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. IV pg. 139; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. VIII pg. 310.

Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1946, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nrs. 1 e 3.

Distribuição. — Guianas, Paraguay e todo o Brasil, à excepção do nordeste: Amazonas, Pará, Matto Grosso, Goyaz, Minas Gerais, Espírito Santo, S. Paulo.

- M. N. 17.873, m. Pará — Marajó — Faz. Pascoval dos Mellos Lima col. IV/1915.
- M. N. 17.906, m. Minas Geraes — Mariana, Faz. Tavaira Snethlage col. 10/4/1926.
- M. N. 17.905, f. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 24/5/1927.
- M. N. 17.911, f. Goyaz — Alto Rio Roncador — Olho D'água — Snethlage col. 23/6/1927.
- M. N. 17.909, m. Goyaz — Ipamery — Snethlage col. 11/7/1927.
- M. N. 17.913, f. Goyaz — Furo de Pedra — I. Bananal — Snethlage col. 5/9/1927.
- M. N. 17.912, m. Goyaz — Furo de Pedra — I. Bananal — Snethlage col. 10/9/1927.
- M. N. 17.877, ? Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.
- M. N. 18.669, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col. 15/12/1929.

- M. N. 10.012, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.  
13/12/1929.
- M. N. 18.670, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.  
12/12/1929.
- M. N. 18.671, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.  
17/11/1929.
- M. N. 18.672, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.  
19/11/1929.
- M. N. 18.668, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.  
9/11/1929.
- M. N. 18.673, f. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.  
20/12/1929.
- M. N. 18.547, f. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col.
- M. N. 18.522 — 18.521 — 18.560 — 18.546 — 18.520 — 18.541  
— 18.548 — 18.555 —
- M. N. 17.888 — e 17.869, ? Goyaz, Veadeiros — Pfrimer.
- M. N. 20.295, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 5/3/1941.
- M. N. 20.289, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 6/1/1941.
- M. N. 18.620, ? Matto Grosso — Caceres — Hoehne col.
- M. N. 17.884, ? Matto Grosso — Hoehne — col.
- M. N. 18.807, ? Matto Grosso — Alto Cuyabá, Hoehne &
- M. N. 18.808, m. Matto Grosso — Alto Cuyabá, Hoerne &  
Kulm. col.  
Kulm. col. XI/1914.
- M. N. 10.006, f. Minas Gerais — Rio S. Francisco.
- M. N. 17.870, ? Rio de Janeiro — Serra dos Orgãos, Rei-  
nisch col. 3/8/1914.
- M. N. 18.534, ? Rio de Janeiro — P. P. P. Velho col. 1923.
- M. N. 862, ? (Exposição)
- M. N. 863, ? (Exposição)
- M. N. 17.866 — 17.878 — 17.883 — 17.903 — 18.551 — 17.871  
— 17.882 — 17.890 —
- M. N. 17.880 — 17.891 — 17.872 — 17.868 — 17.875 — 17.907  
17.881 — 17.876 —
- M. N. 17.867 — 17.885 — 17.879 — 17.886 — 17.892 — 17.893  
— 17.889 — 17.896 —
- M. N. 17.904 — 17.863 — 17.897 — 17.864 — 17.899 — 17.865  
17.895 — 17.914 —
- M. N. 17.902 — 17.887 — 17.900 e 17.898, ? (Brasil)
- M. N. 10.157, m. Minas — Baía do Paraopéba — Fazenda  
Paraopéba — P. Mir. Rib. Col. 5/930.

**Eupetomèna macroura simoni Hellmayr, 1929**

Euptomena macroura simoni Hellmayr, 1929, Field. Mus.  
Nat. Hist. Publ. Zool. Ser., XII, p. 386: Rio do Peixe,  
perto de Queimadas (Bahia).

Eupetomena macroura Salvin (nec Gmel). (XVI, p. 295);  
Eupetomena macroura simoni Hellmayr Pinto O. 1935 Av.  
da Bahia pg. 138; Cat. Av. Brasil. 1938 p. 255; 1940  
Rev. Mus. Paul. Tomo XXIV pg. 239; 1943, Pap. Avul.  
Dep. Zool. S. P. Vol. III pg. 274; 1944 H. F. Berla,

Bol. Mus. Nac. Nr. 65 pg. 8 Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 4.

Distribuição. — Nordeste do Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco até a Bahia).

- M. N. 17.910, f. Ceará — Ipú — O. Martins col. 21/5/1910.  
 M. N. 17.908, f. Bahia — Lapa do Bom Jesus — Snethlage col. 29/7/1926.  
 M. N. 17.874, f. Ceará — Ipú, Camocim — O. Martins col. VII/1907.  
 M. N. 17.901, m. Ceará — Ipú, Camocim — O. Martins col. 27/5/1910.  
 M. N. 24.858, m. Pernambuco — São Lourenço — H. F. Berla col. 1/10/1944.  
 M. N. 24.859, f. Pernambuco — Recife — H. F. Berla col. 30/XII/1944.  
 M. N. 24.860, m. Pernambuco — Recife — H. F. Berla col. 26/XII/1944.  
 M. N. 24.861, f. Pernambuco — Igarapé — H. F. Berla col. 11/3/1945.

**Genero FLORISUGA Bonaparte, 1850**

Florisuga Bonaparte, 1850, Consp. Gen. Avium, I, p. 73. Typo, Trochilus mellivorus Linn.

**Florisuga mellivora mellivora (Linnaeus, 1758)**

Trochilus mellivorus Linnaeus, 1758, Syst. Nat., ed. 10, I, p. 121 (baseado em "Mellivora ventre albo" de Edwards): "India", errore, subst. Surinam.

Florisuga mellivora Gould, 1861, Mon. Trochil., II, t. 113; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 329.

Florisuga mellivora Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 34.

Florisuga mellivora Hartert, 1900, Das Tierr. Troch. p. 35.

Florisuga mellivora mellivora Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II p. 169. Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 255.

1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 231; 1938, Rev. Mus. Paul. XXIII pg. 509; Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 4.

Distribuição. — Sul do Mexico, America Central, Colombia, Venezuela, Guianas, Equador, Perú e grande parte do Brasil: Amazonas, Pará, Maranhão, Matto-Grosso.

- M. N. 18.218, f. Pará — E. F. B. Benevides — F. Lima col. 16/7/1911.  
 M. N. 18.217, m. Pará — I. de Mosqueiros, Chapeu Virado — Snethlage col. 9/6/1915.  
 M. N. 18.219, m. Pará — Tanaquara — O. Martins col. IX/1915.  
 M. N. 18.220, f. Pará — Tanaquara, Matas do Benjamim — O. Martins col. IX/1915.

- M. N. 18.695, m. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 18.701, m. — 18.697, m. — 18.707, m. — 18.704, m. —  
 18.702, m. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 18.696, f. — 18.700, f. — 18.703, f. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 9.824, f. Pará — Belém — O. Martins e F. Lima  
 col. XI/1928.  
 M. N. 9.823, f. Pará — Belém — O. Martins e F. Lima  
 col. XI/1928.  
 M. N. 18.533, m. Pará — Clevelandia.  
 M. N. 18.699, m. Pará.  
 M. N. 9.815, m. — 18.719, m. — 9.817, m. — 9.818 m. —  
 9.812, m. — 9.819, m. — 18.720, m.  
 M. N. 18.717, f. — 18.199, ? — 18.697, f. — 18.718, m. —  
 Brasil.  
 M. N. 18.708, f. Pará.  
 M. N. 864, f. (Exposição)  
 M. N. 865, m. (Exposição)  
 M. N. 18.197, m. Perú  
 M. N. 18.198, m. Perú.

**Genero MELANOTROCHILUS Deslongchamps, 1880**

*Melanotrochilus* Deslongchamps, 1880, *Guide du Naturaliste*, II, p. 7. *Trochilus fuscus* Vieillot.

***Melanotrochilus fuscus* (Vieillot, 1817)**

- Trochilus fuscus* Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, VII, p. 384: "Brésil" (aceito Bahia para loc. typ.)  
*Florisuga fusca*, Salvin, 1892, *cat. Bds. Brit. Mus.* XVI, 331.  
*Florisuga atra* Gould, 1851, *Mem. Trochil.*, II t. 115.  
*Ornismya lugubris*, Lesson, 1829, *Hist. nat. Ois-Mouches*, p. XVI, 132 t. 38, 39.  
*Melanotrochilus fuscus* Hartert, 1900, *Das Tierr. Troc.* p. 35;  
 Hellmayr, 1915, *Verh. der Ornith. Gesell. Bayern*, XII, p. 152;  
 Cory, 1918, *Cat. Bds. Am.* XIII, pt. II p. 170; Simon, 1921, *Hist. Nat. Des Trochil.*, p. 35; Pinto O. 1938, *Cat. Av. Bras.* p. 256; 1935 *Ab. da Bahia* p. 139; 1940, *Rev. Mus. Paul.* XXIV pg. 240; 1944, *Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. IV* pg. 139; H. F. Berla, 1946, *Bol. Mus. Nac.* Nr. 65 pg. 8; Ruschi, 1946, *Sel. Agric.* Nr. 2 pg. 46-54; 1949, *Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão* Nr. 1 pg. 19; 1950, *Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão* Nr. 4.

Distribuição. — Leste do Brasil: Minas Gerais e estados marítimos, desde pernambuco até Rio Grande do Sul.

- M. N. 18.203, f. Rio de Janeiro — Serra de Itatiaia — Sítio Walter — Snethlage col. 4/4/1927.  
 M. N. 18.204, m. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col. 25/7/1927.

- M. N. 16.769, ? Rio de Janeiro — Serra dos Orgãos — Re-  
nisch col. 24/7/1914.
- M. N. 16.771, ? Rio de Janeiro — Serra dos Orgãos — Re-  
nisch col. 2/7/1914.
- M. N. 16.770, ? Rio de Janeiro — Serra dos Orgãos — Re-  
nisch col. 2/7/1914.
- M. N. 18.686, ? Rio de Janeiro — Rio Cumprido — Sandig  
col. 26/8/1927.
- M. N. 20.022, ? Rio de Janeiro — Pedra Parati — H. Berla  
col. 13/1/1940.
- M. N. 19.576, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 1/9/1940.
- M. N. 19.577, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 6/4/1940.
- M. N. 19.578, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 19/1/1940.
- M. N. 19.581, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 14/9/1940.
- M. N. 19.582, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 3/4/1940.
- M. N. 20.332, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 26/3/1941.
- M. N. 20.333, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 8/4/1941.
- M. N. 20.334, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 7/X/1940.
- M. N. 19.579, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 23/3/1940.
- M. N. 19.580, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 14/9/1940.
- M. N. 20.335, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 7/X/1940.
- M. N. 866, ? (Exposição)
- M. N. 867, ? (Exposição)
- M. N. 18.568 — 18.200 — 18.390 — 18.202 — 18.201 — 18.389  
18.628 —
- M. N. 18.388, ? Brasil.
- M. N. 24.862, m. Pernambuco — Recife — H. F. Berla col.  
23/6/1944.

Genero APHANTOCHROA Gould, 1854

*Aphantochroa* Gould, 1854, Mon. Trochil., II, pl. 54.  
Typo, *Trochilus cirrochloris* Vieillot.

*Aphantochroa cirrochloris* (Vieillot, 1818)

*Trochilus cirrochloris* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist.  
Nat. XXIII, p. 430: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col.  
Delalande).

*Aphantochroa cirrochloris* Gould, 1853, Mon. Trochil., II,  
pl. 54; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 297;  
Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 36; Hellmayr, 1915,  
Verh. der Ornith. Gesell. Bayern, XII, p. 152.

Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 170; Simon, 1921, (a. *cirrochloris*, *cirrochloris aenescens* e *cirrochloris longirostris*) Hist. Nat. Des. Trochil., p. 134. Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 257. 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 65; 1940, Rev. Mus. Paul. XXIV pg. 240; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-53; 1946, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nrs. 1 e 2.

Distribuição. — Centro e leste do Brasil; Matto-Grosso, Goyaz, Minas, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catharina.

M. N. 18.381 e 18.380, m. Goyaz — Annapolis, Nova Veneza Sneathlage col. 15/12/1927.

M. N. 18.382, m. Goyaz — Annapolis, Nova Veneza — Sneathlage col. 19/12/1927.

M. N. 19.614, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/9/1940.

M. N. 20.325, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/12/1940.

M. N. 20.324, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/12/1940.

M. N. 19.637, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 19/4/1940.

M. N. 19.638, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 4/3/1940.

M. N. 19.622, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 25/8/1940.

M. N. 18.652, m. Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.

M. N. 18.629, m. Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.

M. N. 18.588, ? Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.

M. N. 18.383, f. Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.

M. N. 868, ? (Exposição)

M. N. 869, ? (Exposição)

M. N. 18.364 — 18.207 — 18.365 — 18.205 — 18.587 — 18.206, ? Brasil.

#### Genero PATAGONA Gray, 1840

Patagona Gray., List. Gen. Bds. 1840, p. 18. Typo Trochilus gigas Vieill.

#### Patagona gigas gigas (Vieillot, 1852)

Trochilus gigas Vieillot, 1852, Gal. Ois., I, p. 296, t. 180 "Bresil" Ornismya tristis Lesson, 1829, Histo. Nat. Ois. Mouches, p. 43, t. 3. Patagona gigas Gould, 1855, Mon. Trochil., IV, t. 232; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 348 pt. Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 156 pt. Patagona gigas gigas Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 173.

Distribuição. — Bolivia, Argentina e Chile.

M. N. 17.846, ? Argentina.

M. N. 870, ? (Exposição) Argentina.

M. N. 871, ? (Exposição) Argentina.

## Genero AGYRTRINA Chubb, 1916

*Agyrtrina* Chubb, 1916, Birds. Brit. Guiana, I, p. 395 (em subst. a *Agyrtria* Reichenbach). Typo, por designação original, *Uranomitra whitelyi* Boucard.

*Agyrtrina leucogaster leucogaster* (Gmelin, 1788)

*Trochilus leucogaster* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 495 (Cayena.)

*Thaumatias leucogaster* Gould, 1859, Mon. Trochil. V, t. 294;

*Ornismya albirostris*, Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. Mouches, p. 212 t. 78.

*Agyrtria leucogaster* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 181;

*Agyrtria leucogaster* (Typica), Hartert 1900, Das Tierreich *Agyrtrina leucogaster leucogaster* Chubb, 1916, Bds. Brit. Troc. p. 43.

Guiana, I, p. 397;

Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XII, pt. II p. 175; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 258.

*Agyrtria leucogaster* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 111.

Distribuição. — Guianas e norte do Brasil: Maranhão, Piauí (Hellmayr)

M. N. 18.208, ?. Brasil — Bordallo? col.

M. N. 18.209, ?. Brasil — Bordallo? col.

M. N. 873, ?. (Exposição).

*Agyrtrina leucogaster bahiae* (Hartert, 1899)

*Agyrtria leucogaster bahiae* Hartert, 1899, Monatsb. VII, p. 140; Bahia.

Das Tier. Troc. 1900, p. 43; Cory 1918, Cat. Bds. Am. XII, pt. II, p. 175; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 258;

1935, Av. da Bahia p. 139; Rev. Mus. Paul. 1940, Tomo XXIV pg. 240; 1943, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. III pg. 274.

Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 5.

Distribuição. — Leste do Brasil, de Pernambuco à Bahia (Hellmayr). Maranhão.

M. N. 18.119, m. Ceará — Camocim — O. Martins col. 13/5/1910.

M. N. 10.003, m. Ceará — Camocim — O. Martins col. 13/5/1910.

M. N. 19.120, f. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 14/8/1923.

M. N. 18.121, m. Maranhão — Tury-assú — Snethlage col. 3/X/1923.

- M. N. 18.122, m. Maranhão — Tury-assú — Snethlage col.  
13/X/1923.
- M. N. 18.123, m. Maranhão — Tury-assú — Snethlage col.  
13/X/1923.
- M. N. 18.124, m. Maranhão — Tury-assú — Snethlage col.  
15/X/1923.

*Agyrtrina millerii* (Bourcier, 1847)

*Trochilus millerii* Bourcier, 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 43: Manaos (Amazonas, Natterer col).  
*Thaumatias milleri* Gould, 1859, Mon. Trochil., V. t. 296.  
*Agyrtria milleri* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 182; Hartert 1900, Das Tierr. Troc. p. 43. *Agyrtrina milleri* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XII, pt. II. p. 176.  
*Agyrtria milleri* Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil. p. 113.  
*Agyrtrina millerii* Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 258.

Distribuição. — Colombia, Venezuela e região adjacente do Brasil até a margem esquerda do Amazonas (Rio Negro, Rio Jamundá). Pará.

- M. N. 18.789, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col.  
19/7/1922.
- M. N. 18.210, ? Amazonas.
- M. N. 874, ? (Exposição) Colombia-Venezuela.

*Agyrtrina versicolor versicolor* (Vieillot, 1818)

*Trochilus versicolor* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXIII, p. 430: "Bresil".  
*Thaumatias affinis* Gould. 1855, Mon. Trochil. V, t.299:  
*Agyrtria affinis* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 181; *Agyrtria versicolor* Simon & Hellmayr, 1908, Nov. *Agyrtrina versicolor versicolor* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. Zool., XV ( p. 1.  
XIII, pt. II p. 177; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 259; 1932, Res. Orn. S. P. e M. G. p. 74; 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 66; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pg. 15; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. Vol. VIII S. P. pg. 310.

Distribuição. — Leste do Poraguay (Puerto Bertoni), Brasil meridional e central: Matto-Grosso, Goyaz, Minas Gerais, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná.

- M. N. 18.731, m. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col.  
21/7/1927.
- M. N. 18.732, f. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col.  
28/7/1927.
- M. N. 18.733, f. Goyaz — I. Bananal, Furo de Pedra — Snethlage col. 30/9/1927.
- M. N. 18.734, f. Goyaz — Annapolis, Nova Veneza — Snethlage col. 16/XII/1927.

- M. N. 18.735, f. Goyaz — Annapolis, Nova Veneza — Sneathlage col. 19/XII/1927.  
 M. N. 18.457, m. Matto-Grosso, Chapada — H. Smith. col. 27/X/1982.  
 M. N. 18.216, ? e 18.544, ? Brasil.

*Agyrtrina brevisrostris* (Lesson, 1829)

*Ornismya brevisrostris* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois-Mou-ches, p. 211, pl. 77: "Guiane", errore, — loc. typ. presumível Bahia.

*Thaumatias brevisrostris* Gould, 1855, Mon. Trochil., V, t. 298.

*Agyrtria brevisrostris* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 185; Hartert, 1900, Das Tierr., Troc., p. 44.

*Agyrtrina brevisrostris* Pinto.

O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 259;

*Agyrtria versicolor brevisrostris* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 115. *Agyrtrina versicolor brevisrostri* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 177. Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2, pg. 46-54; 1949 Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nrs. 1 e 1950, Nr. 4.

Distribuição: — Sudeste do Brasil: Bahia, Rio de Janeiro, leste de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, E. E. Santo.

- M. N. 18.230, m. Espírito Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Sneathlage col. 12/X/1925.  
 M. N. 18.229, f. Minas Geraes — Marianna, Faz. Taveira — Sneathlage col. 13/4/1926.  
 M. N. 18.226, m. Rio de Janeiro — S. Itatiaya, Sitio Walter — Sneathlage col. 9/4/1927.  
 M. N. 18.227, m. e 18.228, m. Rio de Janeiro — Serra do Itatiaya, Sitio Walter — Sneathlage col. 10/IV//1927.  
 M. N. 18.788, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — Victor M. Rib. col. VII/1919.  
 M. N. 19.649, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/9/1940.  
 M. N. 20.291, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 5/X/1940.  
 M. N. 20.290, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 10/XI/1940.  
 M. N. 20.292, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 30/9/1940.  
 M. N. 18.784, ? 18.783, ? 18.215, ? 18.214, ? 18.456, ? Brasil.

*Agyrtrina fimbriata fimbriata* (Gmelin, 1788)

*Trochilus fimbriatus* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 493: Cayena.

*Agyrtria viridissima* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 186; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 45.

*Agyrtria fimbriata fimbriata* Hellmayr, 1910, Nov. Zool., XVII, p. 375.

*Agyrtrina fimbriata fimbriata* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 177.  
Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 260; 1938 Rev. Mus. Paul. XXIII pg. 554.

Distribuição. — Venezuela, Trinidad, Guianas e porção adjacente do Brasil, até a margem esquerda do Rio Amazonas e as ilhas do delta (Mexiana).

- M. N. 18.231, ? Pará — Rio Quatipur , Flôr do Prado — Snethlage col. 25/X/1916.  
M. N. 18.232, m. Pará — Rio Quatipur , Flôr do Prado — F. Lima col. 27/X/1916.  
M. N. 845, ? (Exposi o) Brasil.  
M. N. 18.460, ? e 18.470, ? Brasil.

*Agyrtrina fimbriata nigricauda* (Elliot, 1878)

*Thaumatias nigricauda* Elliot, 1878, The Ibis, 4 ser., V, p. 47: Bahia.

*Agyrtria nigricauda* Elliot, 1879, Syn. Trochil, p. 208; Harter 1900, Das Tierreich Troc. p. 47; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. XVI, p. 192.

*Agyrtria albiventris nigricauda* Hellmayr, 1903, Nov. Zool., XV, p. 74.

*Agyrtria fimbriata nigricauda* Simon, 1912, Bull. Mus. Hist. Nat.

*Agyrtrina fimbriata nigricauda* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XVII, p. 375, no text.

Paris, XVIII, Nr. 8, p. 500; Hellmayr, 1910, Nov. Zool., XIII, pt. II, p. 177; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 260; 1932, Res. Orn. S. P. M. G. p. 46; 1936, Rev. Mus. Paul. XX, pg. 68; 1940, Rev. Mus. Paul. XXIV, pg. 240; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pg. 15; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. vol. VIII pg. 310.

Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 5.

Distribui o. — Leste da Hol via, Brasil central e oriental, ao sul do Rio Amazonas: Pará (Rio Tapajoz), Matto Grosso, Goyaz, Minas Geraes, Maranhão, Piauhy, Ceará, Bahia, S. Paulo (Barretos).

- M. N. 18.234, m. Ceará — Ipu — Snethlage col. 31/V/1910.  
M. N. 18.238, m. Ceará — Serra de Ibiapaba, S. Paulo — O. Martins col. 4/6/1910.  
M. N. 18.240, m. Ceará — Serra de Ibiapaba, S. Paulo — O. Martins col. 10/6/1910.  
M. N. 18.241, ? Ceará — Serra de Ibiapaba, S. Paulo — Snethlage col. 12./6/1910.  
M. N. 18.235, m. Maranh o — S. Bento — Snethlage col. 7/9/1932.  
M. N. 18.236, m. Maranh o — S. Bento — Snethlage col. 8/9/1923.  
M. N. 18.239, m. Maranh o — Tury-assu — Snethlage col. 12/X/1923.

- M. N. 18.244, m. Maranhão — Tury-assú — Snethlage col. 7/XII/1923.
- M. N. 18.245, m. Maranhão — Tury-assú — Snethlage col. 5/I/1924.
- M. N. 18.237, m. Minas Geraes — R. S. Francisco, Pirapora — Snethlage col. 2/6/1926.
- M. N. 18.243, m. Minas Gerais — R. S. Francisco, Brejo, Januaria — Snethlage col. 23/6/1926.
- M. N. 18.245, m. Bahia — Lapa do Bom Jesus — Snethlage col. 16/7/1926.
- M. N. 18.249, m. Bahia — Rio Paraguasséu, Cachoeira — Snethlage col. 26/8/1926.
- M. N. 18.233, m. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 21/V/1927.
- M. N. 18.242, m. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 14/6/1927.
- M. N. 18.247, m. Goyaz — I. Bananal, Furo de Pedra — Snethlage col. 5/9/1927.
- M. N. 18.248, f. Goyaz, — I. Bananal, Furo de Pedra — Snethlage col. 6/9/1927.
- M. N. 18.250, f. Goyaz — I. Bananal, Furo de Pedra — Snethlage col. 8/X/1927.
- M. N. 18.622, ?, Mato-Grosso, Caceres — Hoehne col. 18/8/1908.
- M. N. 18.613, m. Matto-Grosso, Caceres — Hoehne col. 18/8/1908.
- M. N. 18.462, m. Matto-Grosso, Cuyabá — S. Schmith col. 3/XII/1883.
- M. N. 18.656, f. Matto-Grosso — Hoehne (Com. Rondon) col. IV/1911.
- (M. N. 18.606, ?, Matto-Grosso — Mocqueri col. 1909.
- M. N. 18.655, m. 18.640, f. 18.618, ?, 18.621, ?, 18.623, ?, 18.657, ?, e
- M. N. 18.619, ?, Matto-Grosso, Caceres, Hoehne col.
- M. N. 18.542, ?, 18.614, ?, 18.594, ?, 18.598, ?, 18.616, ?, Goyaz — Arraias, Pfrimer col.
- M. N. 18.222, ?, 18.543, ?, 18.571, ? e 18.558, ?. Brasil.

*Agyrtrina lactea lactea* (Lesson, 1829)

*Ornismya lactea* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. — Mouches, pl. 56.

*Hylocharis lactea* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 247; Gould, 1859, Mon. Trochil., V. t. 343.

*Agyrtria lactea* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 44.

*Agyrtrina lactea* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 176;

Pinto O. 1936, Cat. Av. Bras. p. 261; 1944, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. IV, pg. 139.

Ruschi, 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 3.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo.

- M. N. 18.211, ?. Minas Gerais — Rio das Velhas.  
 M. N. 872, ?. (Exposição)  
 M. N. 18.642, ?. 18.452, ?. 18.454, ?. 18.212, ?. 18.453, ?.  
 Brasil.

***Agyrtina tephrocephala* (Vieillot, 1818)**

*Trochilus tephrocephalus* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat. XXIII, p. 430.

*Thaumatias albiventris* Gould, 1856, Mon. Trochil., V. t. 301.

*Agyrtina tephrocephala* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 191; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 46; Elliot, 1897, Syn. Trochil., p. 206.

*Agyrtina tephrocephala* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 179; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 261; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nrs. 1 e 3.

Distribuição. — Zona litoral dos estados meridionais do Brasil (Rio de Janeiro, E. Santo, S. Paulo, S. Catharina).

- M. N. 18.111, m. Minas Gerais — S. Paulo de Muriaé, Faz. Barra Alegre — Sneath col. 8/XI/1926.  
 M. N. 19.532, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/4/1940.  
 M. N. 20.288, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 15/6/1940.  
 M. N. 18.792, ?. Brasil — Off. Sr. Brandão — 2/XII/1913.  
 M. N. 846, ?. (Exposição)  
 M. N. 847, ?. (Exposição)  
 M. N. 18.471, ?. 18.461, ?. 18.468, ?. 18.312, ?. 18.463, ?.  
 18.465, ?.  
 M. N. 18.311, ?. 18.467, ?. 18.464, ?. 18.460, ?. 18.313, ?.  
 Brasil.

**Genero POLYERATA Heine, 1863**

*Polyerata* Heine, Journ. fur. Ornith., 1863, p. 194, no text. Typo *Trochilus amabilis* Gould.

***Polyerata amabilis* (Gould, 1851)**

*Trochilus amabilis* Gould, 1851, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 115 "Nova Granada" Colombia.

*Damophila amabilis* Gould, 1859, Mon. Trochil., V. t. 341; Elliot, 1879 Syn. Trochil., pg. 234; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 116. *Polyerata amabilis* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 237; Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 179.

*Agyrtina amabilis* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 48.

Distribuição. — Nicaragua (Rio Escondido). Costa Rica, Panamá, Colombia (Região do Pacifico, vales do Cauca e do Magdalena e Andes e Bogotá) N. O. do Equador.

M. N. 18.223, m. Equador.

M. N. 18.224, m. — 18.225, m. — 18.484, m. Equador.

**Genero URANOMITRA Reichenbach, 1853**

*Uranomitra* Reichenbach, 1853, Aufz. d. Col. p. 10.  
Typo *Trochilus franciae* Bourcier & Mulsant.

***Uranomitra franciae* (Bourcier & Mulsant, 1846)**

*Trochilus franciae* Bourcier & Mulsant, 1846, Ann. Sc. Phys. et. Nat. Lyon, IX, p. 324 (Vale do Cauca, Colombia).  
*Cyanomyia franciae* Gould, 1860, Mon. Trochil., V, t. 287;  
Salvin, 1892 Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 199.  
*Agyrtria franciae* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 49.  
*Uranomitra franciae* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 197;  
Hellmayr, 1911, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 1182;  
Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H. XXXVI, p. 287;  
Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 180.

Distribuição. — Colombia (Rio Dagua, Vale do Cauca e Bogotá).

M. N. 18.321, f. e 18.322, m. Colombia.

**Genero LEPIDOPYGA Reichenbach, 1855**

*Lepidopyga* Reichenbach, 1855, Troch., Enum. p. 7.  
Typo *Trochilus goudoti* Bourcier.

***Lepidopyga goudoti goudoti* (Bourcier, 1843)**

*Trochilus goudoti* Bourcier, 1843, Rev. Zool., VI, p. 100.  
(Ybague, Colombia).  
*Sapphironia goudoti* Gould, 1860, Mon. Trochil., V, t. 345.  
*Cyanophaia goudoti* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 239;  
Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 234.  
*Lepidopyga goudoti* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 50.  
*Lepidopyga goudoti goudoti* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 181.  
*Sapphironia goudoti* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 75.

Distribuição. — Colombia central.

M. N. 849, ? (Exposição) Colombia.

**Genero SAUCEROTTIA Bonaparte, 1849**

*Saucerotia* Bonaparte, 1849, Consp. Av., I, p. 77. Typo *Trochilus saucerotti* Bourcier & Delattre.

***Saucerotia cyanifrons* (Bourcier, 1843)**

*Trochilus cyanifrons* Bourcier, 1843, Rev. Zool., p. 100.  
(Ybague, Colombia)

*Saucerottia cyanifrons* Gould, 1856, Mon. Trochil., V, t. 323; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 182. *Saucerottia* C. Hartert, 1900, Tierr. Troc. p. 52.

*Saucerottia cyaneifrons* Simon, 1921, H. N. Des. Trochil., p. 120.

*Amazilia cyanifrons* Elliot, 1879, Syn. Troc., p. 256; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 227.

Distribuição. — Colombia.

M. N. 18.316, ? 18.317, ? 18.318, ? Colombia.

***Saucerottia devillei* (Bourcier & Mulsant, 1848)**

*Trochilus devillei* Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Zool., p. 272 (Guatemala).

*Amazilia devillei* Gould, 1860, Mon. Trochil., V, t. 313.

*Amazilia devillii* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 211.600.

*Saucerottia devillei* Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., No. 50, V, p. 447.

Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 187.

*Saucerottia devillei* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 57; Simon, 1921, H. N. Trochil., p. 117.

Distribuição. — Mexico, Salvador, Guatemala.

M. N. 18.319, ? e 18.320, ? Guatemala.

***Saucerottia beryllina beryllina* (Licht., 1830)**

*Trochilus beryllinus* Lichtenstein, 1830, Preis. — Verz. Mex. Voyg., p. 1 (Mexico).

*Amazilia beryllina* Gould, 1861, Mon. Trochil., V, t. 312; Elliot, 1879 Syn. Trochil., p. 221; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 209. *Ornismya arsinoe* Lesson, 1892, Hist. Nat. Colib. (Supl. Ois-Moucudes), p. 154, ts. 28-29.

*Saucerottia beryllina* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 56. Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 118.

*Saucerottia beryllina* Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., N.º 50, V, p. 449. Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 187.

Distribuição. — Mexico.

M. N. 848, ? (Exposição). Mexico.

**Genero AMAZILIS Gray, 1840**

*Amazilis* Gray, 1840, List. Gen. Bds., p. 14. Tipo *A. latirostris* Swains.

**Amazillis amazilli** (Lesson, 1830)

- Ornismya amazilli Lesson, 1830, Voy. Coquille, p. 663 (Perú)  
 Amazilla pristina Gould, 1861, Mon. Trochil., V, t. 303;  
 Salvin, 1892 Cat. Bds. Brit. Mus., XVI p., 205.  
 Amazilla amazilla Hartert, 1900, Das. Tierr. Troc. p. 60.  
 Amazillis amazilla Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil.,  
 p. 108.  
 Amazillis amazia Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II,  
 p. 191.

Distribuição. — Oeste do Perú.

M. N. 850, ? e 851, ? (Exposição) Perú.

**Genero BASILINNA** Boie, 1831

- Boie, 1831, Isis, p. 546. Typo *T. leucotis* Vieill-  
 melanotis Sw.  
 Basilinna (nom. emend. ?) Reichenb., Nat. Syst. Vog.,  
 1849, t. 29.

**Basilinna leucotis leucotis** (Vieillot, 1818)

- Trochilus leucotis Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat.,  
 2a. ed., XXIII, p. 428. "Brésil" errore. Mexico.  
 Ornismya Arsennii Lesson, 1829-30, O. M. pp. XXVII e  
 60, t. 9.  
 Basilinna leucotis Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI,  
 p. 252.  
 Hylocharis leucotis Harter, 1900, Das Tierr. Troc., p. 66;  
 Hellopaedica melanotis Gould, 1858, Mon. Trochil.  
 II, t. 64.  
 Basilinna melanotis Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil.  
 p. 93.  
 Basilinna leucotis leucotis Ridgway, 1911, Bull. U. S.  
 Nat. Mus., N.º 50, V, p. 378.

Distribuição. — Mexico e Guatemala.

M. N. 18.322, m. Mexico.

M. N. 18.324, m. Mexico.

**Genero HYLOCHARIS** Boie, 1831

- Hylocharis Boie, 1831, Isis, p. 546. Typo, por subse-  
 quente design. de Gray (1840), *Trochilus sapphirinus*  
 Gmelin.

**Hylocharis chrysurus** (Shaw, 1811)

- Trochilus chrysurus Shaw, 1811, Gen. Zool., VIII, pt. 1,  
 p. 335. Azara. Paraguay.  
 Trochilus ruficollis Vieillot, 1817, Nouv. Dict. ed. 2a. v.  
 7, p. 362.

*Ornismya chrysur* Lesson, 1832, Hist. Nat. Colibris, suppl. p. 107. t. 4.

*Chrysuronia chrysur* Gould, 1860, Mon. Trochil. V, t. 329.

*Chrysuronia ruficollis* Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 251.

*Hylocharis ruficollis* (Typica), H. r. *maxwelli*, Hartert 1900, Das Tierr. Troc. p. 67; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 197.

*Hylocharis chrysur* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 90;

Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 263; *Hilocharis chrysur chrysur* Pinto O. 1932, Rev. Mus. Paul. Tomo XVII-2a, pg. 735; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pg. 16.

Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 4.

Distribuição. — Leste da Bolívia, Paraguay, Brasil meridional e central (Matto-Grosso, Minas Gerais, S. Paulo, Santa Catharina, R. G. do Sul).

M. N. 18.339, m. R. G. do Sul — Uruguayana, Imbaá — Sneathlage col. 1/X/1928.

M. N. 18.338, ? R. G. do Sul — Uruguayana, Imbaá — Sneathlage col. 5/X/1928.

M. N. 18.340, m. Goyaz — Ferreiro — Sneathlage col. 23/7/1927.

M. N. 18.341, f. Matto-Grosso — Corumbá, Urucum — Sneathlage col. 22/XI/1928.

M. N. 18.342, ? Matto-Grosso — Corumbá, Urucum — Sneathlage col. 5/II/1929.

M. N. 18.628, m. Matto-Grosso — Corumbá — Hoenne col. VII/1911.

M. N. 18.625, m. Matto-Grosso — Caceres — Hoenne col.

M. N. 18.626, m. e 18.576, m. Matto-Grosso — Caceres — Hoenne col.

#### *Hylocharis cyanus cyanus* (Vieillot, 1818)

*Trochilus cyaneus* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXIII, p. 426: "Brésil" (Bahia, patria typ. presumível).

*Hylocharis cyanea* Gould, 1852, Mon. Trochil. V. t. 344; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 237; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 246.

*Hylocharis cyanus* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 67.

*Hylocharis cyamus* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 90.

*Hylocharis cyanus cyanus* Hallmayr, 1915, Verh. der Ornith. Gesell.

Bayern, XII, p. 152; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 197.

Pinto O. 1939, Cat. Av. Bras. p. 263; 1948, Pap. Avul Dep. Zool. S. P. vol. VIII pg. 310; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Bio. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19; 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 4.

Distribuição. — Leste do Brasil: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo.

- M. N. 18.754, f. Espírito Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Snethlage col. 24/8/1925.
- M. N. 18.757, f. Espírito Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Snethlage col. 8/X/1925.
- M. N. 18.758, m. Espírito Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Snethlage col. 13/X/1925.
- M. N. 18.759, m. Espírito Santo — C. Itapemirim, Morro Grande — Snethlage col. 24/XI/1925.
- M. N. 18.760, m. Bahia — Rio Paraguassú, Cachoeira — Snethlage col. 20/8/1926.
- M. N. 18.761, m. Bahia — Rio Paraguassú, Cachoeira — Snethlage col. 23/8/1926.
- M. N. 18.762, f. Bahia — Rio Paraguassú, Cachoeira — Snethlage col. 27/8/1926.
- M. N. 18.756, m. Minas Geraes — S. P. de Muriané, Faz. Barra Alegre — Snethlage col. 26/XI/1926.
- M. N. 18.755, m. Minas Gerais — Serra do Caparaó — Campos S. Domingos — Snethlage col. 3/9/1929.
- M. N. 18.529, m. Espírito Santo — Bananal — P. P. Peixoto col. XI/1924.
- M. N. 18.664, m. Rio de Janeiro — Realengo — A. L. Carvalho col. 29/9/1933.
- M. N. 10.146, f. Rio de Janeiro — Barreira — P. M. Ribeiro col. 23/4/1926.
- M. N. 10.122, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — P. Schirch col.
- M. N. 19.562, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 15/5/1940.
- M. N. 19.563, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 16/5/1940.
- M. N. 19.564, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 30/8/1940.
- M. N. 19.565, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 1940.
- M. N. 19.566, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 1/9/1940.
- M. N. 19.567, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 28/8/1940.
- M. N. 19.569, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 1/9/1940.
- M. N. 19.570, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 18/5/1940.
- M. N. 19.571, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 1/9/1940.
- M. N. 20.337, m. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 16/XII/1940.
- M. N. 19.561, f. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 14/9/1940.
- M. N. 19.572, f. Espírito Santo — Sta. Teresa, Ruschi col. 16/5/1940.
- M. N. 18.492, f. — 18.753, f. — 18.488, f. — 18.486, m. — 18.474, m. — 18.473, m.

- M. N. 18.490, f. — 18.485, m. — 18.483, m. — 10.007, m.  
 18.479, m. — 18.751, m.  
 M. N. 18.481, ? — 18.455, ? — 18.482, m. 18.472, m. —  
 18.477, m. — 18.476, m.  
 M. N. 18.480, m. — 18.752, m. — 18.475, m. — 18.570, m.  
 18.478, m. e 18.491, f. Brasil.  
 M. N. 852, m. (Exposição)  
 M. N. 853, ? (Exposição)

***Hylocharis cyanus rostrata* Boucard, 1895**

*Hylocharis cyanea rostrata* Boucard, 1895, Gen. Hum. Bds., p. 400; Rioja (Perú).

*Hylocharis cyanus rostrata* Hartert, 1898, Nov. Zool., V, p. 520; 1900 Das Tierr. Troc. p. 67. Simon, 1912, Bull. Mus. d'Hist. Nat. N.º 8. p. 501 Pinto o. 1938, Cat. Av. Bras. p. 263.

Distribuição. — Leste do Perú e da Bolívia, oeste de Matto Grosso (Rio Paraguay). Goyaz (I. Bananal).

- M. N. 18.737, m. Goyaz — I. Bananal, Furo de Pedra — Snethlage col. 30/9/1927.

***Hylocharis cyanus viridiventris* Berlepsch, 1880**

*Hylocharis viridiventris* Berlepsch, 1880, The Ibis, p. 113; Merida (Venezuela).

*Hylocharis cyanus viridiventris* Hellmayr, 1898, Nov. Zool., p. 520; Id., XIII, 1906, p. 376; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 68; Cory, 1918 C. B. Am. XIII, pt. II, p. 198; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 263; H. F. Berla, 1946, Bol. Mus. Nac. Nr. 65 pg. 8.

Distribuição. — Venezuela, Guianas, noroeste e Nordeste do Brasil: Amazonas (Rio Madeira), Pará (Prata, Rio Iriri), Maranhão (Tury-assú), Pernambuco, (Recife).

- M. N. 18.112, m. Pará — Rio Iriri, S. Julia — Snethlage col. 4/6/1914.  
 M. N. 18.114, m. Maranhão — Tury-assú, Alto da Alegria — Snethlage col. 9/9/1923.  
 M. N. 18.113, m. Maranhão — Tury-assú, Alto da Alegria — Snethlage col. 12/XI/1923.  
 M. N. 24.867, m. Pernambuco — Recife, H. F. Berla — col. 26/8/1944.

***Hylocharis sapphirina sapphirina* (Gmelin, 1788)**

*Trochilus sapphirina* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 496 (Guiana).

*Ornismya sapphirina* Lesson, 1829-30, O. M. p. XXIX, 172, t. 56 e 57.

*Hylocharis sapphirina* Gould, 1852, Mon. Trochil. V. 342; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 236; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 245; Hartert, 1898 Nov. Zool., V, p. 520, in text; Hellmayr, 1906, Nov. Zool. XIII, p. 376.

- Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 90.  
 Hylocharis sapphirina (Typica) Hartert, 1900, Das Tierr.  
 Troc. p. 68.  
 Hylocharis sapphirina sapphirina Cory, 1918, C. B. Am.  
 XII, pt. p. 198.  
 Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 264.  
 Hylocharis guianensis Boucard, 1891, The Hum. Bird, I,  
 p. 52.  
 Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, Nr. 5.

Distribuição. — Venezuela, Ilhas Trinidad e Tobago, Guianas, leste da colômbia, do Equador, e do Perú, norte do Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Parahyba, Pernambuco, Bahia, norte de Goyaz).

- M. N. 18.787, f. Pará — Utinga — F. G. Lima col. 2/9/1922.  
 M. N. 9.820, m. Pará — Belem — O. Martins & Lima col. XI/1928.  
 M. N. 18.705, f. — 18.710, f. — 18.714, f. — 18.713, m. — 18.711, f. 18.706, m.  
 M. N. 18.716, m. — 18.715, f. — 18.331, f. — 18.709, f. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 9.814, f. — 9.811, f. — 18.330, f. — 18.329, m. — 18.326, m. — 18.325, m. e  
 M. N. 18.712, m. Pará.

*Hylocharis sapphirina latirostris* (Wied, 1832)

- Trochilus latirostris Wied, 1832, Beitr. Naturg. Bras., VI, p. 64: Belmonte (Bahia).  
 Hylocharis latirostris Brabourne & Chubb, 1912, Bds. S. Am., I, p. 117.  
 Hylocharis brasiliensis Boucard, 1893, The Hum. Bird., III, p. 7.  
 Hylocharis sapphirina Goeldi, 1905, Alb. de Av. Amazon. pt. 3, t. 45.  
 Hylocharis sapphirina sapphirina Cory, 1918, Cat. Av. Am. XIII, pt. II, p. 198; Pinto O. 1938, Cat. Av. Brs. p. 264; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19.

Distribuição. — Republica Argentina, Paraguay, e leste do Brasil (Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo).

- M. N. 18.535, m. Espirito Santo — Bananal — P. P. Feixoto col. XI/1924.  
 M. N. 18.528, m. Espirito Santo — Bananal — P. P. Feixoto col. XI/1924.  
 M. N. 19.568, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.  
 M. N. 19.573, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.  
 M. N. 19.574, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/3/1940.

M. N. 18.575, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 18/3/1940.

M. N. 854, m. (Exposição).

M. N. 855, f. (Exposição).

M. N. 18.493, m. — 9.813, m. — 18.328, m. — 18.327, f.  
Brasil.

#### Genero **CHRYSURONIA** Bonaparte, 1850

*Chrysuronia* Bonaparte, 1850, *Consp. Av.*, I, p. 75. Typo  
*Ornismya oenone* Lesson.

#### *Chrysuronia oenone oenone* (Lesson, 1832)

*Ornismya oenone* Lesson, 1832, *Hist. Nat. Ois.* — Mouches;  
Suppl., p. 157. pl. 30 ("La Trinite").

*Chrysuronia oenone* Gould, 1859, *Mon. Trochil.* V, t. 325;

*Chrysuronia oenone* (typica) Hartert, 1900, *Das Tierr.*  
Salvin, 1892, *Cat. Gds. Brit. Mus.* XVI, p. 248.

*Troc.* p. 69.

*Chrysuronia oenone oenone* Hellmayr & Seilern, 1912,

*Arch. fur. Naturg.*, A 5 Heft, p. 139.; Cory, 1918, *C. B.*

*Am.* XIII, pt. II, p. 199; Simon, 1921, *Hist. Nat. Des.*

*Trochil.* p. 87.

Distribuição. — Venezuela, Equador; Trindad? (Boucard  
col.).

M. N. 18.335, ?. — 18.336, ?. — 18.337, ?. Venezuela.

M. N. 856, ?. (Exposição).

#### Genero **CHLORESTES** Reichenbach, 1854

*Chlorestes* Reichenbach, 1854, *Aufz. d. Col.*, p. 7 Typo,  
*Trochilus cyanogenys* Ied (= *Trochilus notatus* rei-  
chenbach).

#### *Chlorestes notatus* (Reichenbach, 1795)

*Trochilus notatus* Reichenbach, 1795, *Magaz. Thierr.*, II,  
p. 129 (Cayena).

*Eucephala caerulea* Gould, 1857, *Mon. Trochil.* V, t.  
335; Salvin, 1892 *C. B. Brit. Mus.* XVI, p. 241.

*Ornismya audeberti*, Lesson, 1829, *H. N. O. M.*, p. XXX,  
164 t. 51.

*Ornismya Wiedii* Lesson, *H. N. Col.*, suppl. p. 150 t. 26.

*Chlorestes notatus* Berlepsch, 1908, *Nov. Zool.*, XV, p.  
266; Hellmayr 1910, *Nov. Zool.*, XVII, p. 376.

*Chlorestes notatus notatus* Cory, 1918, *Cat. Bds. Am.*

*Chlorestes notatus* Simon, 1921, *Hist. Nat. Des Trochil.*  
XIII, pt. II, p. 200.

p. 89;

Pinto O. 1938, *Cat. Av. Bras.* p. 264; 1938, *Rev. Mus.*  
Paul. XXIII pg. 554; 1940, *Rev. Mus. Paul.* XXIV, pg.

240; 1947, Arq. Zool. E. E. S. P. vol. V, pg. 366; Berla H. F.; 1946, Bol. Mus. Nac. Nr. 65, pg. 9; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19 e Nr. 3.

Distribuição. — Venezuela, Ilhas Trinidad e Tobago, Guianas, leste da Colombia, do Equador, e do Perú, norte do Brasil (Amazonas, Pará, Ceará, Maranhão, Parahyba, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, norte de Goyaz).

- M. N. 18.349, f. Pará — Rio Tocantins, Cameté — F. Lima col. 14/I/1911.  
 M. N. 18.352, f. Pará — Rio Tocantins, Cameté — Snethlage col. 21/I/1911.  
 M. N. 18.356, m. Pará — Belem — Snethlage col. 9/2/1914.  
 M. N. 18.347, m. Ceará — Serra do Castello — F. Lima col. 15/8/1915.  
 M. N. 18.345, m. Amazonas — Rio Negro, Acajatuba — F. Lima col. 30/6/1918.  
 M. N. 18.344, m. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 3/8/1923.  
 M. N. 18.346, m. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 9/8/1923.  
 M. N. 18.350, m. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 16/8/1923.  
 M. N. 18.351, f. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 17/8/1923.  
 M. N. 18.353, m. Maranhão — Turry-assú — Snethlage col. 16/X/1923.  
 M. N. 18.348, m. Maranhão — Turry-assú — Snethlage col. 26/X/1923.  
 M. N. 18.354, f. Maranhão — Turry-assú — Snethlage col. 3/X/1923.  
 M. N. 18.355, m. Maranhão — Turry-assú — Snethlage col. 12/XII/1923.  
 M. N. 18.343, f. Maranhão — Turry-assú — Snethlage col. 14/XII/1923.  
 M. N. 18.819, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 25/6/1922.  
 M. N. 18.631, m. Pará — Clevelandia — Lima col.  
 M. N. 18.634, m. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 19.613, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.  
 M. N. 19.647, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.  
 M. N. 19.648, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/5/1940.  
 M. N. 18.505, m. — 18.816, m. — 18.660, m. — 18.332, m. — 18.814, m. Brasil.  
 M. N. 18.790, f. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 19/7/1922.  
 M. N. 18.791, f. e 18.786, f. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 18.503, m. — 18.504, m. — 18.785, f. — 18.453, f. — 18.638, m. Brasil.  
 M. N. 857, m. (Exposição)  
 M. N. 858, m. (Exposição).

M. N. 24.868, m. Pernambuco — Recife — H. F. Berla. col. 2/9/1944.

M. N. 24.869, m. Pernambuco — Recife — H. F. Berla. col. 2/9/1944.

Genero **CHLOROSTILBON** Gould, 1853

*Chlorostilbon* Gould, 1853, Mon. Trochil., p. t. V, pl. 355. Typo "*Ornismya prasina*", não de Lesson (= *Trochuranni* Bourc. & Muls.).

***Chlorostilbon aureoventris aureoventris*** (d'Orb. & Lafresn., 1838)

*Ornismya aureoventris* D'Obigny & Lafresnaye, 1838, Syn. Av. Magaz. de Zool., VIII, cl. II, p. 28: Bolivia.

*Chlorostilbon phaeton* Gould, 1861, Mon. Trochil., V, t. 354.

*Chlorostilbon splendidus* Elliot, 1875, Ibis, p. 165; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 49.

*Chlorostilbon aureiventris* Chubb, 1910, Ibis, p. 268; Simon, 1912, Bull. Mus. d'Hist. Nat., p. N.º 8, p. 501.

*Chlorostilbon aureoventris* (typicus) Hartert, 1900, Das chilus pucheranni Bourc. & Muls.).

Tierr. Troc. p. 73; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 202.

Distribuição. — Bolivia, Paraguay, oeste da Rep. Argentina e Brasil ocidental: Matto Grosso (Chapada, Caceres, Uru-cum, etc.).

M. N. 18.144, m. Matto Grosso — Cuyabá, Burity — Snethlage col. 8/1/1929.

M. N. 18.539, m. Matto Grosso — Morro Podre.

M. N. 18.139, f. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 1/6/1927.

M. N. 18.141, m. Goyaz — Ipamery — Snethlage col. 8/7/1927.

M. N. 18.142, m. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col. 22/7/1927.

M. N. 18.143, m. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col. 27/7/1927.

M. N. 18.736, f. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 28/VI/1927.

M. N. 18.577, m. — 18.495, m. e 18.496, m. Goyaz.

***Chlorostilbon aureoventris berlepschi*** (Berlepsch & Ihering, 1885)

*Chlorostilbon splendidus egregius* Berlepsch & Ihering (nec Heine). 1885, Zeitschr. gesam. Ornith., p. 155: Taquara (Rio Grande do Sul.)

*Chlorostilbon aureoventris berlepschi* Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 267.

Distribuição. — Leste da Argentina e porção meridional do Brasil (Rio Grande do Sul).

- M. N. 18.131, m. R. G. do Sul — Uruguayana, Imbaá —  
Snethlage col. 26/9/1928.  
M. N. 18.132, m. R. G. do Sul — Uruguayana, Imbaá —  
Snethlage col. 29/9/1928.  
M. N. 18.133, m. R. G. do Sul — Uruguayana, Imbaá —  
Snethlage col. 4/X/1928.  
M. N. 18.134, f. R. G. do Sul — Uruguayana, Imbaá —  
Snethlage col. 6/X/1928.  
M. N. 18.135, f. R. G. do Sul — Uruguayana, Passo da  
Cruz — Snethlage col. 17/X/1928.  
M. N. 859, m. (Exposição).

**Chlorostilbon aliciae** (Bourcier & Mulsant, 1848)

*Trochilus aliciae* Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Zool., p. 274. (Caracas).

*Chlorostilbon aliciae* Gould, 1860, Mon. Trochil., V, t. 357.  
*Panychlora aliciae* Salvin, 1892, Cat. Brit. Mus. XVI, p. 70; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 59.

*Chlorostilbon aliciae* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 79.  
*Chlorostilbon aliciae* Cory, 1918, Cat. Bds. Am. XIII, pt. II, p. 207.

Distribuição. — Venezuela.

- M. N. 18.500, m. — 18.501, f. — 18.502, f. — 18.260, f. —  
18.261, f. — 18.262, f.  
M. N. 18.263, f. Venezuela.  
M. N. 841, ?. (Exposição) Venezuela.

**Chlorostilbon aureoventris pucherani** (Bourcier & Mulsant, 1848)

*Trochilus pucherani* Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Zool. II, p. 271: "Brésil" (loc. typ. Rio de Janeiro).

*Chlorostilbon prasinus* Gould, 1853, Mon. Trochil. V. 355.  
*Chlorostilbon pucherani* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 50;

*Chlorostilbon aureoventris pucherani* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 73; Hellmayr 1908, Nov. Zool., XV, p. 75.

*Chlorostilbon wiedi* Boucard, 1894, Gen. Hum. Bird., p. 120.  
*Chlorostilbon prasinus* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 66.

*Chlorostilbon aureoventris pucherani* Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil. p. 265; 1932 Res. Orn. S. P. e M. G. p. 49; 1940, Rev. Mus. Paul. XXIV pg. 240; 1944, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Vol. IV pg. 139;

Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19 e Nr. 3.

Distribuição. — Leste do Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Espírito Santo, Goyaz, Minas Geraes, S. Paulo, Paraná).

- M. N. 18.267, m. Ceará — Ipú — O. Martins. col. 30/5/1910.  
M. N. 18.268, m. Ceará — Serra do Ibiapaba — Snethlage col. 14/6/1910.

- M. N. 18.264, m. Ceará — Ladeira Grande — F. Lima col. 12/8/1915.
- M. N. 18.265, m. Ceará — Ladeira Grande — F. Lima col. 12/8/1915.
- M. N. 18.266, m. Ceará — Ladeira Grande — F. Lima col. 12/8/1915.
- M. N. 18.140, m. Minas Gerais — R. S. Francisco, Janeiro — Snethlage col. 8/6/1926.
- M. N. 18.136, f. Minas Geraes — Marianna — Faz. Taveira — Snethlage col. 29/I/1926.
- M. N. 18.137, m. Minas Gerais — Marianna — Faz. Taveira — Snethlage col. 30/I/1926.
- M. N. 9.783, m. Minas Gerais — Marianna — Faz. Taveira — Snethlage col. 5/5/1926.
- M. N. 18.138, m. Minas Gerais — S. Paulo de Muriahé — Faz. Nova Aurora — Snethlage col. 8/XII/1926.
- M. N. 18.574, m. Minas Gerais — Caparaó — Holt. col. n. 702.
- M. N. 18.663, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col. 13/XII/1929.
- M. N. 18.666, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col. 14/XII/1929.
- M. N. 18.690, m. Goyaz — Chapeu — Pfrimer col.
- M. N. 18.689, m. Goyaz — Chapeu — Pfrimer col.
- M. N. 18.688, m. Goyaz — Chapeu — Pfrimer col.
- M. N. 18.593, m. e 18.567, m. Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.
- M. N. 18.494, m. Matto Grosso — Cuyabá — H. Smitte col. 8/4/1882.
- M. N. 18.605, f. Matto Grosso — Mocquery — col. 1909.
- M. N. 18.765, f. Rio de Janeiro — Colonia Alpina — Reinisch col. 3/6/1914.
- M. N. 18.636, m. Rio de Janeiro — Col. Alpina — Reinisch col. 20/6/1914.
- M. N. 19.593, m. Espirito Santos — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/5/1940.
- M. N. 19.594, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/9/1940.
- M. N. 19.595, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 30/8/1940.
- M. N. 19.596, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 14/9/1940.
- M. N. 19.597, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/8/1940.
- M. N. 19.598, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 25/8/1940.
- M. N. 19.599, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/8/1940.
- M. N. 19.600, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 6/5/1940.
- M. N. 19.601, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/9/1940.
- M. N. 19.604, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/9/1940.

- M. N. 19.605, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
1/9/1940.
- M. N. 19.606, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 2/9/1940.
- M. N. 19.607, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 2/9/1940.
- M. N. 19.608, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 25/8/1940.
- M. N. 19.609, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 28/8/1940.
- M. N. 19.610, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
2/9/1940.
- M. N. 19.611, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 1/9/1940.
- M. N. 19.612, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 28/8/1940.
- M. N. 20.305, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 30/9/1940.
- M. N. 20.306, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 16/4/1941.
- M. N. 20.307, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 12/12/1940.  
col. 24/X/1940.
- M. N. 20.308, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi
- M. N. 20.309, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 19/X/1940.
- M. N. 20.310, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 19/4/1941.
- M. N. 20.311, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 25/4/1941.
- M. N. 19.603, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 30/8/1940.
- M. N. 20.312, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 30/9/1940.
- M. N. 20.313, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 12/XI/1940.
- M. N. 20.314, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi  
col. 31/X/1940.
- M. N. 10.115, f. Rio de Janeiro — Therezopolis — P.  
Schirch col.
- M. N. 10.118, f. — 10.114, m. — 10.133, m. Rio de Janeiro  
— Therezopolis — P. Schirch col.
- M. N. 18.635, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — Mir.  
Ribeiro col.
- M. N. 16.777, m. Itatiaya — Monte Serrat — XII/1903, Si-  
queira col. (?)
- M. N. 18.497, m. — 18.498, m. 18.499, m. — 18.459, f. —  
18.530, m. — 18.506, f.
- M. N. 18.812, m. 18.637, m. — 18.820, m. 18.549, f. 18.527, f.  
18.306, f. Brasil.
- M. N. 20.250, m. (Exposição) Espirito Santo — Sta. Teresa  
— Ruschi col. 1941.

**Genero DAMOPHILA Reichenbach, 1854**

*Damophila* Reichenbach, 1854, Aufz. der Colib., p. 7  
Typo *Ornismya juliae* Bourcier.

***Damophila juliae juliae* (Bourcier, 1842)**

- Ornismya juliae* Bourcier, 1842, Rev. Zool., v. 5 p. 373;  
Bourcier 1842, Ann. Sci. Phys. et Nat. Lyon, V, p. 345,  
t. 21.  
*Juliamya typica* Gould, 1861, Mon. Trochil., V, t. 337.  
*Damophila juliae* Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI,  
p. 236 pt.  
*Damophila juliae* (*typica*) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc.  
p. 71.  
*Damophila juliae juliae* Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat.  
Mus., N.º 50, V, p. 519; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt.  
II, p. 201.  
*Juliamya juliae* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p.  
89.

Distribuição. — Colombia e Panamá.

M. N. 18.251, m. — 18.252, m. — 18.253, f. — 18.254, f.  
Colombia.

**Genero SMARAGDOCHRYSIS Gould, 1861**

*Smaragdochrysis* Gould, 1861, Mon. Trochil. V, t. 359.  
Typo, *Smaragdochrysis iridescens* Gould.

***Smaragdochrysis iridescens* (Gould, 1860)**

- Calliphlox iridescens* Gould, 1860, Proc. Zool. Soc. Lond.,  
p. 310; Nova Friburgo (Rio de Janeiro).  
*Smaragdochrysis iridescens* Gould, 1861, Mon. Trochil., V,  
t. 359; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 388;  
Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 79; Cory, 1918, XIII,  
pt. II., p. 207; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p.  
64; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 268.

Distribuição. — Rio de Janeiro. (apenas conhecido do  
exemplar typico).

M. N. 18.275, m. Brasil (este exemplar não traz proceden-  
cia local).

**Genero PRASITIS Cabanis & Heine, 1860**

*Prasitis* Cabanis & Heine, 1860, Mus. Hein., III, p. 49.  
Typo, *Ornismya prasina* Lesson.

**Prasitis prasina prasina (Lesson, 1829)**

*Ornismya prasina* Lesson, 1829, 1829, Hist. Nat. Ois. Mouches, pp. 35 e 188, pl. 65: "Brésil", errore: (Hellmayr substituiu Cayena, como patria typica).

*Chlorostilbon prasinus* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 246; Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 56;

*Chlorostilbon brevicaudatus* Gould, 1861, Mon. Trochil. t. 77.

*Chlorostilbon prasinus (typicus)* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 77.

*Chlorostilbon prasinus prasinus* Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II p. 205.

*Prasitis prasina prasina* Pinto, O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 287.

Distribuição. — Guiana Francesa, norte do Brasil: Rio Branco (?), baixo Amazonas (leste do Pará).

M. N. 18.257, m. Brasil.

M. N. 842, m. (Exposição).

M. N. 843, m. (Exposição).

**Genero THALURANIA Gould, 1848**

*Thalurania* Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 13.

Typo por designação subsequente de Gray (1855), *Trochilus furcatus* Gmelin.

***Thalurania glaucopsis* (Gmelin, 1788)**

*Trochilus glaucopsis* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 497 (baseado em "*Mellisuga brasiliensis cauda bifurca*" de Brisson): "Brasilia".

*Thalurania glaucopsis* Gould, 1856, Mon. Trochil. II, t. 99; Elliot, 1879 Syn. Trochil., p. 99; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 77; Hartert, 1900, Das. Tierr. Troc. p. 84;

Hellmayr, 1915, Verh. der Ornith. Gesell. Bayern, XII, pg. 153; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 211;

Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil. p. 269; 1935, Av. da Bahia p. 140; 1932, Res. Orn. S. P. e M. G. pg. 50;

1944, Pap. Avuls. vol. IV Dep. Zool. S. P. pg. 139; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19 e Nr. 4, 1950.

*Chlorurania galucopsis* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 77.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Alto Paraná), Paraguai, sul e leste do Brasil (Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, sul de Mato Grosso).

M. N. 18.770, m. Espírito Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Sneathlage col. 10/X/1925.

- M. N. 18.772, m. Espirito Santo — Baixo Guandu, Faz. da Serra — Snethlage col. 30/X/1925.
- M. N. 18.769, m. Minas Gerais — Marianna, Faz. Taveura — Snethlage col. 12/6/1926.
- M. N. 18.767, m. 18.766, m. Rio de Janeiro — S. de Itatiaya, Sitio Walter — Snethlage col. 8/4/1927.
- M. N. 18.768, m. Rio de Janeiro — S. de Itatiaya, Sitio Walter — Snethlage col. 16/4/1927.
- M. N. 18.771, f. Santa Catharina — Hanra Humboldt —
- M. N. 18.771, f. Santa Catharina — Hansa Humboldt — Snethlage col. 16/4/1927.  
Snethlage col. 16/6/1928.
- M. N. 19.495, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/9/1940.
- M. N. 19.496, m. — 19.497, m. — 19.498, m. — 19.508, m. 19.518, m. — 19.530, m.
- M. N. 19.538, m. — 19.541, m. — 19.556, m. — 19.558, m. e 19.559, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/9/1940.  
col. 2/9/1940.
- M. N. 19.551, f. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi
- M. N. 19.500, m. — 19.501, m. — 19.506, m. — 19.505, m. 19.507, m. 19.523, m.
- M. N. 19.529, m. — 19.540, m. — 19.544, m. — 19.548, m. 19.552, m. — 19.554, m.
- M. N. 19.560, m. Espirito Santo — Santa Teresa — Ruschi col. 25/8/1940.
- M. N. 19.502, m. — 19.516, m. — 19.519, m. — 19.524, m. 19.527, m. 19.542, m.
- M. N. 19.545, m. — 19.546, m. — 19.547, m. — 19.550, m. 19.553, f. — 19.535, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi — col. 18/8/1940.
- M. N. 19.503, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 25/9/1940.
- M. N. 19.504, m. — 19.517, m. — 19.531, m. — 19.602, m. Espirito Santo — Santa Teresa — Ruschi col. 1/9/1940.
- M. N. 19.509, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 31/5/1940.
- M. N. 19.510, m. — 19.521, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 23/8/1940.
- M. N. 19.513, m. — 19.543, m. — 19.533, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 30/8/1940.
- M. N. 19.515, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/9/1940.
- M. N. 19.511, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/9/1940.
- M. N. 19.512, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 23/3/1940.
- M. N. 19.520, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/4/1940.
- M. N. 19.525, m. — 19.549, m. Espirito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/8/1940.

- M. N. 19.522, m. — 20.338, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 19/4/1940.
- M. N. 19.528, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 22/8/1940.
- M. N. 19.536, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 21/8/1940.
- M. N. 19.537, m. — 19.539, m. — 19.499, f. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 20/4/1940.
- M. N. 19.555, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/9/1940.
- M. N. 19.557, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/8/1940.
- M. N. 20.294, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 29/2/1941.
- M. N. 20.339, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/5/1941.
- M. N. 20.341, m. Espírito Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/5/1941.
- M. N. 20.340, m. — 20.346, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/4/1941.
- M. N. 20.342, m. — 20.347, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/4/1941.
- M. N. 20.344, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 30/9/1940.
- M. N. 19.514, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 27/8/1940.
- M. N. 19.534, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 23/5/1940.
- M. N. 20.293, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/3/1941.
- M. N. 19.526, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 15/8/1940.
- M. N. 10.134, m. — 10.113, m. — 10.119, m. — 10.125, m. — 10.131, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — Schirch col.
- M. N. 10.112, f. Rio de Janeiro — Therezopolis — Schirch col.
- M. N. 10.140, m. — 10.147, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. 24/6/1926.
- M. N. 9.786, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro — col. 8/5/1926.
- M. N. 16.766, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro — col. 5/XI/1919.
- M. N. 10.149, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro — col. 27/6/1926.
- M. N. 10.142, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. 20/5/1926.
- M. N. 18.655, m. Rio de Janeiro — Realengo — A. L. Carvalho col. 29/9/1933.
- M. N. 8.921, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — C. M. Ribeiro col. 27/4/1928.
- M. N. 10.117, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — C. M. Ribeiro col. 29/6/1926.
- M. N. 10.139, f. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. 24/6/1926.

- M. N. 8.920, f. Rio de Janeiro — Therezopolis — P. M. Ribeiro col. VI/1929.
- M. N. 16.763, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — J. Peixoto col. 7/12/1926.
- M. N. 18.763, f. Rio de Janeiro — Varzea de Therezopolis — J. Peixoto col. 7/12/1926.
- M. N. 16.765, m. — 16.773, f. Rio de Janeiro — Faz. Alpina, Reinisch col. 2/7/1914.
- M. N. 16.768, m. Rio de Janeiro — Faz. Alpina — Reinisch col. 30/6/1914.
- M. N. 18.599, m. Goyaz — Posse Pfrimer col.
- M. N. 18.403, f. R. G. do Sul — S. João Monte Negro, H. Smith col. IV/1882?
- M. N. 839, m. (Exposição) Brasil.
- M. N. 20.252, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1941 (Exposição)
- M. N. 20.253, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1941 (Exposição)
- M. N. 18.392, m. — 10.150, m. — 18.391, m. — 16.764, m. — 18.809, m. — 18.764, m. — 18.402, f.
- M. N. 16.776, f. — 18.395, f. — 18.397, f. — 18.394, f. — 18.396, f. — 18.409, f.
- M. N. 18.393, f. Brasil.
- M. N. 16.785, f. Rio de Janeiro — Faz. Alpina — Reinisch col. 25/6/1922.

**Thaluranía furcata furcatoides Gould, 1861**

- Thaluranía furcatoides Gould, 1861, Introd. Trochil., p. 77; Pará. Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 85; Hartert, 1900, Das Tierr., Troc. p. 88.
- Hellmayr, 1905, Nov. Zool., XII, p. 297; Id. XIII, 1906, p. 377; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 213; Pinto O. Cat. Av. Brasil. p. 270.
- Thaluranía furcata gyrino Somon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 79.
- Thaluranía furcata furcatoides, Pinto O. 1947, Arq. Zool. E. S. P. Vol. V pg. 362; Ruschi, 1950, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 5.

Distribuição. — Leste do Pará (a partir do Rio Tocantins), oeste do Maranhão (Mirititaba).

- M. N. 18.304, m. Pará — Belem O. Martins col. 10/5/1905.
- M. N. 18.294, m. Pará — E. F. B., Peixe-Boi — O. Martins col. 30/6/1908.
- M. N. 18.295, f. Pará — E. F. B. Providencia — Snethlagd col. 9/8/1911.
- M. N. 18.299, ? Pará — Belem, Mocajutuba — F. Lima col. 8/5/1912.
- M. N. 18.302, m. Pará — Belem, Mocajutuba — F. Lima col. 10/5/1912.
- M. N. 18.297, m. Pará — Belem, Utinga — F. Lima col. 24/5/1915.

- M. N. 18.296, m. Pará — E. F. B. S. Anto. do Prata — Snethlage col. 9/8/1915.  
 M. N. 18.305, m. Pará — E. F. B. S. Anto. do Prata — Snethlage col. 1918.  
 M. N. 18.309, m. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 4/8/1923.  
 M. N. 18.310, m. Maranhão — S. Luiz Anil — Snethlage col. 7/8/1923.  
 M. N. 18.298, f. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 10/8/1923.  
 M. N. 18.300, m. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 16/8/1923.  
 M. N. 18.301, m. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 22/8/1923.  
 M. N. 18.303, m. Maranhão — Turry-assú — Snethlage col. 31/X/1923.  
 M. N. 9.822, m. e 9.821, m. Pará — Belém — F. Lima e A. Martins col. 1928.  
 M. N. 9.825, f. Pará — Belém — F. Lima e A. Martins col. XI/1928.  
 M. N. 16.798, m. — 18.573, f. — 16.782, f. — 16.792, f. — 16.780, f. — 16.779, f.  
 M. N. 16.793, f. — 16.783, f. — 16.789, f. — 16.781, f. — 16.788, f. — 18.404, m.  
 M. N. 16.799, m. Pará — F. Lima col.  
 M. N. 16.796, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 6/9/1922.  
 M. N. 18.815, m. Pará — Utinga — F. Q. Lima col. 6/5/1922.  
 M. N. 16.778, f. Pará — Utinga — F. Lima col. 2/XII/1922.  
 M. N. 9.816, f. Pará — Utinga — F. Lima col. empúáshrdá  
 M. N. 9.816, m. — 9.810, m. — 16.794, m. — 18.397, m. Brasil.  
 M. N. 18.532, m. Pará — Clevelandia.  
 M. N. 9.789, m. — 9.781, f. — 18.451, f.

**Thalurania furcata baeri Hellmayr, 1907**

- Thalurania eriphile baeri Hellmayr, 1907, Bull. Brit. Orn. Cl., XXI, p. 27: cidade de Goyaz.  
 Thalurania Baeri Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 80.  
 Thalurania eriphile baeri, Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 215.  
 Thalurania furcata baeri, Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil. p. 271.  
 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 66; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV, pg. 16; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. vol. VIII pg. 310.

Distribuição. — Sul e leste do Maranhão (Aito Parnahyba), Piauí, Ceará, oeste da Bahia, Goyaz, Matto Grosso.

- M. N. 18.285, m. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col. 23/7/1927.  
 M. N. 18.286, m. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col. 27/7/1927.

- M. N. 18.287, m. Goyaz — I. Bananal — Furo de Pedra col. 8/X/1927. (Snethlage)
- 18.288, m. Goyaz — Annapolis, Noxa Veneza — Snethlage col. 14/XII/1927.
- M. N. 18.293, m. Ceará — S. Paulo de Ibiapaba — O. Martins. col. 9/6/1910.
- M. N. 18.291, m. Ceará — S. Paulo de Ibiapaba — Snethlage col. 2/6/1910.
- M. N. 18.289, m. Ceará — Serra do Castello — F. Lima. col. 17/8/1915.
- M. N. 18.290, m. Ceará — Serra do Castello — F. Lima. col. 20/8/1915.
- M. N. 18.284, m. Matto Grosso — Cuyabá, Burity — Snethlage col. 15/XII/1928.
- 18.293, m. Matto Grosso — Corumbá, Urucúm — Snethlage col. 28/XI/1928.
- M. N. 18.405, m. e 18.399, m. Matto Grosso — Chapada — H. Smith col. 28/9/1882.
- M. N. 18.597, m. e 18.687, m. Goyaz — Arraias — Pfrimer col.
- M. N. 18.591, m. — 18.681, m. — 18.680, m. — 18.679, m. Goyaz — Caiheiro — Pfrimer col.
- M. N. 18.600, f. Goyaz, Posse Pfrimer col.
- M. N. 18.817, m. Goyaz — Chapéu, Pfrimer col.
- M. N. 18.662, f. — 18.667, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col. 17/XII/1929.
- M. N. 18.663, m. Goyaz — Veadeiros — Pfrimer col. 13/XII/1929.
- M. N. 16.797, m. Matto Grosso — Com. Rondon col. 25/8/1909.
- M. N. 16.775, f. Matto Grosso — Rio Jaurú, Pedra Branca. Com. Rondon col. 16/XII/1908.
- M. N. 16.791, ? e 16.787, f. Matto Grosso — Jamary — Stolle col. 10/XI/1914.
- M. N. 18.602, m. — 18.604, m. — 16.784, m. Matto Grosso — Mocquery col. 1909.
- M. N. 16.800, m. Matto Grosso — Rio Sete de Setembro — Hoerne & Reinisch col. 25/3/1914.
- M. N. 18.811, m. — 18.408, m. — 18.810, m. Matto Grosso Hoerne & Reinisch col. 1914.

*Thaluranía furcata eriphile* (Lesson, 1858)

*Ornismya eriphile* Lesson, 1858, Hist. Nat. Ois. — Mouches, Supplem., p. 148, pl. 25: "Brésil".

*Thaluranía eriphile* Gould, 1858, Trochil. II, t. 108; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 101; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 80; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 86; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 80.

*Thaluranía eriphile eriphile* Hellmayr, 1908, Nov. Zool., XV, p. 76; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 215;

*Thaluranía furcata eriphile*, Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil, p. 271.

Ruschi, 1950, Bol. Biol. Prof. M. Leitão, Nr. 4.

Distribuição. — Paraguay, nordeste da Argentina (Missiones), sudeste do Brasil: sul da Bahia (Morro de Condeúba), fide E. Simon), Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo.

- M. N. 18.292, f. Minas Gerais — Mariana, Faz. Taveira — Sneathlage col. 3/5/1925.  
 M. N. 18.400, m. e 18.401, m. Minas Gerais — Mattosinho, Rio das Velhas.  
 M. N. 837, m. e 838, m. (Exposição).  
 M. N. 18.398, m. — 18.765, m. e 18.308, m. Brasil (Minas ?)

*Thalurania nigrofasciata* (Gould, 1846)

*Trochilus* ? *nigrofasciata* Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 89: Rio Negro.  
*Thalurania nigrofasciata* Gould, 1861, Mon. Trochil., II, t. 104; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 100; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 82.  
 Hartert, 1900, Das Tierr. Troch. p. 87; Cory, 1918, C. B. Am. XII, pt. II, p. 214.  
 Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 80; Pinto. O. Cat. Av. Bras. p. 271.

Distribuição. — Forção cisandina da Colombia, do Equador e do Perú, noroeste do Brasil: Amazonas (Rio Negro).

- M. N. 18.406, m. e 18.407, m. Brasil.

*Thalurania balzani* Simon, 1896

*Thalurania balzani* Simon, 1896, Novit. Zool. III, p. 259: Yungas (Bolívia) Hartert, Ibis, 1897, p. 432; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 87; Hellmayr, 1907, Nov. Zool., XIV, p. 395; XV, 1908, p. 77; 1910, XVII, p. 376; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 215; Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil. p. 78; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 272.

Distribuição. — Norte e leste da Bolívia e norte do Brasil: Amazonas (Rio Madeira, Rio Machados)

- M. N. 28.279, m. Pará — Rio Jamauchim, Porto Seguro — Sneathlage col. 25/12/1908.  
 M. N. 18.277, m. Pará — Rio Tapajós, Boim. F. Lima col. 20/9/1911.  
 M. N. 16.790, f. Amazonas — Rio Madeira — Reinisch col. 25/3/1914.  
 M. N. 18.278, m. Pará — Rio Iriri, Rio Mar — Sneathlage col. 28/7/1917.  
 M. N. 18.280, m. Pará — Rio Tapajoz, Villa Braga — Sneathlage col. 1/7/1917.  
 M. N. 18.281, m. Pará — Rio Tapajós, Villa Braga — Sneathlage col. 13/7/1917.  
 M. N. 18.282, m. Pará — Rio Jamauchim, R. Tocantins — Sneathlage col. 10/8/1917.

- M. N. 8.458, m. e 8.405, m. Amazonas — Porto Velho, Rio Madeira — Snethlage col. 8/XI/1929.  
 M. N. 8.446, f. Amazonas — Porto Velho, R. Madeira — Snethlage col. 24/X/1929.  
 M. N. 18.813, m. e 18.818, m. Matto Grosso — Aripuanã — Stolle col. 13/3/1914.  
 M. N. 16.774, f. Matto Grosso, Aripuanã — Stolle col. 9/4/1914.

**Thaluranía simoni** Hellmayer, 1906

*Thaluranía simoni* Hellmayer, 1906, Bull. Brit. Orn. Cl., XIX, p. 8; Teffé (Amazonas). Id., 1907, Nov. Zool., XIV p. 77; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 214; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 79; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 272.

Distribuição. — Amazonas. (Rio Solimões).

- M. N. 18.276, m. Amazonas — Rio Solimões, Manacapuru — F. Lima col. 15/VII/1916.

**Thaluranía watertoni** (Bourcier, 1847)

*Trochilus watertoni* Bourcier, 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 44.  
 "Miribi" (Guiana Inglesa, no Rio Esquibo). 1856, *Thaluranía watertoni*, J. Gould, Mon. Troch., II, t. 100; Elliot, Syn.  
 Troch. 1870, p. 101; 1892, Salvin, Cat. Bds. Brit. Mus., XVI, p. 78; 1938, Pinto O. Cat. Av. Bras. p. 272; 1946, H. F. Berla, Bol. Mus. Nac. Nr. 65, p. 9.

Distribuição. — Guianas, norte e leste do Brasil: zona costeira do Pará (foz do Amazonas), de Pernambuco e da Bahia.

- M. N. 24.889, m. Pernambuco, Município de Igarauá — H. F. Berla — Col. 28/3/1945.

**Genero CHALYBURA** Reichenbach, 1854

*Chalybura* Reichenbach, 1854, Aufz. der Colib., p. 10. Typo, *Trochilus buffoni* Lesson.

**Chalybura buffoni aeneicauda** (Lawrence, 1865)

*Chalyburá aeneicauda* Lawrence, 1865, Proc. Acad. Nat. Sci., Phila., XVII, p. 38 (Venezuela). Soc. Zool., France, II, p. 218 (Esteben).  
*Chalybura Buffoni* var. *aeneicauda* Simon, 1889, Mem. Hypuroptila *aeneicauda* Boucard, 1894-95, Gen. Hum. Bds., p. 323 (Puerto Cabella, Venezuela and "Valencia, Colombia").

*Chalybura buffonii aeneicauda* Hellmayr, & Seilern, 1912, Arch. fur Naturg., Ab. A. 5 Heft, p. 140; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 218.

*Chalybura Buffoni aeneicauda*, Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 129.

Distribuição. — Venezuela e Colombia.

M. N. 18.270, f. — 18.271, m. e 18.272, m. Venezuela.

**Genero CYANOPHAIA Reichenbach, 1854**

*Cyanophaia* Reichenbach, 1854, Aufz. der Col. p. 10.

Typo, por desig. de Grey, 1855, *Trochilus bicolor* Gmelin.

***Cyanophaia scapulata* (Gould, 1861)**

*Eucephala scapulata* Gould, 1861, Intr. Trochil., p. 166 "Oyopoc" Cayena?; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 229; Salvin, 1892, C. B. B. M., XVI, p. 343.

*Thalurania scapulata* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 84; Hellmayr, & Simon, 1908, Nov. Zool., XV, p. 7.

*Timolia scapulata* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 76.

*Cyanophaia scapulata* Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., No. 50, V, p. 528; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 210.

Distribuição. — Guiana Francesa.

M. N. 840, m. (Exposição) G. Francesa.

**Genero COLIBRI Spix, 1824**

*Colibrí* Spix, 1824, Aves Bras., I, p. 80. Typo *C. crispus* Spix = *Trochilus serrirostris* Vieillot.

***Colibri delphinae* (Lesson, 1839)**

*Ornismya delphinae* Lesson, 1839, Rev. Zool., II, p. 44 (Bogotá, Colombia) *Petasophora delphinae* Gould, 1853, Mon. Trochil. IV, t. 229; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 111.

*Colibri delphinae* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 93; Hellmayr, & Seilern, 1912, Arch. fur Naturg., Ab. A. 5 Heft, p. 141; Cory, 1918, C. B. Am. XII, pt. II, p. 219. *Telesiella Delphinae* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 37.

Distribuição. — Guatemala. Honduras. Nicaragua. Costa Rica. Panamá. Venezuela. Colombia. Equador. Perú. Bolivia. Guianas e ilha de Trinidad.

M. N. 18.269, ?. Venezuela.

**Colibri cyanotus (Bourcier & Mulsant, 1843)**

*Trochilus cyanotus* Bourcier & Mulsant, 1843, Ann. Sci. Phys. et Nat. Lyon, VI, p. 41. (Caracas, Venezuela).

*Petasophora cyanotus* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 228.

*Colibri cabanidis* Madarasz, 1911, Ann. Mus. Nat. Hung., IX, p. 357.

*Colibri cyanotus cabanidis* Carriker, 1910, Ann. Carn. Mus., VI, p. 538.

*Petasophora cyanotis* Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 110; *Colibri cyanotus* Hartert, 1900, Das Tierr., p. 94.

*Colibri cyanotus cyanotus* Hellmayr, 1912, Arch. fur Naturg., Ab. A, 5 Heft, p. 141; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 220.

*Petasophora cyanotis* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 36.

Distribuição. — Colombia, Venezuela, Panamá e Costa Rica.

M. N. 18.273, ? e 18.274, ?. Venezuela.

**Colibri iolatus (Gould, 1853)**

*Ramphodon anais* Lesson, 1832 (part). err.?, não Orn. a. Lesson: H. nat. Col., suppl. p. 104 t. 3; Less. Trochil., p. 148, t. 55.

*Petasophora iolata* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 225; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 107; Simon, 1902, Nov. Zool., IX, p. 179; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 37.

*Petasophora coruscans* Salvin, 1892, C. B. M. XVI, p. 109; Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 226.

*Colibri iolatus* Hartert, 1900, Das Tierr., Troc. p. 94.

*Colibri iolatus* Hartert, & Venturi, 1909, Nov. Zool., XVI, p. 222; Hellmayr & Seilern, 1912, Arch. fur Naturg., Ab. Ab. A.5 Heft, p. 142; *Colibri iolatus iolatus* e *Colibri iolatus brevipennis* Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, pgs. 220 e 221.

Distribuição. — Bolivia. Perú. Equador. Colombia. Argentina.

M. N. 18.008, ? — 18.009, ? — 18.010, ? — 18.011, ?.  
Bolivia.

M. N. 844, ? e 836, ?. Perú — Colombia.

**Colibri serrirostris (Vieillot, 1817)**

*Trochilus serrirostris* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VII, p. 359: "Brésil".

*Colibri crispus* Spix, Av. Bras., I, p. 80, pl. 81, 1824.

*Petasophora serrirostris* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 223;

Elliot, Syn. Trochil., 1879, p. 52; Salvin, 1892, C. B. B. M. XVI, p. 106; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 36.

*Ornismya petasophora* Lesson, 1829, O. M., XXXVIII, t. 1. *Colibri serrirostris* Hellmayr, 1898, Nov. Zool., XV, p. 77; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 95; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 221; Pinto O. 1938, C. Av. Bras. p. 272; 1926, Rev. Mus. Paul. XX pg. 67; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pg. 16; 1944, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. Pg. 139; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. pg. 310; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol Nr. 1 pg. 19 e Nr. 6, 1950.

Distribuição. — Bolívia, norte da Argentina, grande parte do Brasil (Matto Grosso, Goyaz, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná.).

- M. N. 18.775, m. Minas Gerais — Marianna, Faz. Taveira — 26/1/1926. Snethlage col.
- M. N. 18.776, m. Minas Gerais — Marianna, Faz. Taveira — Snethlage col. 1/2/1926.
- M. N. 18.777, m. Minas Gerais — Mariana, Faz. Taveira — Snethlage col. 19/2/1926.
- M. N. 18.778, f. Minas Gerais — Mariana, Faz. Taveira — Snethlage col. 12/3/1926.
- M. N. 18.779, m. Goyaz — Ipamery — Snethlage col. 13/5/1927.
- M. N. 18.780, m. Goyaz — Planaltino — Snethlage col. 2/6/1927.
- M. N. 18.781, m. Matto Grosso — Cuyabá, Burity — Snethlage col. 4/1/1929.
- M. N. 18.782, ? Matto Grosso — Cuyabá, Burity — Snethlage col. 15/4/1929.
- M. N. 18.509, m. Matto Grosso — Chapada — H. Smith col. 5/3/1883.
- M. N. 10.132, f. Rio de Janeiro — Therezopolis — Schirch col.
- M. N. 10.120, ? Rio de Janeiro — Therezopolis — Schirch col.
- M. N. 18.798, ? e 18.595, ? Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.
- M. N. 18.821, m. Matto Grosso — Morro Podre — Hoehne col.
- M. N. 18.508, f. Matto Grosso — Chapada — IX/1888.
- M. N. 18.509, m. Matto Grosso — Chapada — H. Smith col. 5/3/1883.
- M. N. 18.774, ? — 18.773, ? — 18.507, ? — 18.510, ? — 9.787, ? — 18.659, ?.
- M. N. 18.524, ? e 18.654, ? Brasil
- M. N. 18.583, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — 7/XI/1919.
- M. N. 19.583, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/8/1919.
- M. N. 19.584, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 30/8/1940.

- M. N. 19.585, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 7/4/1940.  
 M. N. 19.587, m. — 19.588, m. — 19.592, m. — 19.590, f. — Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 13/9/1940.  
 M. N. 19.586, m. — Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/9/1940.  
 M. N. 19.589, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 2/9/1940.  
 M. N. 19.591, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 22/9/1940.  
 M. N. 22.361, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/7/1941.  
 M. N. 834, ? e 835, ? (Exposição).

**Genero AVOCETTULA Reichenbach, 1849**

Avocettula Reichenbach, 1849, Avium Syst., Tab. XXXIX.  
 Typo Trochilus recurvirostris Swainson.

**Avocettula recurvirostris (Swainson, 1821)**

Trochilus recurvirostris Swainson, 1821, Zool. Illust., II, pl. 105: "Perú", errore (= Cayena, por design. de Berlepsch).  
 Avocettula recurvirostris Gould, 1856, Mon. Trochil., III, t. 201; Salvin, 1892, C. B. B. M. XVI, p. 101; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 96.  
 Hellmayr, 1906, Nov. Zool., XII, p. 377; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 221; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 42.  
 Ornismya recurvirostris Lesson, 1829, H. nat. O. M., p. XXXVI, 129 t. 37; Ornismya avocettula Lesson, H. nat. Colibris, suppl. p. 166 t. 34, p. 145 t. 24.

Distribuição. — Guianas, norte do Brasil (leste do Pará, norte do Maranhão).

- M. N. 18.730, juv. ? Maranhão — Tury-assú — Sneath col. 31/X/1923.

**Genero ANTHRACOTHORAX Boie, 1831**

Anthracothonax, Boie, 1831, Isis, p. 545. Typo Trochilus violicauda Boddaert (= Trochilus viridigula Boddaert)

**Anthracothonax viridigula (Boddaert, 1783)**

Trochilus viridigula Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 41 (baseado em d'Aubenton, Pl. Enlum. 671, fig. 1): Cayena.  
 Trochilus gramineus e Trochilus maculatus, Gmelin 1788, Syst. Nat., v. I p. 488.  
 Trochilus gramineus Lesson, 1831, Colibris, pp. 52-56. t. 12.  
 Lampornis gramineus Gould, 1858, Mon. Trochil., II, t.

- 77; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 95; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 98.  
*Lampornis viridigula* Simon, 1921, H. Nat. Des Trochil., p. 40.  
*Anthracothorax gramineus* Hellmayr, 1906, Nov. Zool., XIII, pp. 35, 377;  
*Anthracothorax viridigula* Chubb, 1916, Bds. Brit. Guiana, p. 411; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 224;  
 Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 274.

Distribuição. — Venezuela, Trinidad, Guianas norte do Brasil (Pará, Maranhão. ?).

- M. N. 18.034, m. Pará — I. Marajó, Faz. I. da Roça — F. Lima col. 25/X/1915.  
 M. N. 18.035, m. Pará — I. Marajó, Faz. I. da Roça — F. Lima col. 25/X/1915.  
 M. N. 18.036, f. Pará — I. Marajó, Faz. I. da Roça — F. Lima col. 25/X/1915.  
 M. N. 18.037, m. Pará — I. Marajó, Faz. Tapera, Soure — F. Lima col. 14/XII/1916.  
 M. N. 18.025, m. Guiana.  
 M. N. 829, m. e 830, f. (Exposição) Brasil.

***Anthracothorax nigricollis nigricollis* (Vieillot, 1817)**

- Trochilus nigricollis* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd. VII, p. 349: "Bresil".  
*Trochilus violicauda* Boddaert, 1873, Tabl. Pl. Enl., p. 41 (Cayena).  
*Lampornis violicauda* Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 92.  
*Lampornis nigricollis* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 97; L. n. n. Hellmayr, 1906, Nov. Zool., IX, p. 87.  
*Lampornis nigricollis* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 41.  
*Anthracothorax violicauda* Chubb, 1916, Bds. Brit. Guiana, I. p. 410.  
*Anthracothorax nigricollis nigricollis* Hellmayr & Sellern, 1912, Arch. fur Naturg., Ab. A, 5 Heft, p. 142, *Anthracothorax violicauda violicauda* Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 222.  
*Anthracothorax nigricollis nigricollis* Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil., p. 274; 1935 Av. da Bahia p. 140; 1932, Res. Orn. S. P. e M. G. p. 50; 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 68; 1940 Rev. Mus. Paul. XXV pg. 241; 1938, Rev. Mus. Paul. XXIII, pgs. 509 e 554; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV, pg. 16; 1943, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. pg. 274; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 2.

Distribuição. — Panamá e grande parte da América do Sul a leste e oeste dos Andes: Colombia, Venezuela, Guai-

nas, Equador, Perú, Bolívia, Paraguay, norte da Argentina, e provavelmente todo o Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Goyaz, Minas Gerais, Ceará.).

- M. N. 18.040, m. Pará — Rio Tocantins, Cameté — F. Lima col. 30/1/1911.
- M. N. 18.031, f. Pará — Rio Mojú, Conceição — Snethlage col. 14/XII/1915.
- M. N. 18.033, m. Pará — Rio Mojú, Conceição — Snethlage col. 20/XII/1915.
- M. N. 18.046, m. Ceará — Serra do Castello — F. Lima col. 17/8/1915.
- M. N. 18.039, m. Pará — Rio Quatipurú, Flor do Prado — Snethlage col. 20/X/1916.
- M. N. 18.044, m. Esp. Santo — L. Juparaná, Faz. S. Anna — Snethlage col. 8/X/1925.
- M. N. 18.043, m. Esp. Santo — L. Juparaná, Faz. S. Anna — Snethlage col. 9/X/1925.
- M. N. 18.032, f. Esp. Santo — L. Juparaná, Faz. S. Anna — Snethlage col. 13/X/1925.
- M. N. 18.042, f. Esp. Santo — L. Juparaná, Faz. S. Anna — Snethlage col. 17/X/1925.
- M. N. 18.041, m. Rio de Janeiro — S. de Itatiaya, Sítio Walter, Snethlage col. 8/4/1927.
- M. N. 18.038, f?. Goyaz — Ferreiro — Snethlage col. 25/7/1927.
- M. N. 18.045, m. Goyaz — Rio Araguaya, Leopoldina — Snethlage col. 16/8/1927.
- M. N. 18.030, ?. Rio de Janeiro — Itatiaya, Sítio do Walter — Snethlage col. 8/4/1927.
- M. N. 19.143, m. Esp. Santo — Páu Gigante — H. Berla col. 21/10/1940.
- M. N. 18.435, f. R. G. do Sul — S. João do Monte Negro — H. Smith, III/1882.
- M. N. 10.787, ?. Matto Grosso — Chapada — H. Smith col. 11/X/1882.
- M. N. 18.569, m. Matto Grosso — Rio Jaurú — Com. Rondon, col. 5/XI/1908.
- M. N. 18.579, m. Matto Grosso — Tapirapoan, Com. Rondon col. 27/2/1909.
- M. N. 18.641, m. Matto Grosso — Tapirapoan, Com. Rondon col. 7/3/1909.
- M. N. 18.564, ?. Matto Grosso — Com. Rondon. P. Pires col.
- M. N. 18.536, f. Esp. Santo — Bananal — P. P. Peixoto col. XI/1924.
- M. N. 19.625, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 5/3/1940.
- M. N. 19.627, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 28/5/1940.
- M. N. 19.628, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 18/8/1940.

- M. N. 20.298, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 25/5/1940.  
 M. N. 20.336, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. col. 16/XII/1940.  
 M. N. 19.626, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 24/4/1940.  
 M. N. 20.331, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 19/4/1941.  
 M. N. 18.563, m. — 18.678, f. — 18.572, m. — 18.585, m. 18.586, m. Goyaz — Calheiro — Pfrimer col.  
 M. N. 18.565, m. Goyaz — Arraias — Pfrimer col.  
 M. N. 18.552, m. — 19.523, f. — 18.550, m. — Goyaz — Calheiro — Pfrimer col.  
 M. N. 18.822, m. Porto Campo — Hoehne & Reinisch col.  
 M. N. 18.434, m. — 18.631, m. — 18.012, m. — 18.632, ?. Brasil.  
 M. N. 18.027, m. — 18.026, f. Guiana.  
 M. N. 831, f. e 832, m. (Exposição). Brasil.

Genero **CHRYSOLAMPIS** Boie, 1831

*Chrysolampis* Boie, 1831, Isis, p. 516. Typo *Trochilus* *mosquitus* Linn. (= *Trochilus elatus* Linnaeus).

*Chrysolampis elatus* (Linnaeus, 1766)

*Trochilus elatus* Linnaeus, 1766, Syst. Nat., éd. 12, I, p. 192 "India", errore. (= Cayena).

*Chrysolampis moschitus* Boie, 1831, Isis, p. 546; Gould, 1816, Mon. Trochil., IV, t. 204; Salvin, 1892, C. B. Brit. Mus. XVI, p. 113.

Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 45.

*Chrysolampis mosquitus* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil. p. 101; Simon, 1901, Ornith., p. 215.

*Chrysolampis elatus* Berlepsch, 1908, Nov. Zool., XV, p. 264; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 226; Pinto. O. 1938, Cat. Av. Brasil., p. 275; 1935 Av. da Bahia p. 141; 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 68; 1940, Rev. Mus. Paul. XXIV pg. 241; 1943, Pap. Avul. Dep. Zool. E. S. P. Nr. III pg. 274; 1947, Arq. Zool. E. S. P. vol. V pg. 367; 1948, Pap. Avul. Dep. Zool. E. S. P. VIII pg. 310.

Distribuição. — Norte e leste da America Meridional: Colômbia, Venezuela, Trinidad, Guianas, Brasil setentrional e central (Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Goyaz, Matto Grosso).

- M. N. 18.430, f. Ceará — Ipú — Snethlage col. 20/5/1910.  
 M. N. 18.421, f. Ceará — Ipú — Snethlage col. 20/5/1910.  
 M. N. 18.422, f. Ceará — Ipú — O. Martins col. 20/5/1910.  
 M. N. 18.423, m. Ceará — Ipú — O. Martins col. 23/5/1910.  
 M. N. 18.428, ?. e 18.430, f. Ceará — Ipú — O. Martins col. 29/5/1910.

- M. N. 18.417, f. Ceará — Ladeira Grande — F. Lima col. 12/8/1915.  
 M. N. 18.418, f. e 18.419, ? Ceará — Ladeira Grande — O. Martins col. 18/8/1915.  
 M. N. 18.424, m. — 18.425, m. Ceará — Serra do Castello — F. Lima col. 19/8/1915.  
 M. N. 18.427, f. Maranhão — S. Luiz, Anil — Snethlage col. 22/8/1923.  
 M. N. 18.429, m. Maranhão — S. Bento — Snethlage col. 3/9/1923.  
 M. N. 18.431, m. Maranhão — S. Bento — Snethlage col. 8/9/1923.  
 M. N. 18.432, m. e 18.433, f. Maranhão — Turry-assú, Snethlage col. 6/X/1923.  
 M. N. 10.002, m. Bahia.  
 M. N. 18.414, m. — 18.416, m. — 18.806, m. — 18.805, m. — 18.415, f. e 9.791, f. Brasil.  
 M. N. 816, m. — 817, m. — 818, f. e 819, m. (Exposição) Brasil.

**PSILOMYCTER** Hartert, 1900

*Psilomycter* Hartert, 1900, Das Tierreich, Trochil, p. 104.  
 Typo *Ornismya theresiae* Da Silva.

***Psilomycter theresiae theresiae*** (Da Silva Maia, 1943)

*Ornismya theresiae* Da Silva Maia, 1943, Minerva Brazil., 1 de Novembro, p. 2: Pará.

*Chrysobronchus viridissimus* Mulsant & É. Verreaux, Hist. Nat. Ois. Mouches, v. 1 p. 279, t. 26. Salvin, 1892, Cat. Bds. Brit. Mus. XVI, p. 176.

*Chrysobronchus viridicaudus*, Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 231.

*Polytmus viridissimus* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 214.

*Psilomycter theresiae* (typicus) Haretz, 1900, Das Tierreich, p. 104.

*Psilomycter theresiae theresiae* Hellmayr, 1910, Nov. Zool., XVII, p. 377; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 228; Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil., p. 276.

*Smaragdites* Simon, 1921 Hist. Nat. Des Trochil., p. 101.

Distribuição. — Guianas e Noroeste do Brasil: Amazonas (Baixo Rio Negro, Rio Madeira), Pará (Rio Tapajoz e Xingu). Matto Grosso. (Norte)

M. N. 18.130, f. Pará — Ilha do Rio Iriri — Snethlage col. 27/6/1914.

M. N. 18.129, m. Pará — Ilha do Rio Iriri — Snethlage col. 28/6/1914.

M. N. 18.639, m. Matto Grosso — Reinisch col. 23/3/1914.

M. N. 821, m. (Exposição) Brasil.

**Genero POLYTMUS** Brisson, 1760

*Polytmus* Brisson, 1760, Orn., III, p. 667 Typo por desig. de Gray (1840).

**Polytmus guainumbi thaumantias** (Linnaeus, 1766)

*Trochilus thaumantias* Linnaeus, 1766, Syst. Nat., ed. 12a. I, p. 190 ("America meridional" = Brasil); loc. typ. Sergipe, por sugg. de Hellmayr.

*Polytmus thaumantias* Helliot, 1879, Syn. Trochil. p. 214. Salvin, 1892, C. B. B. Mus. XVI, p. 174; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 229; Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil. p. 101. Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 165 pt. *Polytmus guainumbi thaumantias* Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 276. 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 68; 1940, Rev. Mus. Paul. XXIV pg. 241; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV, pg. 18; 1943, Pap. Avul. F. S. P. III pg. 274; Berla H. F. 1946, Bol. Mus. Nac. Nr. 65 pg. 9; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46154; 1946, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 19 e Nr. 6, 1950.

Distribuição. — Bolivia, Paraguay, Brasil oriental e central (Matto Grosso, Goyaz, Minas Gerais, Espírito Santo, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Maranhão.).

- M. N. 18.744, m. Maranhão — S. Bento — Snethlage col. 6/9/1923.  
 M. N. 18.746, f. Maranhão — S. Bento — Snethlage col. 8/9/1923.  
 M. N. 18.742, m. Esp. Santo — L. Juparanã — Faz. S. Anna Snethlage col. 3/9/1925.  
 M. N. 18.745, m. e 18.747, m. Esp. Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Snethlage col. 8/X/1925.  
 M. N. 18.748, m. Esp. Santo — L. Juparanã, Faz. S. Anna — Snethlage col. 13/X/1925.  
 M. N. 19.650, f. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 16/9/1940.  
 M. N. 18.749, m. Minas Gerais — R. S. Francisco, Pirapora — Snethlage col. 2/6/1926.  
 18.743, f. Goyaz — Ipamery — Snethlage col. 17/5/1927.  
 M. N. 18.750, m. Goyaz — I. Bananal, Furo de Pedra — Snethlage col. 5/9/1927.  
 M. N. 18.587, m. Matto Grosso — Moquery col 1909.  
 M. N. 10.011, m. 9.790, m. e 18.590, m. Goyaz — Galheiro — Pfrimer col.  
 M. N. 18.653, m. e 18.596, m. Goyaz — Arraias — Pfrimer col.  
 M. N. 18.049, m. — 18.048, f. e 18.047, m. Brasil.  
 M. N. 833, m. (Exposição) Brasil  
 M. N. 24.864, m. Pernambuco — Recife — H. F. Berla col. 26/12/1944.  
 M. N. 24.865, m. Pernambuco — Municipio Igaracú — H. F. Berla col. 15/4/1945.  
 M. N. 24.866, f. Pernambuco — Recife — H. F. Berla col. 3/9/1944.

**Genero LEUCOCHLORIS** Reichenbach, 1854

*Leucochloris* Reichenbach, 1854, Aufz. der, Col., p. 10. Typo *Trochilus albicollis* Vieillot.

*Leucochloris albicollis* (Vieillot, 1818)

*Trochilus albicollis* Vieillot, 1818, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, XXIII, p. 426: "Brésil" (S. Paulo loc. typica).  
*Colibri albigularis* Spix, 1824, *Av. Bras.*, I, p. 81. t. 82, fig. 1. *Ornismya albicollis* Lesson, 1829, *H. Nat. Ois. Mouches*, p. XXXIII, 184, t. 63.  
*Leucochloris albicollis* Gould, 1855, *Mon. Trochil.*, V, t. 291; Elliot, 1879, *Syn. Trochil.*, p. 200; Salvin, 1892, *C. B. M.* XVI, p. 178 Hartert, 1900, *Das Tierr. Trochil.*, p. 106; Cory, 1913, *C. B. Am.* XIII, pt. II, p. 239; Simon, 1921, *H. Nat. Des Trochi.*, p. 100; Pinto O. 1938, *Cat. Av. Brasil*, p. 277. 1944, *Pap. Avul. Dep. Zool. S. P.* IV pg. 139; Ruschi, 1946, *Sel. Agric.* Nr. 2 p. 46-54; 1948, *Bol. Mus. Biol. M. Leitão* Nr. 1 pg. 20 e Nr. 6, 1950.

Distribuição. — Norte da Argentina, Paraguay, sul do Brasil (Rio Grande do Sul; Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais, Espírito Santo).

- M. N. 18.022, m. Paraná — Ser. da Graciosa, Corvo — Sneathlage col. 23/4/1928.  
 M. N. 18.024, f. Paraná — Ser. da Graciosa, Corvo — Sneathlage col. 3/5/1928.  
 M. N. 18.021, f. Sta. Catharina — S. Bento — Sneathlage col. 26/6/1928.  
 M. N. 18.016, f. Sta. Catharina — S. Bento — Sneathlage col. 6/7/1928.  
 M. N. 18.019, m. R. G. do Sul — Hamburgo Velho, Dois Irmãos — Sneathlage col. 1/9/1928.  
 M. N. 18.020, m. Sta. Catharina — S. Bento — Sneathlage col. 5/3/1929.  
 M. N. 18.023, m. Minas Gerais — Ser. Caparaó, Campos S. Domingos — Sneathlage col. 3/9/1929.  
 M. N. 18.611, m. Rio de Janeiro — Faz. Alpina — Reinisch col. 20/6/1914.  
 M. N. 18.562, ? Minas Gerais — Caparaó — Holt. col. n. 663.  
 M. N. 18.607, ? Rio de Janeiro — Varzea de Therezopolis — J. Peixoto col. 28/9/1916.  
 M. N. 18.612, f. Rio de Janeiro — Varzea de Therezopolis — J. Peixoto col. 7/XII/1916.  
 M. N. 10.109, ? — 18.017, ? — 10.126, ? — 10.123, ? — 10.124, ? Rio de Janeiro — Therezopolis — Schirch col.  
 M. N. 10.127, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — Schirch col. 16/4/1915.  
 M. N. 10.145, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. 2/5/1926.  
 M. N. 10.137, m. e 10.152, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. 24/6/1926.  
 M. N. 18.566, ? Rio de Janeiro — Itatlaya — 14/1/1904.  
 M. N. 10.009, ? Rio de Janeiro — Therezopolis.  
 M. N. 18.018, ? Brasil.  
 M. N. 820, ? (Exposição)

**Genero TOFAZA Gray, 1840**

Topaza Gray, 1840, List. Gen. of. Birds., p. 13. Typo, por desig., origin., Trochilus pela Linnaeus.

**Topaza pella pella (Linnaeus, 1758)**

Trochilus pella Linnaeus, 1758, Syst. Nat., I, p. 119 (baseado em "Mellivora major rubra, cauda, longa" de Edwards, Orn., I, tab. 32, fig. infer.): "in Indiis, errore (patria tipica Surinam ex Edwards); Lesson, 1831, H. Nat. Colibris, pp. 21, 27, 31, 33 t. 2-3. Topaza pella Gould, 1851, Mon. Trochil., II, t. 66; Salvin, 1892, C. B. B. M. XVI, p. 332; Harter, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 107; Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 230; Simon, 1921, H. Nat., H. Nat. Des Trochil., p. 152; Pinto, O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 278; 1947, Arq. Zool. E. S. P. vol. V pg. 369.

Distribuição: Guianas e Norte do Rio Amazonas.

M. N. 822, f. (Exposição) Brasil.

M. N. 823, m. (Exposição) Brasil.

**Topaza pella microrhyncha Butler, 1926**

Topaza pella microrhyncha Butler, 1926, Brit. Ornith. Club, XLVI p. 56: Utinga (= Belém, subúrbio). Pinto O. 1947 Arq. Zool. E. S. P. V pg. 369.

Distribuição. — Brasil Sul do Rio Amazonas, no Estado do Pará, (Clevelandia, Ipitinga, etc.)

M. N. 18.741, f. Pará — Apehú, E. F. B. — O. Martins col. 28/7/1911.

M. N. 18.738, m. e 18.739, m. Pará — Clevelandia — General Rondon col. 8/9/1927.

M. N. 18.740, m. Pará — Rio Mojú, Jaguarary — M. Baena col. 2/XI/1903.

**Genero LAMPROLAEMA Reichenbach, 1854**

Lamprolaema Reichenbach, 1854, Aufz. der Colib., p. 9. Typo, Ornismya rhami Lesson. (Corr. Lamprolaema pt. Reichb.)

**Lamprolaema rhami (Lesson, 1838)**

Ornismya rhami Lesson, 1838, Rev. Zool. p. 315 (Mexico). Lamprolaema rhami Gould. 1861, Mon. Trochil. II, t. 61; Salvin, 1892, C. B. B. M. XVI, p. 338; Harter, 1900, Das Tierr. Troc. p. 117; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 135.

Lamprolaema rhami Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., N.º 50, V. p. 489.

Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt. II, p. 237.

Distribuição. — Guatemala e Mexico.

M. N. 18.029, m. Mexico.

Genero **CLYTOLAEMA** Gould, 1853

*Clytolaema* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 249. Typo *Trochilus rubineus* Gmelin (= *Trochilus rubricauda* Boddaert).

*Clytolaema rubricauda* (Boddaert, 1783)

*Trochilus rubricaudus* Boddaert, 1783, Tabl. Pl. enlum., p. 17 (bas. no "Oiseau-Mouche à gorge tachetée" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 276, fig. 4): "Brésil" (loc. typ. Rio de Janeiro, por sugg. de Hellmayr). *Trochilus rubineus* e *T. obscurus* Gmelin. 1788. S. N. p. 493-495. *Ornismya rubinea* Lesson, 1829, H. N. Ois. — Mouches, p. XXIV, 146, t. 44-46.

*Clytolaema rubinea* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 249; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 56; Salvin, 1892, C. B. B. M. XVI, p. 311; Harter, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 118;

*Clytolaema rubricauda* Cory, 1918, C. B. Am. XII, pt.

II, p. 237; Simon, 1921 Hist. Nat. Des Trochil., p. 146; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 278. Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Blo. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 20 e Nr. 4, 1950.

Distribuição. — Sudeste do Brasil (Goyaz, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Paraná)..

- M. N. 18.060, m. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 13/12/1922.
- M. N. 9.780, f. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 3/3/1923.
- M. N. 18.061, m. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 3/3/1923.
- M. N. 18.059, m. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 5/3/1923.
- M. N. 18.051, m. Rio de Janeiro — Petropolis — Snethlage col. 28/3/1923.
- M. N. 18.050, m. Minas Gerais — Ouro Preto, S. de Mata-pau — Snethlage col. 23/4/1926.
- M. N. 18.053, m. Rio de Janeiro — S. Itatiaya, Sitio Walter — Snethlage col. 4/4/1927.
- M. N. 18.063, f. Rio de Janeiro — S. Itatiaya, S. Walter — Snethlage col. 12/4/1927.
- M. N. 9.785, m. Rio de Janeiro — S. Itatiaya, S. Walter — Snethlage col. 8/4/1927.
- M. N. 18.052, m. Paraná — Serra da Graciosa, Corvo — Snethlage col. 23/4/1928.
- M. N. 18.062, m. Paraná — Serra da Graciosa, Corvo — Snethlage col. 23/4/1928.
- M. N. 18.057, m. Paraná — Serra da Graciosa, Corvo — Snethlage col. 30/4/1928.
- M. N. 18.055, m. Paraná — Serra da Graciosa, Corvo — Snethlage col. 5/5/1928.

- M. N. 18.054, m. S. Catharina — S. Bento, Faz. Naderer — Snethlage col. 23/6/1928.
- M. N. 18.058, m. Minas Gerais — S. Caparaó, Campos Domingos — Snethlage col. 23/8/1929 . . . . .
- M. N. 18.056, m. Minas Gerais — S. Caparaó, Campos Domingos — Snethlage col. 3/9/1929.
- M. N. 18.804, m. Rio de Janeiro — Itatiaya, Retiro — C. Moreira col. VII/1902.
- M. N. 18.802, f. Rio de Janeiro — Itatiaya, Retiro do Ramos — C. Moreira col. 18/XI/1903.
- M. N. 18.561, m. Minas Geraes — Caparaó — Holt col.
- M. N. 9.782, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. 2/5/1926.
- M. N. 18.803, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. VIII/1919.
- M. N. 10.143, f. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col. V/1926.
- M. N. 10.141, m. e 10.144, m. Rio de Janeiro — Therezopolis — V. M. Ribeiro col.
- M. N. 10.111, m. 10.130, m. e 10.121, f. Rio de Janeiro — Therezopolis Schirch col.
- M. N. 9.785, m. Minas Geraes — Serra do Itatiaya,
- M. N. 9.780, f. Rio de Janeiro — Petropolis.
- M. N. 18.801, f. Brasil. Ehrhardt col.
- M. N. 18.065, m. 18.066, m. 18.064, f. 10.135, f. e 18.511, m. Brasil.
- M. N. 810, m. e 815, f. (Exposição) Brasil.
- M. N. 19.615, m. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 25/8/1940.
- M. N. 19.623, m. 19.624, m. 19.619, f. 19.621, f. e 19.614, ms. Esp. Santo — Sta. Teresa — Ruschi col. 1/9/1940.
- M.N. 19.616, m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 18/8/1940.
- M.N. 19.618, m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 25/8/1940.
- M.N. 19.617, f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 28/8/1940.
- M.N. 19.620, f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 18/9/1940.
- M.N. 20.326, f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 20/3/1940.
- M.N. 20.327, f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 19/X/1940.
- M.N. 20.328, f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 7/4/1941.
- M.N. 22.357, m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 21/5/1941.
- M.N. 22.358, f. e 22.359, m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 19/6/1941.
- M.N. 22.364, f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 7/8/1941.

**Genero HELIODOXA Gould, 1849**

*Heliodoxa* Gould, 1849, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 95. Typo, *Heliodoxa jacula* Gould.

***Heliodoxa leadbeateri leadbeateri* (Bourcier, 1843)**

*Trochilus leadbeateri* Bourcier, 1843, Rev. Zool., VI, p. 102. Caracas.

*Heliodoxa leadbeateri* Gould, 1860, Mon. Trochil., LL, t. 97; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 65; Simon, 1889, Mem. Soc. Zool. France, II, p. 220; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 317; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 150.

*Heliodoxa leadbeateri* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Proc. p. 122.

*Heliodoxa leadbeateri* Cory, 1918, C. B. Am. XIII, pt II, p. 239.

*Leadbeateri splendens* Gould, 1861, Introd. Trochil., p. 74.

Distribuição. — Colombia. Venezuela. Bolívia.

M.N. 18.067, ? e 18.068, ? Bolívia.

**Genero HELIANTHEA Gould, 1848:**

*Helianthea* Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., p. II. Typo *Ornismya Helianthea* Lesson.

***Helianthea helianthea* (Lesson, 1838)**

*Ornismya helianthea* Lesson, 1838, Rev. Zool., p. 314. (Santa Fé de Bogotá)

*Helianthea typica* Gould, 1854, Mon. Trochil. IV, t. 236; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 71, Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 124.

*Helianthea helianthea* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 127; Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N.H., XXXVI, p. 297; Cory, 1918, C.B. Am.

XIII, pt. II, p. 242; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 168.

Distribuição. — Colombia (Bogotá, Chiquaco.)

M.N. 18.069, m. 18.070, m. 18.071, m. 18.072, m. 18.072, f. Colombia.

M.N. 825, m. e 826, f. (Exposição) Colombia.

***Helianthea bonapartei*, Boissonneau, 1840)**

*Ornismya bonapartei*, Boissonneau in Rev. zool., v. 3. p. 6. 1840 (Bogotá).

*Helianthea bonapartei* Gould, 1854, Mon. Trochil., IV, t. 236; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 295; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 127. Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 168.

*Trochilus aurogastier*, 1840, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 16.

*Helianthea bonapartei*, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 124.

*Helianthea bonapartei*, Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 243.

Distribuição. — Colombia.

M.N. 18.073, m. 18.074, f. Colombia.

M.N. 788, m. (Exposição).

***Helianthea torquata* (Boissonneau, 1840)**

*Ornismya torquata* Boissonneau, 1840, in Rev. Zool., v. 3, p. 6 Bogotá.

*Bourcieria torquata* Gould, 1854, Mon. Trochil., IV, t. 251; Elliot 1879, Syn. Trochil., p. 77; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 130; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 169.

*Helianthea torquata* Oberholser, 1902, Proc. U. S. Nat. Mus., XXIV, p. 325; Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 297; Martert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 130; Cory, 1918, C. B. Am. XIII. pt. II, p. 245.

Distribuição. — Colombia. Equador.

M.N. 18.075, ? e 18.076, ?. Equador.  
M.N. 827, m. (Exposição). Colombia.

***Helianthea prunellei* (Bourcier & Mulsant, 1843)**

*Trochilus prunelli* (corr. *prunellei*), Bourcier & Mulsant, 1843, in Ann. Soc. Agric. Lyon, v. 6 p. 36. Colombia.  
*Coeligena prunellii* Gould, 1857, Mon. Trochil., IV, t. 257.  
*Bourcieria prunellii* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 78.  
*Lampropygia prunellii* Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 133.  
*Helianthea prunellei* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 133.  
*Helianthea prunellii* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 246.  
*Homophania Prunellei* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 170.

Distribuição. — Colombia.

M.N. 18.079, ? 18.080, ?. Colombia.  
M.N. 828, m. (Exposição) Colombia.

**Genero LAFRESNAYEA Bonaparte, 1850**

*Lafresnaya* (corr. *Lafresnayea*) Bonaparte, 1850, Compt Rend. XXX, p. 380. Typo, *Trochilus flavicaudatus* Fraser = *Troc. lafresnayi* Boissonneau.

***Lafresnaya lafresnayei* (Boissonneau, 1840)**

*Trochilus lafresnayi* (corr. *lafresnayei*), Boissonneau, 1840, in: Rev. Zool, III, p. 8.  
*Trochilus flavicaudatus* Fraser, 1840, in Pr. Zool. Soc. London, v. 8 p. 18.  
*Lafresnaya flavicaudata* Reichenbach, 1855, Handb. Orn. Troch.  
Enum. p. 3. t. 785 f. 4824-5; Gould, 1857, Mon. Trochil., II, t. 85; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 326.  
*Lafresnayea lafresnayi* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N.H., XXXVI, p. 298.  
*Lafresnaya lafresnayi* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 248.  
*Lafresnayea lafresnayei* Hartert, 1900, Das. Tierr. Troc. pl. 136.  
*Lafresnayea Lafresnayei* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., 161.

Distribuição. — Colombia.

M.N. 18.061, m. 18.082, ? 18.083, m. 18.439, ?. Colombia.  
M.N. 803, m. e 804, f. (Exposição). Colombia.

**Genero DOCIMASTES Gould, 1849**

*Docimastes* Gould, 1849, Mon. Trochil., IV, t. 233. Typo.  
*Docimastes ensiferus* Gould — *Ornismya ensifera* Boissonneau.

***Dosimastes ensifer* (Boissonneau, 1839)**

*Ornismya ensifera* Boissonneau, 1839, in Rev. Zool., v. 2 p. 354; 1840, in Mag. Zool, ser. v.2. cl. II, t. 15.  
*Docimastes ensiferus* Gould, 1849, Mon. Trochil., IV, t. 233; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 315.  
*Trochilus derbianus* Fraser, 1840, in P. Zool. Soc. London, v. 8 p. 16.  
*Docimastes schliephackei* Heine, 1863, in J. Orn., v. 11 p. 215.  
*Docimastes ensifer* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 137; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 172.  
*Ensifera ensifera ensifera* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 299; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 249.

Distribuição. — Venezuela. Colombia. Equador e Perú.

M.N. 18.844, ? e 17.845, ? Colombia e Venezuela.  
 M.N. 803,m e 806,f. (Exposição Perú e Venezuela).

**Genero PTEROPHANES Gould, 1849**

*Pterophanes* Gould, 1849, Mon. Trochil., v. 3 t. 178. Typo, P.  
*Temminckii* Gould = *Ornismya Temminckii* Boissonneau.

***Pterophanes temminckii* (Boissonneau, 1839)**

*Ornismya temminckii*, Boissonneau, 1839, in Rev. Zool., v. 2 p. 354; 1840, in Mag. Zool., ser. 2 v. 2. cl. II t. 14.  
*Pterophanes temminckii* Gould, 1849, Mon. Trochil., t. 178; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 118; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 138; Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 299; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 250;  
*Trochilus cyanopterus* Fraser, 1840, in P. Zoo. Soc. London, v. 8 p. 17.  
*Pterophanes peruvianus* Boucard, 1895, Gen. Humm. B., p. 263.  
*Pterophanes cyanopterus* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 164.

Distribuição. — Colombia. Equador. Perú. Bolivia.

M.N. 17.847,m. 17.848,m. 17.849,m. Colombia.  
 M.N. 808,f. (Exposição) Colombia.

**Genero AGLAEACTIS Gould, 1848**

*Aglaeactis* Gould, 1848, in P. Zool. Soc. London, v. 16 p. 11. Typo, *Trochilus cupreipennis* Bourcier, por desig. de Gray em 1855. *Aglaiactis* (nom. emend.) Cabanis & Heine 1860, Mus. Heine, III, p. 69.

**Aglaeactis cupripennis cupripennis** (Bourcier & Muisant, 1843)

*Trochilus cupripennis* Bourcier & Muisant, 1843, Ann. Phys e Nat. Lyon, VI, p. 48 (Colombia).

*Aglaeactis cupreipennis* Gould, 1856, Mon. Trochil., III, t. 179; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 186; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 350.

*Aglaeactis cupripennis* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 139.

*Aglaeactis cupripennis cupripennis* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N.H., XXXVI, p. 299; *Aglaeactis cupripennis cupripennis* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 250.

*Aglaeactis cupreipennis* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochilid. p. 159.

Distribuição. — Colombia e Equador.

M.N. 18.077.?, e 18.078.?, Equador.

**Genero BOISSONNEAU** Reichenbach, 1854

Boissonneau Reichenbach, 1854, (Març.) Aufz. d. Col., p. 11. Typo, *Trochilus flavescens* Lodd.

**Boissonneaua flavescens** (Loddiges, 1832)

*Trochilus flavescens* Loddiges, 1832, in P. Comm. Zool. Soc. Lond. v. 2 p. 7.

*Panoplitus flavescens* Gould, 1854, Mon. Trochil., II, t. III; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 374.

*Boissonneaua flavescens* Reichenbach, 1855, Handb. Orn., Troch.

Enum. p. 8 t. 787 f. 4830-1, Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 142; *Boissonneaua flavescens flavescens* Hellmaur, 1911, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 1185; Chapman, 1917, Bull. AmMus. N.

H., XXVI, p. 300; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 253.

*Boissonneaua flavescens tinoclora* Oberholser, 1902, Proc. U.S. Nat. Mus., XXIV, p. 329; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 253.

*Boissonneauauxia flavescens* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 178.

Distribuição. — Venezuela. Colombia e Equador.

M.N. 18.084.?, e 18.085.?, Equador.

M.N. 307.?. (Exposição) Venezuela.

**Genero ERIOCNEMIS** Reichenbach, 1849 — 50

*Eriocnemis* (em substit. a *Eriopus*) Reichenbach, 1849, 50, Av. Syst. Aufz. d. Col., t. XL. Typo, *Ornismya vestita* Lesson.

**Eriocnemis vestita vestita** (Lesson, 1838)

*Ornismya vestita* (Longuemare MS.) Lesson, 1838, Rev. Zool., p. 95 (Bogotá).

*Eriocnemis vestita* Gould, 1859, Mon. Trochil., IV, t. 275; Elliot 1879, Syn. Trochil., p. 193; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 363; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 185.

*Eriocnemis vestita* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 145.

*Mellisuga ridolphii* Benevenuti, 1865, Ann. R. Mus. Torino, p. 305.

*Vestipedes vestitus vestitus* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 300; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 254.

Distribuição. — Colombia e Venezuela.

M.N. 18.089,f. 18.090,f. 18.087,m. 18.088,m. Colombia.

M.N. 809,f. (Exposição)

***Eriocnemis cupreovertris* (Fraser, 1840)**

*Trochilus cupreovertris*, Fraser, 1840, in P. Zool. Soc. London, v. 8 p. 15. (Colombia).

*Eriocnemis cupreivertris* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 270;

Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 192; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 367; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochilid., p. 186.

*Eriocnemis aurea* A. B. Mayer, 1890, in. Auk p. 315 v. 7.

*Eriocnemis albogularis* Boucard, 1892, in Humm. B., v. 2 p. 78.

*Vestipedes cupreovertris* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 255

*Eriocnemis cupreovertris* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 145.

Distribuição. — Colombia e Venezuela.

M.N. 18.086,m. Colombia.

M.N. 782,?. (Exposição).

***Eriocnemis aurellae aurellae* (Bourcier & Mulsant, 1846)**

*Trochilus aurellae* Bourcier & Mulsant, 1846, Ann. Soc. Agric.

Lyon, IX, p. 315, t. 10 (Bogotá).

*Eriocnemis aurellae* Bonaparte, 1854, Rev. Mag. Zool., ser 2 v. 6 p. 252.

*Eriocnemis aurellae* Gould, 1855, Mon. Trochil., IV, t. 283;

Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 190; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 370 pt.; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 147.

*Haplophaedia Aurellae* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 188.

*Vestipedes aurellae aurellae* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N.H., XXXVI, p. 302; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 257.

Distribuição. — Colombia.

M.N. 18.091,?. e 18.092,?. Colombia.

**Genero OCREATUS Gould, 1846**

Ocreatus Subgen. (part), Gould, 1846, P. Zool. Soc. Lond. v. 14 p. 86; Spathura, 1849, Mon. Trochil. III, t. 164. Typo, Trochilus addae Bourcier = S. peruana Gould (= Orn. underwoodi Lesson).

**Ocreatus underwoodi underwoodi Lesson, 1832**

Ornismya underwoodi Lesson, 1832, Hist. N. Trochil., p. 105, t. 37. (Santa Fé de Bogotá).

Spathura underwoodi Gould, 1849, Mon. Trochil., t. 162; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 375; Simon, 1921, Hist. N. Des Trochil., p. 190. (parte) Colombia.

Steganura underwoodi Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 142. Ocreatus underwoodi (typicus) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 150.

Ocreatus underwoodi underwoodi Chapman, 1917, Bull. Am Mus. N.H., XXXVI, p. 303; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 259

Distribuição. — Colombia.

M.N. 17.860.m. 17.861.m. 17.859.f. 17.856.f. 17.857.f. Colombia.

**Ocreatus melanatherus (Jardine, 1851)**

Trochilus (Spathura) melanathera, Jardine, 1851, Contr. Orn., p. 111, t. 20. (Quito).

Spathura melanathera Gould, 1859, Mon. Trochil., III, t. 163; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 377; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 190.

Ocreatus underwoodi melanatherus Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 260.

Ocreatus melanatherus Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 151.

Distribuição. — Equador.

M.N. 17.858.f. 17.862.m. Equador.

M.N. 802.m. (Exposição).

**Genero ADELOMYIA Bonaparte, 1854**

Adelomyia Bonaparte, 1854, (Parte) in Rev. Mag. Zool., ser. 2 v. 6 p. 253. Typo, Trochilus sabina Bourcier = Trochilus melanogenys Fraser.

**Adelomyia melanogenys maculata Gould, 1861**

Adelomyia maculata Gould, 1861, Mon. Trochil., III, t. 190. (Quito) Hartert (E.C.), Nov. Zool., 1894, I, p. 51, 56 f. 4, 5.

Adelomyia melanogenys maculata Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil. p. 155; Oberholser, 1902, Proc. U. S. Nat. Mus., XXIV, p. 332;

Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 263; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 139. *Adelomyia melanogenys* Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 169 (Pt. ad).

Distribuição. — Equador.

M.N. 812,m. (Exposição) Equador.

#### Genero HELIANGELUS Gould, 1848

*Heliangelus* Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 12  
 Typo, *Ornismya clarissae* Longuemare.

#### *Heliangelus clarissae* (Longuemare, 1841)

*Ornismya clarissae* Longuemare, 1841, Rev. Zool., p. 306 (Bogotá)

*Heliangelus clarissae* Gould, 1855, Mon. Trochil., IV, t. 241; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 89; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 160. Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 265.

*Heliangelus clarissae* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 158.  
*Heliangelus Clarissae* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 179.

*Heliangelus taczanowskii* Peizeln, 1877, Ibis, p. 338.

Distribuição. — Colombia e Venezuela.

M.N. 18.093,? e 18.094,?. Colombia.

M.N. 814,?. (Exposição).

#### *Heliangelus exortis* (Fraser, 1840)

*Trochilus exortis* Fraser, 1840, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 14 (Guadas, Colombia).

*Ornismya parzudaki* Lesson, 1840 (não Less. 1838), Rev. Zool., III, 1840, p. 72.

*Heliotrypha parzudaki* Gould, 1860, Mon. Trochil., IV, t. 240.  
*Heliotrypha exortis* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 87; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 165; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 181.

*Heliangelus exortis* Hartert, 1900 das Tierr. Trochil. p. 160; Hellmayr, 1911, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 1186.

(?) *Heliangelus exortis soderstroni oberholser*, 1902, Proc. U.S. Nat. Mus., XXIV, p. 334 (Corazon, Equador).

Distribuição. — Colombia e Norte do Equador.

M.N. 18.095,? e 18.096,m. Equador.

#### *Heliangelus micraster* Gould, 1872

*Heliangelus micraster* Gould, 1872, Ann. Nat. Hist., ser. 4 v. 9 p. 195.

(s. Lucas, Equador); Mon. Trochil. Suppl., 1883, t. 23; Hartert (E. C.) 1894, Nov. Zool., I, p. 50; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 160; Cory 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 266.

*Heliotrypha micrastur* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 88; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 166. *Heliotrypha micraster* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 181.

Distribuição. — Equador.

M.N. 811.m. (Exposição) Equador.

#### Genero METALLURA Gould, 1847

*Metallura* Gould, 1847, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 94  
Type, *Trochilus opaca* e *Urolampra*, Cab. & Heine, Mus. Hein., v. 3. p. 68,69.

#### *Metallura tyrianthina tyrianthina* (Loddiges, 1832)

*Trochilus tyrianthinus* Loddiges, 1832, Proc. Comm. Zool. Soc. Lond. v. 2 p. 6.

*Ornismya paulinae* Boissonneau, 1839, Rev. Zool., p. 354; 1840, Mag.

zool., ser. 2 cl. II t. 13.

*Ornismya allardi* Bourcier, 1839, Rev. Zool., II, p. 294.

*Metallura grosecyanea* Boucard, 1893, Gen. Humm. B., p. 55 (Var.).

*Metallura tyrianthina* Reichenbach, 1855, Hamdb. Orn., Trochil.

Enum. p. 5 t. 719 f. 4630-1; Simon, 1921, H. Nat. Des Trochil. p. 202.

*Metallura tyrianthina* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Proc. p. 164.

*Metallura tyrianthina tyrianthina* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus.

N. H., XXXVI, p. 305.; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 270.

Distribuição. — Colombia e Venezuela. Equador.?

M.N. 18.097,m. e 18.098,f. Colombia.

#### Genero OXYPOGON Gould, 1848

*Oxygogon* Gould, 1848, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 14. Type *Trochilus guerini* Boissonneau, desig. em 1855 por Gray.

#### *Oxygogon guerini* (Boissonneau, 1840)

*Ornismya guerinii* Boissonneau, 1840, Rev. Zool., v. 3 p. 7.

*Oxygogon guerini* Gould, 1849, Mon. Trochil., III, t. 182;

Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 340; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 156; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 167; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 205.

*Oxygogon guerinii* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. 272.

Distribuição. — Colombia

M.N. 18.099,m. Colombia.

M.N. 813,m. (Exposição).

**Genero CHALCOSTIGMA Reichenbach, 1854**

*Chalcostigma* (subgen.) Reichenbach, 1854, Aufz. d. Col., p. 12. Typo, *Ornismya heteropogon* Boissonneau.

***Chalcostigma heteropogon* (Boissonneau, 1839)**

*Ornismya heteropogon* Boissonneau, 1839, Rev. Zool., p. 355. Santa Fé de Bogotá.); Mag. Zool., ser. 2 v. 2 cl. II t. 12.  
*Trochilus coruscus* Fraser, 1840, Proc. Z. S. Lond., p. 15.  
*Rhamphomicron heteropogon* Gould, 1854, Mon. Trochil., III, t. 184; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 158; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 343  
*Chalcostigma Heteropogon* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 169; Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 306; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 273; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 203.

Distribuição. — Colombia. Venezuela. Equador.

M.N. 18.100,m. 18.101,m. 18.103,m. e 18.103,f. Colombia.

**Genero RHAMPHOMICRUS Bonaparte, 1850**

*Ramphomicron* Bonaparte, Compt. Rend., 1850, p. 382, p. Typo, *Ornismya microrhyncha* Boissonneau. *Rhamphomicron* (nom. corr.)  
 Reichenbach, Aufz. d. Col, 1854, p. 12. *Rhamphomicrus* (nom. Corr.) 1860, Cab. & Heine, Mus. Heine., III, p. 70.

***Rhamphomicrus microrhynchus microrhynchus* (Boissonneau, 1839)**

*Ornismya microrhyncha* Boissonneau, 1839, Rev. Zool., II, p. 354 (Bogotá); Mag. Zool., ser. 2 v. 2 cl. II t. 16 (1840).  
*Rhamphomicron microrhynchus* Gould, 1852, Mon. Trochil., III, t. 189.  
*Rhamphomicron microrhynchum* Reichenbach, 1855, Hamdb. Orn., Trochil. Enum. p. 10 t. 818 f. 4915-8; Salvin, 1892, C.B. B.M. XVI, p. 342. Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 275.  
*Trochilus brachyrhynchus* Fraser, 1840, Proc. Zool. Soc. Lond. v. 8, p. 16.  
*Rhamphomicrum microrhynchum* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil. p. 171.  
*Rhamphomicrus microrhynchus* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 199.

Distribuição. — Colombia. Venezuela. Equador.

M.N. 18.105,m. 18.106,m. 18.104,m. Equador.

M.N. 773,m. e 774,f. (Exposição)

**Genero EUSTEPHANUS Reichenbach, 1849**

*Eustephanus* Reichenbach, 1849-50, Av. Syst., t. 40 Typo, *Trochilus galeritus* Molina.

**Eustephanus galeritus** (Molina, 1782)

*Trochilus galeritus* Molina, 1782, Saggio Stor. Nat. Chili, p. 247. (Chile).

*Eustephanus galeritus* Gould, 1852, Mon. Trochil., IV, t. 265; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 93; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 156; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 173; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 276; Salvin, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 176.

*Ornismya sephaniodes* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. — Mouches, p. XXV, 69, t. 14. *Trochilus forficatus* Gould, 1841, Zool. Voy. Beagle, v. 3, p. 110.

Distribuição. — Chile e Argentina.

M.N. 18.107,m. 18.108,m. 18.109,m. 18.110,f. 18.513,m. e 18.514,m. Chile.

M.N. 789,m. e 790,f. (Exposição).

**Genero CYANOLESBIA Stejneger, 1885**

*Cyanolesbia* Stejneger, 1885, Auk, v. 2 p. 46. Typo, *Cyananthus forficatus* (não Swainson 1827 :), Swainson, Classif. B., v. 2 p. 330.

***Cyanoslesbia mocoa mocoa*** (Delattre & Bourcier, 1846)

*Trochilus mocoa* Delattre & Bourcier, 1846, Rev. Zool., p. 311. Mocoa, Colombia.

*Cyanthus mocoa* Bonaparte, 1851, Consp. Av., p. 81; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 152.

*Cyanthus smaragdicaudus* Gould, 1852, Mon. Trochil., III, t. 173.

*Cyanolesbia mocoa* Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 140; Hartert (E. C.), 1894, Nov. Zool., I, p. 47.

*Cyanolesbia cyanura mocoa* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 176.

*Cyanolesbia kingi mocoa* Hartert, 1898, Nov. Zool., V, p. 515.

*Cyanolesbia mocoa mocoa* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 309; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 278.

*Lesbia mocoa* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 209.

Distribuição. — Colombia e Equador.

M.N. 17.915,m. 17.916,m. e 17.917,?. Equador.

***Cyanolesbia mocoa smaragdina*** (Gould, 1846)

*Trochilus* (*Lesbia*) *smaragdinus* Gould, 1846, Proc. Zool. Soc. Lond., v. 14 p. 85.

*Cyanolesbia smaragdina* Salvin, C.B.B.M. XVI, p. 140.

*Cyanolesbia mocoa smaragdina* Hartert (E. C.), 1894, Nov. Zool. I, p. 47.

*Cyanolesbia kingi smaragdina* Hartert, 1898, Nov. Zool., V, p. 516.

*Cyanolesbia cyanura smaragdina* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 176.

*Cyanolesbia mocoa smaragdina* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 278.

*Lesbia smaragdina* Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 209.

Distribuição. — Bolívia. Equador. Perú.

M.N. 791,m. e 792,f. Bolívia.

**Genero PSALIDOPRYMNA Cabanis & Heine, 1866**

*Psalidoprymna* Cabanis & Heine, 1866, Mus. Heine, III, p. 52-70. Typo, *Trochilus victoriae*; e *Agaclyta*, typo, *Trochilus gouldi*.

***Psalidoprymna victoriae victoriae* (Bourcier & Mulsant, 1846)**

*Trochilus victoriae* Bourcier & Mulsant, 1846, Ann. Soc. Phys. Agric. Lyon, IX, p. 312 (Colombia).

*Lesbia amaryllis* Gould, 1854, Mon. Trochil., III, t. 170; Elliot 1879, Syn. Trochil., p. 148.

*Lesbia victoriae* Reichenbach, 1854, Aufz. d. Colib., p. 8; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 146.

*Psalidoprymna victoriae* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 181.

*Psalidoprymna victoriae* Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 193. *Psalidoprymna victoriae victoriae* Hartert, 1929, Nov. Zool., VI, p. 74; Chapman, 1917, Bull. Mus. N. H., XXXVI, p. 310; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 281.

Distribuição. — Colombia.

M.N. 17.919,m. 17.920,?. 17.921,?. 17.922,f. Colombia.

***Psalidoprymna gouldi gouldi* (Loddiges, 1832)**

*Trochilus gouldii* Loddiges, 1832, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 7. (Popayan).

*Ornísya sylphia* Lesson, 1840, Rev. Zool., v. 3 p. 73.

*Lesbia gouldi* Gould, 1856, Mon. Trochil., III, t. 167; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 146, pt.; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 149, pt. *Psalidoprymna gouldi* (typica) Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 183.

*Psalidoprymna Gouldi* Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 194.

*Psalidoprymna gouldi gouldi* Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 310; *Psalidoprymna gouldii gouldii* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 283.

Distribuição. — Colombia. Venezuela.

M.N. 793, m. e 794,f. (Exposição) Colombia.

**Genero AUGASTES Gould, 1849**

*Augastes* Gould, 1849, Mon. Trochil., IV, t. 221. Typo, *Trochilus superbus* Vieillot.

**Augastes superbus (Vieillot, 1823)**

*Trochilus superbus* Vieillot, 1823, Tabl. Encycl. et méth., Orn., p. 561: "Brésil".

*Trochilus scutatus* Nattererer, 1824, in Temm., pl. col., t. 289 f. 3.

*Augastes superbus* Bonaparte, 1850, Consp., v. 1 p. 34; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 35; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 184; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 212; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 280.

*Augastes scutatus* Gould, 1849, Mon. Trochil., IV, t. 221; Cory, 1918, C.B. Am., XIII pt. II, p. 285.

*Ornismya nattereri*, *O. nattererii* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. - Mouches, p. XXXVII, 75 t. 18.

Distribuição. — Sudeste do Brasil: sul da Bahia, Minas Geraes (Diamantina, Serra do Caraça, Itacolomi, etc.).

M.N. 18.115,m. Brasil.

M.N. 795,m. (Exposição)

**Genero SCHISTES Gould, 1851**

*Schistes* Gould, 1851, in Jardine, Contrb. Orn., p. 140. Typo.  
*Schistes albogularis* Gould.

***Schistes geoffroyi* (Bourcier & Mulsant, 1843)**

*Trochilus geoffroyi* Bourcier & Mulsant, 1843, Ann. Sc. Phys. et Nat. Lyon, VI, p. 37, t. 3 ("La Vallée de Cauca pres de Carthagene").

*Schistes geoffroyi* Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 218; Elliot, 1878, Syn. Trochil., p. 173; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 34; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 185; Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 310; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 285.

*Schistes Geoffroyi* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 213.

Distribuição. — Colombia, Equador e Bolivia.

M.N. 18.116,m. Colombia.

**Genero HELIOTHRYX Boie, 1831**

*Heliothyryx* Boie, 1831, Isis, p. 547. Typo, por desig. de Gray (1840), *Trochilus auritus* Gmelin.

***Heliothyryx auritus phainolaema* Gould, 1855**

*Heliothyryx phainolaema* Gould, 1855, Proc. Zool. Soc. Lond., XXIII, p. 87; "Rio Napo" errore, loc. Typ. Pará.

*Heliothyryx auriculatus phainolaema* Hellmayr, 1905, Nov. Zool. XII, p. 297; Id. XIII, 1906, p. 378.

*Heliothyryx aurita phainolaema* Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 287.

*Heliotrix auritus phaenolaema* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., 215.

*Heliothryx auritus phainolaema* Pinto O. 1938, Cat. Av. Eitas. p. 281.

Distribuição. — Norte do Brasil (leste do Pará, norte do Maranhão.).

M.N. 18.440, f. Pará-E. F. B. St. Antonio do Prata-Snethlage col. 29/6/1915.

M.N. 18.443, m. Pará-Rio Jamanchin, Sta. Helena-Snathlage col. 27/8/1917.

M.N. 18.442, m. Maranhão-Tury-assú, Alto da Alegria-Snathlage  
M.N. 18.441, f. Maranhão-Tury-assú, Alto da Alegria-Snethlage col. 19/XI/1923.

M.N. 18.664, m. Pará - 24/3/1914.

M.N. 18.645, m. Pará - Lima col.

#### *Heliothryx auritus auriculatus* (Nordmann, 1835)

*Trochilus auriculatus* Nordmann, 1835, in Erman, Reise, Naturhist Atlas, p. 5, tab. II, fig. 1 e 2: Rio de Janeiro.

*Heliothrix poucheti* Bonaparte, 1850, Consp. Av., I, p. 69.

*Heliothrix auritus auriculatus* e *H. auritus Poucheti* Simon 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 214-215.

*Heliothrix auriculatus* Gould, 1853, Mon Trochil., IV, t. 214; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 175; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 32, pt.; Berlepsch & Stolzmann, 1902, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 28; Snthlage, 1914, Boll. Mus. Goeldi, Cat. Av. Amaz. VIII, p. 263.

*Heliothrx auriculata* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 186.

*Heliothrix auritus auriculatus* Hellmayr, 1900, Nov. Zool., XVII, p. 377; *Heliothryx auritus auriculatus* Pinto O. 1935, Av. da Bahia p. 142.

*Heliothryx auritus auriculatus* Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 281.

Berla H. F. 1946, Bol. Mus. Nac. Nr. N5 pg. 9; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão nr. 1 pg. 20. *Heliothryx aurita auriculata* Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 287. Ruschi, 1950, *Heliothryx auritus auriculatus*, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 5.

Distribuição. — Sul do Perú (Rio Cadena, La Merced, etc.).

Brasil, Nordeste central e oriental: Pernambuco, sul do Amazonas (Rio Madeira), norte de Matto-Grosso (Rio Roosevelt),

Goyaz, Minas-Geraes, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná.

M.N. 10.136, m. Rio de Janeiro - Therezopolis - V. M. Ribeiro col. 16/XI/1928.

M.N. 10.128, f. Rio de Janeiro - Therezopolis - P. Schirch col.

M.N. 18.545, m. 18.445, m. 18.444, m. 18.525, m. 18.643, m. 18.557, f.

M.N. 18.553, f. 18.446, f. e 18.554, f. Brasil.

M.N. 24.862, m. Pernambuco - Município de Igaracú, H. F. Berla col. 24/5/1945.

#### Genero HELIACTIN Boie, 1831

*Heliactin*, Boie, 1831, Isis, p. 546. Typo, *Trochilus bilophus* Temmick.

**Heliactin bilophum** (Temminck, 1820)

*Trochilus bilophus* Temminck, 1820, *Nouv. Réc. Pl. Color. d'Ois.*, livr. 3, pl. 18, fig. 3: "Brésil", — Fazenda do Vale, nos confins da Bahia com Minas, col. Wied.

*Trochilus cornutus* Wied, 1821, *Reise N. Bras.*, II, p. 190.

*Heliactin cornuta* Boie, 1831, *Isis*, p. 546; Gould, 1856, *Mon. Trochil.*, IV, t. 212; Elliot, 1879, *Syn. Trochil.*, p. 116; Salvin, 1892, *C.B.B.M.*, XVI, p. 433. *Heliactin cornutus* Simon, 1921, *Hist. Nat. Des Trochil.*, p. 215.

*Heliactin bilophum* Hartert, 1900, *Das Tierr. Troc.*, p. 137; Hellmayr, 1908, *Nov. Zool.*, XV, 1908, p. 77; Cory, 1918, *C.B. Am.*, XIII, pt. II, p. 288; Pinto O. 1938, *Cat. Av. Bras.* p. 281. 1941, *Rev. Mus. Paul.* XXV pg. 18; 1948, *Pap. Avuls. Dep. Zool. S. P.* VIII pg. 311; Berla, H. F. 1946, *Bol. Mus. Nac. Nr.* 65, pg. 9.

Distribuição. — Brasil central, oriental e nordeste (Mato-Grosso, Goyaz, Minas Geraes, Maranhão, Piauí, Bahia, S. Paulo, Pernambuco).

M.N. 18.722,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 30/5/1927.

M.N. 18.726,?. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 9/6/1927.

M.N. 18.724,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 13/6/1927.

M.N. 18.723,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 14/6/1927.

M.N. 18.727,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 15/6/1927.

M.N. 18.729,m. 18.725,f. 18.728,? f. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 18/6/1927.

M.N. 18.721,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 28/6/1927.

M.N. 18.793,f. 18.794,m. 18.793,m. Goyaz - Posse - Pfrimer col.

M.N. 18.796,m. Goyaz - Chapéu - Pfrimer col.

M.N. 18.861,f. Goyaz - Veadeiros - Pfrimer col. 18/XII/1929.

M.N. 18.799,m. Matto Grosso - Cáceres - Com. Rondon col. 19/8/1908.

M.N. 18.800,f. Matto-Grosso - Cáceres - Hohne col.

M.N. 9.792,m. Goyaz.

M.N. 18.517,m. 18.556,f. 9.788,f. e 18.575,f. Brasil.

M.N. 796,m. 797,m. 798,f. e 799,f. (Exposição)

M.N. 24.870,f. Pernambuco, Município de Igaracú, H. F. Berla col. 4/2/1945.

**Genero RHODOPIS Reichenbach, 1854**

*Rhodopis* Reichenbach, 1854, *Aufz. d. Col.*, p. 12; in *J. Orn.*, (Extra-heft). *Typo*, *Rhodopis vespera* Reichenbach = *Ornismya vesper* Lesson.

***Rhodopis vesper*** (Lesson, 1829)

*Ornismya vesper* Lesson, 1829, *Hist. Nat. Ois. Mouches*, pp. 15. 85. t. 19. "Cora de Perou".

*Calliphlox (Rhodopis) vespera* Reichenbach, 1855, *Mandb. Orn.*, *Trochil. Enum.* p. 10 t. 841 f. 4984 - 5.

*Rhodopis vesper* Gould, 1856, *Mon. Trochil.*, III, t. 154; Elliot, 1879, *Syn. Trochil.*, p. 115; Salvin, 1892 *C.B.B.M.*, XVI, p. 279;

Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 189; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 228; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. 223.

Distribuição. — Sudoeste do Perú.

M.N. 824,m. (Exposição) Perú.

**Genero HELIOMASTER Bonaparte, 1850**

Heliomaster Bonaparte, 1850, Compt. Rend. de l' Acad. de Sci., XXX, p. 382. Typo, Ornismya angelae Lesson = (Trochilus furcifer Shaw).

**Heliomaster furcifer (Shaw, 1811)**

Trochilus furcifer Shaw, 1811, Gen. Zool. VIII, p. 280: Paraguay.

Trochilus caudacutus Vieillot, 1817, Nouv. Dict., 2a. ed. VII, p. 347.

Heliomaster angelae Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 263. Ornismya angelae Lesson, 1833, III. Zool., t. 45, 46 & text. Heliomaster furcifer Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 86; Salvin, 1892, C.B.B.M. XVI, p. 119; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 190; Hellmayr, 1908, Nov. Zool., XV, p. 77; Cory, 1918, C.B. Am. XIII, pt. II, p. 289; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 220; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras. p. 282; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pag. 16.

Distribuição. — Bolivia, norte da Argentina, Paraguay, Brasil meridional e central (Rio Grande do Sul, Goyaz, Matto-Grosso).

M.N. 18.624,m. Matto - Grosso - Caceres - Hoehne col.

M.N. 16.772,f. Matto - Grosso - Caceres - Com. Rondon col. 19/8/1908.

M.N. 18.682,m. e 18.683,?. Goyaz - Galheiro - Pfrimer col.

**Genero LEPIDOLARYNX Reichenbach, 1854**

Lepidolarynx Reichenbach, 1854, Aufz. d. Col., p. 13, in J. f. Orn. de 1853, Typo, por desig. orig., Trochilus mesoleucus Temminck (= Trochilus squamosus Temm.).

**Lepidolarynx squamosus (Temminck, 1823)**

Trochilus squamosus Temminck, 1823, Nouv. Rév. Pl. Col., p. 203, fig. 1 "Brésil" (patria typ. seg. O. Pinto: Bahia.).

Heliomaster mesoleucus Gould, 1853, Mon. Trochil., IV, t. 262;

Ornismya mesoleuca Less., O. M. 1929-30, pp. XXIV e 110, t. 29 e 30 Heliomaster squamosus Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 191; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 289.

Lepidolarynx mesoleucus Gould, 1861, Intr. Trochil., p. 140; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 85; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 120; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 219-20; Pinto, O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 282. 1940 Rev. Mus. Paul. XXIV

pg. 241; 1943, Pap. Avul. Dep. Zool. S. P. III pg. 274; 1944, Pap. Avul. Dep. Zool. C. P. IV p. 139.

Distribuição. — Brasil este- meridional (Pernambuco, Bahia, Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo)

M.N. 18.675.?, 18.676.?, 18.674.?, Goyaz-Galheiro-Pfrimer col.

M.N. 18.694.m. Goyaz-Posse-Pfrimer col.

M.N. 18.691.m. Goyaz-João Pinheiro-Pfrimer col.

M.N. 18.128.?, 18.125.m. 18.126.m. 18.127.?, 18.515.m. 18.516.?. Brasil.

M.N. 800.m. e 801.f. (Exposição).

#### Genero CALOTHORAX Gray, 1846

Calothorax Gray, 1840, Lis., Gen. Bds., p. 13. Typo, Ornismya cyanopogon Less. = Cynanthus lucifer Swainson.

#### Calothorax lucifer (Swainson, 1827)

Cynanthus lucifer Swainson, 1827, Philos. Mag. N. S., I, p. 442 (Temascaltepec, Mexico). Calothorax cyanopogon Gould, 1861, Mon. Tr. v 3. t1 43.

Calothorax lucifer Sciater, 1856, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 288; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 118; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 300; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 193; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 292; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 229.

Distribuição. — Mexico.

M.N. 18.117.m, Mexico.

#### Genero CALLIPHLOX Boie, 1831

Calliphlox Boie, 1831, Isis, p. 344. Typo Trochilus amethystina Gmelin.

#### Calliphlox amethystina (Boddaert, 1783)

Trochilus amethystinus Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 41 (baseado em Daubenton, Pl. Enl. 692, fig. 1) : Cayena.

Trochilus brevicauda Spix, 1824, Av. Bras., pl. 80.

(?) Ornismya amethystoides Lesson, 1832, Hist. Nat. Trochil., p. 79, t. 25.

Calliphlox amethystina Gould, 1856, Mon. Trochil., III, t. 159; Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 130; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 366; Berlepsch, 1908, Nov. Zool., XV, p. 268; Hellmayr, 1906, Nov. Zool., XIII, p. 379; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 197; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 293; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 231; Pinto O. 1938, Cat. Av. Brasil, p. 283; 1932, Res. Orn. S. P. e M. C. p. 50; 1936, Rev. Mus. Paul. XX pg. 66; 1940, Rev. Mus. Paul. XXIV, pg. 242; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pg. 16; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 20 e Nr. 4, 1950.

Distribuição. — Venezuela, Trinidad, Guianas, Leste do Equador e do Perú, Paraguay, Nordeste da Argentina e quase todo Brasil (Rio Grande do Sul, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo, Pernambuco, Minas Geraes, Goyaz, Matto-Grosso, Pará.).

- M.N. 18.148,m. Pará - Rio Tocantins, Cametá - F. Lima col. 20/I/1911.  
 M.N. 18.151,f. Esp. Santo - Cach. Itapemirim, Morro Grande - Snethlage col. 26/XI/1925.  
 M.N. 18.149,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 4/6/1927.  
 M.N. 18.150,f. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 14/6/1927.  
 M.N. 18.152,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 20/6/1927.  
 M.N. 18.153,f. Goyaz - Alto Rio Roncador, Olhó D'Agua - Snethlage col. 23/6/1927.  
 M.N. 18.154,m. Goyaz - Planaltino - Snethlage col. 29/6/1927.  
 M.N. 18.155,m. Goyaz - Ferreiro - Snethlage col. 25/7/1927.  
 M.N. 18.411,m. Matto-Grosso - Chapada - H. Smith col. 17/X/1882.  
 M.N. 18.538,m. Monte Podre - Hohne col. III/1911.  
 M.N. 18.413 e 18.412,f. Minas Geraes - Rio das Velhas, Matosinhos  
 M.N. 18.601,f. Goyaz - Posse - Pfrimer col.  
 M.N. 18.693,m. e 18.684,m. Goyaz - Galheiro - Pfrimer col.  
 M.N. 10.116,m. Rio de Janeiro - Therezopolis - P. Schirch. col.  
 M.N. 18.608,m. Matto-Grosso - 3/3/1909.  
 M.N. 18.559,f. 18.147,f. 18.146,m. 18.145,m. 18.615,f. 18.627,f.  
 M.N. 18.692,m. e 18.410,m. Brasil.  
 M.N. 20.321,m. Esp. Santo - Sta. Tereza - Ruschi col. 19/4/1941.  
 M.N. 19.646,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 12/4/1940.  
 M.N. 20.320,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 29/4/1941.  
 M.N. 20.322,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 26/3/1941.  
 M.N. 20.323,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 16/4/1941.  
 M.N. 778,m. e 779,m. (Exposição)

#### Genero SELASPHORUS Swainson, 1831

Selasphorus Swainson, 1831, Fauna Bor-Am., II, p. 324.  
 Typo, Trochilus rufus Gmelin.

#### Selasphorus rufus (Gmelin, 1788)

Trochilus rufus Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 497 (Nootka Sound, Colombia Brit.); Audubon, 1838, Or. Biog., IV, p. 555, t. 379.

Selasphorus rufus Gould, 1861, Mon. Trochil., III, t. 141; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 392; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 204 Riddway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., No. 50, V, p. 612; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. LL, p. 298; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 242.(?) Ornismya sasin Lesson, 1829, Hist. N. Ois. — Mouches, p. XXX, 190 t. 66, 67; 1831, H. N. Col. suppl., p. 121-124 t. 11-13.

Selasphorus henshawi Elliot, 1877, Bull. Nett. Orn. Cl., II, p. 102; e Syn Trochil., p. III.

Distribuição. — America do Norte (Alaska). Mexico.

M.N. 775,m. (Exposição) Am. do Norte. Alaska.

**Selasphorus platycercus** (Swainson, 1827)

*Trochilus platycercus* Swainson, 1827, Philos. Mag. N. S., I, p. 441 (Mexico). *Ornismya tricolor* Lesson, 1831, Hist. N. Col. suppl. p. 125 t. 14. *Ornismya montana* Lesson, 1832, Trochil. p. XXXIV, 161, 163 t. 63, 64. *Selasphorus platycercus* Gould, 1852, Mon. Trochil., III, t. 140; Reichenbach, 1855, Handb. Orn., Troch. Enum. p. 10 t. 854; Salvin, 1892, C.B.B.Mus., XVI, p. 396; Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 206; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 300; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 240; Ridgway, 1911, Bull. U. S. Nat. Mus., No. 50, V, p. 597.

Distribuição. — Estados- Unidos da America do Norte (Zona Montanhosa), até ao México e Guatemala. Ilha de S. Catalina na costa da California.

M.N. 18.163.m. Mexico.

**Genero CHAETOCERCUS** Gray, 1855

*Chaetocercus gray*, 1855, Gen. Bds. Brit. Mus., p. 22. Type. *Ornismya jourdanii* Bourcier.

**Chaetocercus mulsanti** (Bourcier, 1842)

*Ornismya mulsanti* Bourcier, 1842, Ann. Sc. Phys. et Nat. Lyon, V, p. 342, t. 20 (Colombia). *Ornismya cyanopogon* Orbigny & Lafresnaye, 1838, Mag. Zool., II, p. 28. *Calothorax mulsanti* Gould, 1851, Mon. Trochil., III, t. 145. *Lucifer (C) mulsanti* Reichenbach, 1855, Handb. Orn., Trochil. Enum. p. 10, t. 847 f. 5002 — 3. *Acestrura mulsanti* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 119; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 406; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 238. *Chaetocercus mulsanti* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc. p. 208; Oberholser, 1902, Proc. U. S. Nat. Mus., XXIV, p. 541; Chapman, 1917, Bull. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 311; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 300.

Distribuição. — Colombia. Equador. Perú. Bolívia.

M.N. 18.164.f. Colombia.

**Chaetocercus heliodor** (Bourcier, 1840)

*Ornismya heliodor* Bourcier, 1840, Rev. Zool., p. 295. (Bogotá) *Ornismya heliodori* Bourcier, 1842, Ann. Soc. Agric. Lyon, V, p. 308, Ts. 15.20. *Calothorax heliodori* Gould, 1851, Mon. Trochil., III, t. 147. *Acestrura heliodori* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 120. Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 406; Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., 238.

*Chaetocercus heliodor* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 208; Chapman, 1917, Muil. Am. Mus. N. H., XXXVI, p. 312; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 301.

Distribuição. — Colombia. Venezuela. Equador.

M.N. 18.156,m. 18.157,m. e 18.118,f. Colombia.

**Genero STEPHANOXIS Simon, 1897**

*Stephanoxis* Simon, 1897, Catal. Trochil., p. 40.  
 Typo, *Trochilus lalandi* Vieillot.  
*Stephanoxis*, em substit. á *Cephalolepis* Loddiges,

1830; precedido por *Cephalopsis* Rafinesque, 1810.

***Stephanoxis lalandi* (Vieillot, 1818)**

*Trochilus lalandi* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., II, p. 42: "Brésil".

*Trochilus lalandei*, Temminck, 1820, Pl. col., t. 18 f. 1,2.

*Ornismya delalandi* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. — Mouches, p. XXXVIII, 95 t. 23,24.

*Ornismya delalandi* Lesson, 1831, Hist. Nat. Col. suppl., p. 136 t. 19; *Trochilus delalandi* Swainson, 1841, B. Braz. Mex., t. 22.

*Cephalopsis delalandi* Loddiges, 1830, P. Z. S. Lond. p. 12.

*Cephalopsis delalandi* Gould, 1854, Mon. Trochil., IV, t. 208.

*Cephalolepis delalandi* Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 356.

Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 180. *Cephalopsis beskii* Elliot,

1874, Ibis, p. 262. *Stephanoxis lalandei* Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 213;

*Stephanoxis Delalandei* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 48.

*Stephanoxis lalandi* Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 306;

Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 284; 1946, Arq. Zool. E. S. P.

IV pg. 319; Ruschi, 1946, Sel. Agr. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol.

Mus. Biol. Prof. M. Leitão Nr. 1 pg. 20 e Nr. 3.

Distribuição. — Regiões montanhosas de sudeste do Brasil (sudeste de Minas Geraes, Espirito Santo, Rio de Janeiro e nordeste de S. Paulo.).

M.N. 18.169, m. Minas Geraes - Serra do Caparaó, Campo S. Domingos - Snethlage col. 25/8/1929.

M.N. 18.170,m. Minas Geraes - S. Caparaó, Campo S. Domingos - Snethlage col. 26/8/1929.

M.N. 18.171,m. M. Geraes - S. Caparaó, Campo S. Domingos - Snethlage col. 29/8/1929.

M.N. 18.172,m. M. Geraes - S. Caparaó, Casa Queimada - Snethlage col. 30/8/1929.

M.N. 18.173,m. M. Geraes - S. Caparaó, Casa Queimada - Snethlage col. 31/8/1929.

M.N. 18.518,m. Rio de Janeiro - Itatiaia, Retiro - C. Moreira col. 30/5/1900.

M.N. 10.148,m. Rio de Janeiro - Therezopolis, Taboinhas - V. M. Ribeiro col. 2/5/1926.

M.N. 18.519,m. Minas Geraes - Caparaó - P. P. Peixoto col.

M.N. 10.108,m. Rio de Janeiro - Therezopolis - P. Schirch col.

M.N. 10.001,m. Minas Geraes - Caparaó.

M.N. 18.168,m. e 18.167,f. Brasil.

M.N. 907,m. (Exposição).

Na referência de Olivério Pinto Arg. Zool. E. S. P. Vol. IV, 1946 pg. 319, houve sem dúvida um equívoco do autor, porquanto *S. lalandi* não ocorre na região em que afirma ter colecionado uma boa série, em lores de eucalyptos.

#### **Stephanoxis loddigesi (Gould, 1830)**

*Trochilus loddigesi* Gould, 1830, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 12: "Rio Grande" (Rio Grande do Sul); Lesson, 1832, Trochil., p. 138, t. 51.

*Cephalopsis loddigesi* Gould, 1854, Mon. Trochil., IV, t. 209.

*Cephalolepis loddigesi* Elliot, 1879, Syn. Trochil., p. 180;

Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 357.

*Stephanoxis loddigesi* Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p.

214; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 307; Pinto O. 1938,

Cat. Av. Bras., p. 284.

*Stephanoxis Loddigesi* Simon, 1921, Hist. Nat. Des. Trochil., p. 48.

Distribuição. — Nordeste da Argentina (Alto Paraná, Misiones), Paraguay, sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, S. Paulo).

M.N. 18.160,m. Paraná - Serra da Graciosa, Corvo - Snethlage col. 4/5/1928.

M.N. 18.161,m. Sta. Catharina - S. Bento - Snethlage col. 3/7/1928.

M.N. 18.162,m. Sta. Catharina - S. Bento, Faz. Naderer - Snethlage col. 2/3/1929.

M.N. 18.447,m. R. G. do Sul - S. João Monte Negro - H. Smith col. 25/3/1882.

M.N. 18.159,m. e 18.158,m. Brasil.

#### **Genero LOFHORNIS Lesson, 1829**

*Lophornis* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. — Mouches, p. 37. Type, *Trochilus ornatus* Boddaert.

#### **Lophornis ornatus (Boddaert, 1873)**

*Trochilus ornatus* Boddaert, 1873, Tabl. Pl. Enlum, p. 39; ex pl. 640, f. 3, de Cayena.

*Lophornis ornatus* Gould, 1855, Mon. Trochil., III, t. 117;

Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 420; Hartert, 1900, Das Tierr.

Trochil. p. 217; Berlepsch & Hartert, 1902, Nov. Zool., IX, p.

88; Hellmayr, 1906, Nov. Zool., XIII, p. 36; Chubb, 1916, Bds.

Guiana, I, p. 425; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, 309; Pinto

O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 285.

*Lophornis ornata* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil. p. 53.

Distribuição. — Venezuela, Trinidad, Guianas, noroeste do Brasil (bacia do Amazonas, fide Simon).

M.N. 18.190,m. e 18.189,f. Guiana.

***Lophornis gouldii* (Lesson, 1832)**

*Ornismya gouldi* Lesson, 1832, H. Nat. Trochil., p. 103, t. 36.

*Lophornis Reginae* Schreibers, 1833, Isis, p. 534 (Matto Grosso)

*Lophornis gouldi* Gould, 1855, Mon. Trochil., t. 118; Elliot,

1897, Syn. Trochil., p. 134; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 421;

Hellmayr, 1906, Nov. Zool., XIII, p. 379; Snethlage, 1914, Bol.

Mus. Goeldi, VIII, p. 204; Martert, 1900, Das Tierr. Troc., p.

217; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 309;

*Lophornis Gouldi* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 53.

*Lophornis gouldii* Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 285.

Distribuição. — Brasil setentrional e central (Pará, Maranhão, norte de Matto-Grosso, e Goyaz.

M.N. 18.177,f. Pará - E. F. B. Sto. Anto. do Prata - Snethlage col. 25/X/1905.

M.N. 18.176,m. Pará - Rio Tocantins, Cametá - F. Lima col. 22/I/1911.

M.N. 18.174,f. Pará - Arumathena - F. Lima col. 9/X/1912.

M.N. 18.175,f. Pará - Arumathena - F. Lima col. 20/X/1912.

M.N. 18.178,m. Pará - E. F. B. Providencia - O. Martins col. XII/1914.

M.N. 18.603,m. Matto-Grosso - 1909 - Macquery col.

M.N. 18.448,f. e 18.188,f. Brasil.

***Lophornis magnificus* (Vieillot, 1817)**

*Trochilus magnificus* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., VII, p. 367: "Brésil" (= Sumidouro, Rio de Janeiro).

*Colibris helios* Spix, 1824, p. 82, fig. 2.

*Ornismya strumaris* Lesson, 1829-30, Ois. Houches., p. 143,

pl. 42-43. *Trochilus decorus* Licht, 1823, Verz. Dooub. Zool.

Mus., p. 14, Nr. 120. *Bellatrix magnifica* Reichenbach, 1855,

Handb. Orn., Troch. Enum., p. 9 t. 813 f. 4897-8.

*Lophornis magnificus* Gould, 1855, Mon. Trochil., III, t. 119;

Elliot, 1879, Syn. Troc., p. 135; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p.

422; Hartert, 1900, Das Tierr. Troch., p. 218; Hellmayr, 1906,

Nov. Zool., XV, p. 78; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 309;

Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 285. 1936, Rev. Mus. Paul. XX,

pg. 69; 1941, Rev. Mus. Paul. XXV pg. 16; 1943, Pap. Avul.

Dep. Zool. S. P. VIII pg. 311; Ruschi, 1946, Sel. Agric. Nr. 2

pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, pg. 20 e Nr.

5, 1950.

*Lophornis magnifica* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 52.

Distribuição. — Centro e leste do Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Matto-Grosso, Goyaz, Minas Geraes).

- M.N. 18.180,m. Esp. Santo - Cach. Itapemirim, Morro Grande - Snethlage col. 27/XI/1925.  
 M.N. 18.179,f. Minas Geraes - Marianna, Faz. Taveira - Snethlage col. 5/5/1926.  
 M.N. 18.181,f. e 18.182,f. Goyaz - Annapolis, Nova Veneza - Snethlage col. 14/XII/1927.  
 M.N. 18.183,m. Goyaz - Annapolis, Nova Veneza - Snethlage col. 15/12/1927.  
 M.N. 18.184,f. e 18.185,f. Goyaz - Annapolis, Nova Veneza - Snethlage col. 19/XII/1927.  
 M.N. 10.106,m. e 10.107,f. Rio de Janeiro - Therezopolis - P. Schirch col.  
 M.N. 18.685,m. Goyaz - Calheiro - Pfrimer col.  
 M.N. 18.540,m. Matto-Grosso - Morro Podre - col. 3/1911.  
 M.N. 18.186,m. e 18.187,m. Brasil.  
 M.N. 19.639,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 19/4/1940.  
 M.N. 19.640,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 2/4/1940.  
 M.N. 19.642,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 20/4/1940.  
 M.N. 19.646,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 12/4/1940.  
 M.N. 20.297,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 30/9/1940.  
 M.N. 20.315,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 25/4/1941.  
 M.N. 20.316,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 20/9/1940.  
 M.N. 20.317,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 12/XII/1940.  
 M.N. 22.362,m. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 25/7/1941.  
 M.N. 19.641,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 1/9/1940.  
 M.N. 20.296,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 12/9/1940.  
 M.N. 20.318,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 25/4/1941.  
 M.N. 20.319,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 28/4/1941.  
 M.N. 780,m. 781,m. 783,f. (Exposição) Brasil  
 M.N. 20.251,f. Esp. Santo - Sta. Teresa - Ruschi col. 1941 (Exposição)

### *Lophornis chalybeus* (Temminck, 1821)

*Trochilus chalybeus* Temminck, 1821, Nouv. Réc. Pl. Col., t. 66, fig. 2 "Brésil" (Rio de Janeiro).

*Colibri mystax* Spix, 1824, Av. Bras., II, t. 82, fig. 3.

*Lophornis chalybeus* Gould, 1852, Mon. Trochil., III, t. 124; Elliot; 1879, Syn. Trochil. p. 136; Salvia, 1892, C.B.B.M., XVI, p. 426; Hartert, 1900, Das Tierr. Troch., p. 221; Cory, 1918, C.B. Am., XIII, pt. II, p. 311; Pinto O. 1938, Cat. Av. Bras., p. 285.

*Bellatrix chalybaea* Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 51. *Ornismya vieillotii* Lesson, 1829, Hist. Nat. Ois. -- Mouches, p. LXI, 186 t. 64. *Orn. audenetii* Less. 1831, Hist. N. Colib. p. 102 t. 2.

Distribuição. — Sudeste do Brasil (Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, Santa Catharina).

M.N. 18.165,m. Brasil.

M.N. 785,f. 786,m. e 787,m. (Exposição).

**Lophornis verreauxi verreauxi** (Bourcier, 1853)

Trochilus verreauxi Bourcier, 1853, Rev. Zool., p. 193. "Perou"  
 Lophornis verreauxi Gould, 1860, Mon. Trochil., III, t. 125;  
 Elliot, 1879, Syn Trochil., p. 136; Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI,  
 p. 427; Hartert, 1900, Das Tierr. Trochil., p. 221.  
 Lophoenis verreauxi verreauxi Cory, 1918, C.B. Am., XIII,  
 pt. II, p. 311.  
 Bellatrix Verreauxi Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil., p. 51.  
 Lophornis hauxwelli Boucard, 1893, Gen. Humm. Gds., p. 37.  
 Polemistria verreauxi Cabanis & Heine, 1860, III, p. 63;  
 Gould, 1861 Intr. Trochil., p. 85.

Distribuição. — Perú. Equador. Colombia.

M.N. 18.166,m. Colombia.

**Genero GOULDOMYIA Bonaparte, 1854**

Gouldomyia Bonaparte, 1854, Rev. Magaz. Zool., p. 275.  
 Typo, Trochilus langsdorffi Temminck.

**Gouldomyia langsdorffi langsdorffi** (Temminck, 1821)

Trochilus langsdorffi Temminck, 1821, Nouv. Réc. Pl. Col.  
 d'Ois., t. 66, fig. 1 "Brésil", Rio de Janeiro.  
 Colibri hirundinaceus Spix, 1824, Av. Bras., p. 80, t. 81, fig. 2.  
 Ornismya langsdorffi Lesson, 1831, H. Nat. Col., suppl. p. 129  
 t. 18; 1832, Trochil., p. 101 t. 35.  
 Gouldia langsdorffi Gould, 1854, Mon. Trochil., III, t. 128;  
 Elliot 1879, Syn. Trochil., p. 138.  
 Frymnacantha langsdorffi Salvin, 1892, C.B.B.M., XVI, p.  
 431 pt.  
 Popelaira langsdorffi Hartert, 1900, Das Tierr. Troc., p. 223.  
 Popelaira langsdorffi langsdorffi Hellmayr, 1913, Verh. der  
 Ornith. Gesell. Bayern, XII, p. 154.  
 Popelairia langsdorffi langsdorffi Cory, 1918, C.B. Am., XIII,  
 pt. II, p. 312.  
 Gouldomyia Langsdorffi Simon, 1921, Hist. Nat. Des Trochil.,  
 p. 56.  
 Gouldomyia langsdorffi langsdorffi Pinto O. 1938, Cat. Av.  
 Bras., p. 286; 1946, Arq. Zool. IV pg. 319; Ruschi, 1948, Sel.  
 Agric. Nr. 2 pg. 46-54; 1949, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão,  
 Nr. 1 pg. 20 e Nr. 6, 1950.

Distribuição. — Leste do Brasil (Bahia, Espírito Santo, Rio de  
 Janeiro).

M.N. 18.449,m. 18.450,f. 17.850,m. 17.851,m. 17.852,f. Brasil.

**Genero DISCOSURA Bonaparte, 1850**

Discosura Bonaparte, 1850, Comp. Av., p. 84. Typo, Tro-  
 chilus longicauda Gmelin.

***Discosura longicauda* (Gmelin, 1788)**

*Trochilus longicauda* Gmelin, 1788, *Syst. Nat.*, I, p. 496: Cayena (por design. de Hellmayr).

*Trochilus platurus* Latham, 1790, *Ind. Or.*, p. 317.

*Discosura longicauda* Gould, 1858, *Mon. Trochil.*, III, t. 128; Elliot, 1879, *Syn. Trochil.*, p. 140; Salvin, 1892, *C.B.B.M.*, XVI, p. 431; Simon, 1921, *Histo. Nat. Des Trochil.*, p. 57.

*Discosura longicauda* Hartert, 1900, *Das Tierr. Trochil.*, p. 224; Hellmayr, 1906, *Nov. Zool.*, XIII, p. 379; Sneathlage, 1914, *Bol. Mus. Goeldi*, VIII, p. 205; Chubb, 1916, *Bda. Brit. Guiana*, I, p. 427; Cory, 1918, *C.B. Am.*, XIII, pt. II, p. 314; Pinto O. 1938, *Cat. Avo Brasil.*, p. 286; Berla H. F. 1946, *Bol. Mus. Nac. Nr.* 65 pg. 9.

Distribuição. — Venezuela, Guianas, norte do Brasil (Pará e Pernambuco)

M.N. 18.853,m. 17.854,m. Brasil.

M.N. 784,m. (Exposição).

M.N. 24.863,m. Pernambuco, Recife, H. F. Berla, Col. 26-8-1944, por A. Ruschi.

Exemplar publicado no *Bol. Mus. Nac. Nr. 24 de 10/IX/1944*

M.N. 10.013,m. adulto - Bahia - Agua Preta - E. May Col. 31/7/1930  
Tido como híbrido natural entre *M. fuscus* e *Th. Glaucopis* trata-se porém conforme J. Berlioz e M. Jouanin estudaram, de um exemplar contrafeito, composto de parte da pele de *T. glaucopis* e a cauda de *Grysolampis elatus*, forma albina, confirmado por J. Moogem de Oliveira e Fernando Novaes e reexaminado por nós, também concordamos com a contrafeição e acrescentamos que as partes da pele contrafeita pertencem a exemplares machos; e o *Crysolampis elatus*, albino, não fora colecionado em Agua Preta, porque lá não constatamos a presença desta espécie, durante os estudos que fizemos naquela região.

Antes de fazermos o relato das observações biológicas sobre algumas especies de beija-flores, achamos conveniente fazer a descrição daquilo que é comum para todos os representantes da familia dos trochilídeos, afim de evitar repetição nas descrições que se seguem.

Sempre a postura consta de dois ovos de coloração branca. E' excepcionalmente raro o caso de postura de treis e quatro ovos; em mais de quatrocentos ninhos que colecionamos, somente dois casos desses foram observados; um com treis ovos, de *Chlorostilbon oureovertris pucherani* (Bourcier & Mulsant) e outro com quatro ovos, de *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin). Na construção do ninho, incubação e criação da próle, sempre e unicamente a fêmea é que dispensa cuidados; o macho não sabe se existe ninho das companheiras que foram fecundadas, pois sempre são polígamos e vivem isoladamente. Porisso, na monografia de J. Gould, o único interesse do consultor, deve ser o de exa-

minar a prancha com relação à ave e nunca supor que a mesma, foi execução de um quadro vivo em natureza. O natural sobre o qual foram executadas as pranchas do Gould se subentende, que pintou-as do vivo, mas não do ambiente, porque se assim fosse, jamais iríamos ter uma fêmea de *Thalurnia glaucopsis* juntamente com o macho a observar a postura; o mesmo acontecendo a *Rhamphodon naevius*, *Phaethornis eurynome*, *Pygmornis ruber ruber*, *Anthracothorax nigricollis nigricollis*, *Topaza pella pella*, *Leucochloris albicollis*, *Stephanoxis lalandi*, *Agyrtrina versicolor versicolor* e todas as demais pranchas em que estão figurados: o macho, fêmea e ninhos dessa monografia. Acidentalmente, temos assistido a um macho passar próximo do ninho de uma fêmea da mesma espécie, mas se ele se demora em vôo, procurando algum inseto nas imediações do ninho, logo a fêmea lhe dá um agressivo ataque que o põe em fuga para não mais se aproximar. Quando os jovens vão receber alimento pela primeira vez, a mãe se coloca pousada no bordo do ninho e muito vagarosamente faz uso do bico, como se fosse uma pinça de ação inversa; enfia a ponta do bico, na base, entre a mandíbula e máxila do recém-nascido e distendendo a ponta da mandíbula, consegue abrir-lhe o bico e introduzir-lhe a língua, que leva entre as cerdas da furca os micro insetos e aracnídeos jovens, misturados com nectar, numa consistência pastosa, até ao engluvio do jovem; quando os filhos estão mais crescidos já o próprio bico da mãe é introduzido no engluvio para deixar o alimento. Outra particularidade comum a todos os representantes dessa família é, no que toca a área de alimentação e nidificação. Embora não tenha para todas as espécies as mesmas dimensões, pois são neste aspecto até muito variáveis. A área de alimentação é muito extensa chegando as vezes a quarenta quilômetros quadrados; assim acontece por exemplo para *Melanotrochilus fuscus*, *Calliphlox amethystina* e inúmeros outros; para outras espécies como *Chlorostilbon aureoventris pucherani*, *Thalurnia glaucopsis*, *Stephanoxis lalandi* e outras, não ultrapassa de seis quilômetros quadrados. A área de nidificação é muito mais restrita; os beija-flores todos os anos voltam a construir os seus ninhos nas imediações dos que foram construídos anteriormente. A modificação sofrida quando assim não acontece, é por motivos de maior gravidade como seja depredação muito recente, isto é: próxima ao período de início de nidificação, do local e suas proximidades, por um acidente ou mesmo por qualquer interesse de alterar profundamente a localidade onde o beija-flor nidificava.

Mas, nesta circunstância, o outro local escolhido será o eleito para que as proles continuem a ter um território comum como berço. Ainda poderíamos descrever a maneira que fazem para construir o ninho, a entrada e saída da fêmea no ninho para postura e incubação. Sobre o banho e os métodos de tomá-lo; como executam a polinização das flores, como dormem, a verdade sobre a hibernação, e ainda sobre os métodos de capturá-los, criá-los e sua reprodução em cativeiro, e a relação das principais plantas visitadas; mas, além de já havermos publicado alguma coisa nesse sentido em Julho de 1946, na Revista Seleções Agrícola nr. 2, fize-

mos em 1949 no Bol. do Museu de Biol. Prof. Mello - Leitão, n.º 2 uma descrição precisa e ilustrada do mesmo assunto; tornando-se dispensável a sua repetição. Todos os ninhos descritos nas observações abaixo, pertencem à coleção do Museu de Biologia Prof. Mello - Leitão; e foram objeto de estudo crítico e comparativo de ninhos de trochilídeos nos Boletins nrs. 1, 2, 3, 4, 5 e 6 do referido Museu; com ilustrações fotográficas e desenhos.

#### *Rhamphodon naevius* (Dumont)

Este beija-flor é habitante das matas virgens e na época de nidificação e alimentação da prôle visita os capoeirões e capoeiras vizinhas à mata. Quando em vôo de percurso, sempre está cantando dando sinal de sua passagem. O seu ninho é tecido com raízes finas e as vezes colocam algum lichen preso na parede externa, assemelha-se ao ninho dos beija-flores de genero *Glaucis*, porem as dimensões são maiores; os apêndices colocados na parte inferior externa se constituem de pequenos detritos vegetaes secos e até mesmo de algum musgo. O trançado que forma a camara oológica é raio, deixando que se perceba a postura, como acontece com *G. hirsuta hirsuta* e *G. dohrni*. Os ovos medem 19 por 11,5 mms. em seus eixos e pesam 1,10 grs. Os jovens apresentam a maxilla amarelo-claro a base da mandíbula de um amarelo mais escuro, com o culmem septo claro, para tornar-se enegrecido quando adulto. Quando já em idade de vôo, possuem a plumagem mais enegrecida, tornando-se mais clara quando adulto. A sua alimentação principal se constitui de aranhas apanhadas nas flores de bromeliaceas. Nidificam nos meses de Outubro a Abril, fixando o ninho na página inferior do limbo das folhas de bananeiras e de strelitzias, a altura de 1,50 até 3 ms. do solo; também temos encontrado ninhos em folhas de palmitos, *Euterpe Edulis*. Durante todo o ano podem ser encontrados na mata, bastando que se aguarde proximo de uma bromeliacea florida para surpreende-lo. Cria bem em cativeiro e se torna muito domesticado. Costumam frequentar os laranjais floridos proximos à mata virgem, para sugarem o nectar e colherem insetos nas flores; é ele o polinizador das orchideas: *Stanhopea graveolens* Lindl. e *Stanhopea insignis* Frost. O seu ninho mede 20 cms. de altura externa total; 8 cms. de diametro externo; 5 cms. de diametro interno; 4 cms. de altura interna e 10 cms. de altura externa, sem apêndices apensos.

#### *Glaucis hirsuta hirsuta* (Gmelin)

É também um beija-flôr que habita a mata virgem; porém visita com bastante frequência os capoeirões, capoeiras e chácaras arborizadas. O macho sempre é mais escuro que a fêmea. O seu vôo é muito compassado quando está visitando as flores, quer de uma trepadeira silvestre ou bromelia, quer de uma laranjeira ou *Eucalyptos* e mesmo de uma *Estrellitzia*, *Salvia*, *Independencia* ou *Ingazeira*; mas o seu vôo para mudança de lugar é rapido e sempre seguido de canto característico. Quando pousado para descanso, de pre-

ferencia entre aglomerado de ramagem, a pouca altura do sólo de meio metro até três metros, sempre fica calmamente balançando a cauda para frente e para traz, com certa celebridade e de quando em vez emite um assovio; nesse pouso, costuma também erigir as penas do vertex e muito aborrecidamente desembainha a língua com velocidade que ao abrir o bico a língua encosta na cabeça; isso, porque os parasitos malofagídeos, em grande número estão na base da mandíbula passeando, vindos das penas do vertex. Seu ninho é confeccionado com raízes finas e na base externamente colocam detritos vegetais e também fixam pequenos liquens na parte superior; sempre encontramos ninhos deste beija-flôr pendurado entre 1,50 a 3 ms. do sólo na pagina inferior da folha de bananeiras, estrellitzia ou palmeiras. Seus ovos medem 16 por 10 mms. em seus eixos e pesam 0,65 grs. Comumente são visíveis os ovos atravez do trançado do ninho. O tempo de incubação é de 14 dias e os filhos saem do ninho com 24 a 27 dias de idade. Também esta espécie cria bem em cativeiro, porém são mais exigentes em espaço, principalmente na época da reprodução. Nidificam nos meses de Setembro até Abril. É ele o polinizador das orchideas *Stanhopea Graveolens* e *S. insignis*.

#### ***Glaucis dohrni* (Bourcier & Mulsant)**

É um beija-flôr muito raro, mesmo nas coleções de Nussens; isto porque a sua distribuição geográfica é muito restrita. Em boa quantidade só o encontramos no E. do E. Santo no Município de Conceição da Barra, na Bahia na Região do Mucury e em Minas no Região de Nanuque. Este beija-flôr se parece bastante com a espécie *G. hirsuta*, mesmo nos hábitos e nidificação. O seu bico muito mais reto, com a mandíbula branca e a ponta da maxila com um forte degrau no ápice e todas as retrizes superior e inferiormente de brilho bronzeo metálico, constituem a maior diferenciação da espécie *G. hirsuta*. Habita a mata virgem, mas frequenta as abertas que lhe ficam proximas. Visitam muitas bromeliáceas e trepadeiras da mata e também as flores de Estrellitzias e nas abertas as flores de mamoeiros, taranjeiras, limoeiros e Ingazeiros. O seu vôo de mudança de lugar é rapido e acompanhado de canto proprio; quando visitando as flores é de vôo calmo e lento. Pousa para descanso a pouca altura e sempre em lugar que tenha muitos galhos de igual maneira que *G. hirsuta* aciona a cauda para diante e para traz, assoviando de quando em vez. Seu ninho é do mesmo tipo de construção do *G. hirsuta* e *R. naevius*; feito de raízes finas entrelaçadas de forma a deixar que se perceba a postura através da parede e traz apenso detritos vegetais, em seu todo é mais alongado do que na espécie *G. hirsuta*, e quasi sempre trazem algum liquem fixado na parte superior.

Seus ovos medem 17 por 10 mms. em seus eixos e pesam 0,76 grs. A incubação demora 15 dias e os filhos deixam o ninho com 27 dias de nascidos. Vive bem em cativeiro, mas, não conseguimos reprodução. Os jovens que conseguimos criar desde 20 dias de idade, chegaram ha adulto sem dificuldades, mas até 18 meses de idade não nidificaram e

pereceram por terem ingerido grãos de areia quando apanhavam drosófilas e pequenas aranhas caídas no solo, dentro do viveiro. A plumagem dos jovens não apresenta diferença de coloração para o adulto. A época de criação vai de Outubro a Março, mas já em Agosto iniciam a construção do ninho. É ele o polinizador da orchidea *Sianthoepa guttulata* Lindl. O ninho tem as seguintes dimensões: Diâmetro externo 6 cms. Alt. externa 5 cms. Diam. interno 4 cms. e Altura interna 4 cms.

#### ***Threnetes leucurus medianus* Hellmayr**

Este beija-flôr que também habita as matas virgens e capoeirões é muito rápido em seu vôo de distância, mas enquanto visita as flores de alguma trepadeira, *Strellitzia* ou de bromeliacea tem vôo lento. O seu ninho é feito de finas raízes, ornado externamente com detritos vegetais, pequenos líquens e musgo; é preso num fragmento de folha ou em raízes aéreas, a uma altura média de 1,50 a 2 ms. do solo.

Seus ovos medem 17 por 9,5 mms. em seus eixos e pesam 0,72 grs. O material que possuímos desta espécie é vindo do Maranhão. Nidifica nos meses de Novembro a Fevereiro.

#### ***Phaethornis curynome* (Lesson)**

Este beija-flôr é habitante das matas, capoeirões, capoeiras e jardins. É bastante arisco e sempre se acha perseguido ou espantado, foge gritando continuamente o seu típico tíú, tíú, tíú, tíú. Nidifica nos meses de Setembro até Abril; geralmente os ninhos ficam apenas em raízes de buracos, nos barrancos, ou em grutas rasas de pedreiras, a uma altura que varia entre 1 e 4 metros do solo. Este beija-flôr escolhe tanto a mata virgem como lugares abertos, sem mata para nidificar. Já encontramos muitos ninhos seus em buracos grandes de barrancos de estrada de rodagem, presos em raízes de gramíneas. O formato do ninho é bastante parecido com o de *Anisoterus pretrei*, conico, invertido medindo de 9,5 a 15 cms. de altura externa total; 6,5 a 7 cms. de diâmetro externo; 3,2 cms. de diâmetro interno; 2,6 cms. de altura interna. É tecido com paina clara na camara oológica; de paina mais escura e musgo verde na parte mais lateral e na parte inferior a camada de paina é menos compacta, entremeçada de espaços vazios, contendo também algum musgo fixado em seu meio. Os seus ovos medem 17 por 10,5 mms. em seus eixos, e pesam 0,79 grs. A incubação demora 17 dias. E os filhos saem do ninho após 22 dias. Nos jovens a plumagem é mais escurecida, tornando-se mais clara com a idade adulta. Visitam as flores de bromeliaceas, *Strellitzias*, trepadeiras da mata, ibiscus dos jardins, independências, salvas laranjeiras, *Eucalyptus* e também as ingazeiras. Temos conseguido reprodução em cativeiro com relativa facilidade.

***Phaethornis squalidus* (Temminck)**

É um beija-flor muito comum nas matas virgens ou capoeiras de altitude entre 300 e 1.000 metros. O seu vôo é bastante rápido, mas devido ao seu tamanho médio, já se faz necessário um maior número de vibrações das asas para movimentar-se e com isto, produz-se um zumbido quando em vôo, com ressonância de tonalidade mais grave, separecendo com o zumbido que fazem alguns himenopteros do Genero *Pepis*, de tamanho médio, vulgarmente denominados por caçadores de aranhas. Este beija-flor gosta muito de voar baixo, até meio metro rente ao solo; quer na mata, capoeira ou aberta; visita com frequência as flores de bromeliaceas, *Strellitzias*, trepadeiras diversas, salvias dos jardins, verberaceas das capoeiras e também flores de independência. Mais raramente visita as laranjeiras e ingazeiras. Nidificam frequentemente na mata e com muita preferência o seu ninho é preso em folha de taquara ou de palmeiras; sempre a uma altura entre 1 e 3 metros do solo. É feito todo de musgo e escamas de feliceas do genero *Cyathia*, com fragmentos de folhas de taquara presos externamente e ainda lhe fixam na parte alta alguns liquens brancos e rosados; alguns ninhos ainda trazem liquens rosados e carmins na camara oológica e frequentemente nesses casos, o calor e a umidade faz com que os ovos ganhem uma coloração rosada. O ninho mede de 10 a 17 cms. de comprimento, tendo o diametro externo de 4,5 cms.; o diametro interno de 2,5 cms.; a altura interna de 2,5 cms.; e a espessura da parede de 1 cm. Os ovos medem 14 por 9 mms. em seus diametros e pesam 0,41 grs. Procriam nos meses de Novembro á Abril. Reproduzem bem em cativeiro e são muito domesticáveis.

***Anisoterus pretel* (Delattre & Lesson)**

É um beija-flor do capoeirão, capoeiras e jardins residenciais; frequenta a mata virgem em busca de alimento. É este o beija-flor mais manso que existe em liberdade, podemos dizer que é o "pardal" da familia dos trochilideos, pois frequenta o interior das residências em busca das teias de aranhas para construção dos ninhos e também buscam as aranhas para alimentação da prole. É muito comum nidificarem nos pendentes elétricos, quer junto ao forro ou mesmo na meiação do fio; dentro de casa, num quarto ou uma sala. E para melhor auxiliá-lo, basta que façamos uma saliência no fio do pendente elétrico, tecendo uma no no fio, ou dando-se uma pequena volta, para formar uma argola, afim de que logo ele decida a construir o ninho nessa saliência. Costuma aproveitar o mesmo ninho por duas ou tres vezes; acrescentando ao ninho primitivo, um pouco mais de ornamentação nova. Ainda em outras circunstâncias, prefere construir outro ninho sobre o primitivo. Assim temos ninhos construidos, por um mesmo beija-flor durante seis anos seguidos, formou-se uma série de ninhos superpostos que atinge a dimensão de um metro; parecendo-se mais com um ninho de "Japuira" ou "Guache". Também é comum nes-

te caso, aproveitar o pendente até onde der para ir superpondo os ninhos e depois de alcançar o final, mudar-se para nidificar nas circunvizinhanças.

Este beija-flôr em cativeiro reproduz como se fosse um canário da terra ou ainda com mais facilidade; tal o grau de domesticidade a que chega. Pode-se mesmo apanhar o filhote e segurá-lo na mão, que sem cerimônia a mãe pouca no dedo e lhe dá o alimento. Assim já criamos para mais de uma centena em cativeiro e hoje possuímos exemplares com 14 anos de idade que ainda nos fazem prazer em observá-los.

O ninho mede entre 18 a 35 cms. de comprimento, de forma cônica inversa e alongado; o seu diâmetro externo é de 6,1 cms. Diâmetro interno 3,1 cms. e altura interna 2,7 cms; é feito de paina de seda de bromeliáceas ou Thyphaceae, tendo externamente fixado musgos, detritos vegetais e no prolongamento inferior somente musgos e detritos estão pendurados com ausência completa de paina ou algodão. Os seus ovos medem de 15,5 a 16,5 por 10 a 10,5 em seus eixos e pesam de 0,72 a 0,75 grs. Nidificam de Agosto até Maio; temos tido fêmeas que criaram 5 vezes durante esse período. A prôle é cuidada com o maior zelo e já com poucos dias de nascidos, no 10.º dia, de uma distância aproximada de 30 metros do ninho, quando a mãe vem trazendo alimento já dá o aviso com o piado especial e os filhotes passam a responder. Com a continuidade o alarde dos filhotes nesse momento vai crescendo e do 18 dia em diante já se processa, seguido de gestos. Sempre o mais faminto é o que se movimenta e grita. Com *A. pretrei*; *Chlorostilbon aureoventris pucherani*; *Anthractorax nigricollis nigricollis* e *Eupetomena macroura macroura*, conseguimos através das criações e procriações em cativeiro os melhores resultados nas pesquisas de alimentação da prôle, porque fazíamos exaustão do conteúdo do engluvio do adulto, logo que chegava da mata, capoeira ou jardim, para saber qual a alimentação que seria distribuída aos filhotes; isto desde o primeiro dia de idade até o dia de algarem vôo do ninho. Assim também, pelo processo de exaustão alimentar, conseguimos realizar a dosagem de glicose no conteúdo alimentar. Ainda tem esse beija-flôr uma predileção especial para nidificar próximo a água de corredeiras ou onde se apresenta um continuo barulho de água corrente; embaixo de pontilhões, próximos das rodas d'água e dos moinhos; e mesmo nos reservatórios de água das cidades, como acontece aqui em Santa Teresa.

O período de incubação é de 15 dias e os filhotes geralmente saem do ninho com 21 a 30 dias de idade. É o *A. pretrei* grande visitador das flores de jardim tais como: *Gladiolos*, *ibiscus*, *independência*, *fuchstias*, *trepadeiras* de flores tubulosas, *salvias*; também visitam as flores de fumo, do *Eucalypto*, da laranjeira e do ingazeiro.

#### ***Fygornis idaliae* (Bourcier & Mulsant)**

É um beija-flôr que habita as matas numa altitude de até 480 metros; frequenta os capoeirões e capoeiras constantemente para se alimentar e também para nidificar. É muito manso e tem um vôo muito característico, porque o

grande número de vibrações das azas, que ultrapassa de três mil por minuto produz um zumbido agudo, que se assemelha ao barulho produzido pelo vôo de uma abelha euglossa, ou de um "mangangá". É um dos menores beija-flores; o seu peso é de 2,2 gramas. Possui um canto muito interessante, principalmente quando está procurando apanhar uma pequena aranha na tela, para isso, escancara o bico, formando quase um ângulo de noventa graus, com a mandíbula e maxilla e dançando em rápidos revoltos diante da aranha cantando como se fosse o som produzido por um birimbão, fazendo rão, rão, rão, investe contra o arachnideo até apanhá-lo com a furca da língua e o leva para o engulvio: O seu ninho é construído na página inferior ou superior de uma folha, dependurado como fazem *Phathornis squalidus squalidus* e os beija-flores do genero *glaucais*. Nidifica nos meses de Setembro a Maio, nas encostas, de morros, em capoeiras próximas da mata. O seu ninho mede 12 cms. de Alt. Externa; 1,4 cms. de Alt. int. 5 cms. Diametro exter. e 2,3 cms. Diam. Interno. Os seus ovos medem 13 por 8 mms, entre eixos e pesam 0,32 grs. O ninho tem forma conica, é construído com paina branca e amarelada de bromeliaceas, forrado externamente com musgo verde escuro, tendo detritos vegetais apenas na parte inferior. A incubação demora 14 dias e os filhos saem do ninho após 20 dias. Frequentam as flores de bromeliaceas, *Strellitzias*, trepadeiras das capoeiras, guaxima, com menos frequencia as laranjeiras e ingazeiras. Em cativeiro se reproduzem magnificamente e são altamente domesticáveis. Tivemos exemplares que atendiam ao chamado, bastava que se assoviasse para que viesse ao nosso encontro. Quando solto, ficava pousado em lugar de repouso e assim que o chamavamos, vinha com a velocidade enorme, quasi invisível, para entrar na gaiola e ir até ao fundo da mesma e logo voltar; o Prof. Mello, e Souza assistiu a esta cena e muito se admirou; igualmente encantado ficou o Prof. Mello-Leitão, quando de sua primeira visita aos nossos laboratórios de criação de beija-flores, no ano de 1943.

#### ***Pygmaonis ruber ruber* (Linnaeus)**

É um beija-flôr de hábitos semelhantes ao da espécie *P. idaliae*; é muito mais comum que aquele e vive em zona de baixa altitude, sempre abaixo de 300 metros. Frequenta a mata virgem capoeirões, capoeiras e tambem as abertas próximas de matas. Visita as flores de bromeliaceas, *Strellitzias*, trepadeiras das matas e capoeiras e tambem flores de tiliaceas e malvaceas. Nidifica na mata, capoeirão e capoeiras; e seu ninho é preso na pagina inferior do limbo de uma folha de arbusto e costuma abarcar toda a largura do limbo. É construído com paina amarela de bromeliaceas ou de compostas e exteriormente é recoberto com musgo escuro; na parte inferior tem uma camada mais espessa de musgo com detritos vegetais apensados. Tem formato conico e mede 14 cms. de Alt. externa; 1,5 de Alt. interna; 5 cms. de Diam. externo e 2,4 cms. de Diam. Interno. Nidificam em Setembro a Março. É muito manso em cativeiro. Quando

em vôo para mudar de lugar ou quando se assusta com alguma cousa, vôa muito rápido, produzindo forte zum-zum com a vibração das azas e dá fortes assovios, muito agudos, volta por várias vezes ao mesmo local numa rapidez inacreditável, para depois afastar-se e ficar ausente por mais tempo do local em que assustou-o. Reproduz-se bem em cativeiro, nidificando com muita facilidade. Torna-se extremamente doméstico e aprende a ir e voltar à gaiola como os canários. Sempre o ninho é construído entre 0,56 e 1,40 ms. do sólo. Seus ovos medem 13 por 8,5 mms. em seus eixos e pesam 0,35 grs. período de incubação é de 14 dias e os filhos saem do ninho após 25 dias. Os jovens não apresentam as penas pretas do peito; estas aparecem depois de cinco meses de idade.

#### *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin)

Habita os jardins e praças ajardinadas, pomares floridos e as capoeiras que possuem cipós floridos. Visita as flores de *Erythrina*s, *Ingazeiras*, *flamboyants*, sól da *Bolívia*, *hibiscus*, *fuchsiás* e independências para sugarem o nectar e apanharem insetos e aranhas minúsculas. Nidificam em ramos de laranjeiras, amendoeira, jaqueira, cajueiro, *Araucária* e frequentemente no pecíolo da folha de palmeira *Imperial* ou palmeira Real; a uma altura do sólo que varia entre 1 e 18 ms. do sólo. O seu ninho é feito de goma de bromeliácea, *Kapock* ou *typhea*, na parte externa é quase completamente forrado com líquens; a base que acenta sobre o galho é formada de escamas de felíceas do género *Cyathea* e fragmentos de ramos e folhas vegetais, recobertos externamente por líquens esbranquiçados. Nidifica de Outubro a Julho; vive bem a uma altitude de até 1.300 ms. O seu ninho mede 5,5 de Alt. total; 6 cms. de diametro externo; 3,3 cms. de diam. interno e 2 cms. de Alt. interna. Os seus ovos medem 17 por 11 mms. em seus eixos, e pesam 0,95 grs. O período de incubação é de 16 dias e os filhos saem do ninho com 35 dias. Este beija-flôr é de muita agressividade quando na luta com outras espécies; quer seja pela posse da árvore onde está visitando, quer pela aproximação do seu ninho. Nesta última circunstância ele luta até com Bem-te-vi e, o afasta das imediações. Quando qualquer pássaro estranho se aproxima do ninho, a uns oito metros, ele já dá uns sinais, cantando caracteristicamente que dará luta e aos primeiros sinais de maior aproximação do estranho, logo investe num golpe violento agredindo-o com o bico fortemente, como se fosse um prego lançado no sistema de flexa; este impeto é um forte golpe que obriga o intruso a se afastar com reclamação imediatamente. Mesmo para com as pessoas que se aproximam do ninho ele dá sinal de descontentamento, cantando e saindo do ninho como se quizesse agredir. Vive bem em cativeiro e procria com facilidade. Os jovens até os sete meses, teem a cabeça, pescoço e garganta azul claro, tornando-se com a idade roxo intenso e quando mais velho adquire um reflexo mais avermelhado.

***Eupetomena macroura simoni* Hellmayr**

Tem os hábitos de *E. macroura* e frequenta também as capoeiras, capoeirões e jardins para sugar o nectar das flores e apanhar aranhas. O ninho é também edificado a altura variável, entre 1 e 15 ms. do sólo. É todo tecido de paina de bromeliacea e de compostas, com líquens fixados externamente e com alguns detritos vegetais de ramos e folhas também presos nas paredes. Na base é confeccionado de paina, mesmo na parte que se fixa ao galho. O ninho mede 5,2 cms. de Alt. total; 6 cms. no Diâmetro externo; 4 cms. de diâmetro interno e 2,5 Altura interna. Nidifica nos meses de Outubro a Abril. Os ovos medem 16,5 X 10,5 mms. em seus eixos e pesam 0,90 grs. Não conseguimos verificar o tempo complemento de incubação e nem o tempo que os filhos permanecem no ninho.

O seu ninho tem diferença apreciável de *E. macroura macroura*, dada menor quantidade de líquens que fixa na parede externa e a presença de detritos vegetais na mesma parede externa; pois, os ninhos que possuímos de *E. macroura macroura*, são isentos destes detritos na parede externa e cobrem-na quase completamente de líquens.

***Melanoirechilus fuscus* (Vieillot)**

É um beija-flór que frequenta as altas arvores floridas da mata, como sejam as Sapucaias e os Ipês, amarelo e roxo e também as árvores do capoeirão e capoeiras e ainda os jardins. Gosta de visitar os Eucalyptos, as laranjeiras, os hibiscus, as trepadeiras e mais raramente os gladiolos. É exímio lutador e muito representativo em seus gestos durante o vôo; quando se chega de vôo longínquo, estanca no ar perto da planta cuja flor vai visitar, e rapidamente distende a cauda em leque e fechando-a tão rapidamente, que se tem a impressão de uma estrela a scintilar; porque a sua cor negra com a cauda branca, faz um belo contraste durante este vôo. Quando efetua vôo para mudança de localidade, dirige-se à grande altura, mais de 1.500 ms. subindo em zig-zag, em linha oblíqua, em ângulo de 50 graus e ao atingir aquelas paragens, dirige-se para o rumo da localidade que pretende visitar. Quando pousado na hora da calmaria, fica em sonolência, eriça as penas do pescoço e cabeça e volta o bico para o alto, quase em posição perpendicular e assim permanece por bastante tempo. Nidifica nos meses de Agosto a Maio e o seu ninho é sempre construído sobre uma folha horizontal, na página superior do limbo e a uma altura máxima de 2 ms. do sólo. É todo feito de paina de sêda, de bromeliaceas, Kapoek ou compostas de coloração esbranquiçada. Medindo 3,5 cms. de Altura externa; 1,7 de Alt. interna; 7,5 cms. de largura externa e 2,7 cms. de diâmetro interno. Os seus ovos medem 15 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,60 grs. O período de incubação é de 15 dias. Os filhos saem do ninho após 25 dias de nascidos. Na época de saírem do ninho apresentam uma coloração muito diferente do adulto. O colorido enegrecido geral é machetado de marron em toda a plumagem; sendo que no pescoço ventral e dorsalmente predomina

a cor canella; na região dorsal inferior e as coberteiras superiores da cauda também são cerca da metade terminal da pena de cor canella e a base enegrecida. As retrizes mais exteriores são inteiramente brancas; nem mesmo a parte final do apice aparece com uma faixa negra como no adulto; o par seguinte se apresenta com metade longitudinal da pena branca e a outra metade negra, ficando o extremo no apice, numa faixa de 8 mms. negra. As demais retrizes são totalmente negras. No corpo inferior, partindo do peito até a região anal uma faixa branca e na região das avas também segue uma faixa branca até essa região, que permanece no adulto. As coberteiras inferiores quando no jovem são enegrecidas, com a porção apical branca, no adulto torna-se toda negra. Esta plumagem perdura até os 8 meses de idade. No adulto somente as retrizes centrais são negras, e as demais brancas com uma faixa negra estreita no ápice.

Não apresentam penas de cor de canella. Procriam muito bem em cativeiro, mas torna-se necessário um ambiente apropriado para a nidificação. Tornam-se muito domesticados.

#### *Florisuga mellivora melivora* (Linnaeus)

Este beija-flôr visita as arvores floridas da mata virgem, dos capoeirões, das capoeiras e das chácaras e jardins. Nidifica nos meses de Agosto a Abril, o seu ninho é construído sobre uma folha horizontal, envolvendo o peciolo e parte do ramo; é tecido com paina de bromeliaceas e tem fixado na parede externa finos pedaços de detritos vegetaes; mede 4 cms. de Alt. externa; 1,7 de Alt. interna; 7,5 de Diam. externo e 2,7 de diametro interno. Seus ovos medem 15 por 10 mms. em seus eixos e pesam 0,64 grs. O ninho que possuímos é de procedência do Estado do Pará. Foi encontrado num arbusto, a 1,60 de altura do sólo.

#### *Aphantochroa cirrochloris* (Vieillot)

É este beija-flôr um assíduo frequentador das laranjeiras floridas e também dos Eucalyptos e ingazeiras. Também gosta de visitar as bananeiras, os hibiscus, mamoeiros e mais raramente as erythrinas e flamboyants. Gosta imensamente de cantar e a sua falta de beleza na plumagem é assaz compensada por esse predicado; as vezes fica horas inteiras pousado num ramo á sombra ou nos raios filtrados de luz solar, a cantar. Seu canto é chiado e também tem em seguida uma parte melódica, parecendo-se um pouco com o canto da cambaxira, porém com menor tonalidade.

Não deixa nunca que qualquer outro beija-flôr se apodere do seu ramo florifero da árvore que está visitando seguidamente e lhe dá combate feroz quando algum aventureiro se apresenta. O seu ninho é construído entre 1,5 a 4 ms. de altura do sólo e fica preso num ramo. É todo feito de paina de sêda de bromeliacea ou de composita e externamente apresenta alguns liquens e detritos vegetais fixados e mede 5 cms. de Altura total; 5 cms. de diametro externo; 3,1 cms. de diametro interno e 2 cms. de Altura interna. Os seus ovos

medem 16 por 10 mms. e pesam 0,73 grs. O período de incubação é de 16 dias e os filhinhos saem do ninho.

Quando jovens os filhinhos apresentam o vertex com as penas cor de canella e o restante do corpo é de coloração mais clara que o adulto e não possuem qualquer brilho metálico esverdeado como no adulto. Nidificam nos meses de Setembro a Abril. Reproduz bem em cativeiro e é muito domesticável.

Em liberdade vive de preferência nos capoeirões.

#### *Agyrtrina leucogaster hahiae* (Hartert)

É um beija-flor raro nas matas virgens, porém comum nas capoeiras abertas. Visita as laranjeiras, genipapeiros, invariavelmente entre 2 e 8 ms. O ninho é feito de palha de sêda de gazeiras e inúmeras trepadeiras floridas. Nidifica nas abertas e capoeirões, construindo o ninho sobre um ramo de altura bromeliaceas, Kapock ou compositas e externamente é enfeitado com líquens esverdeados e poucos detritos vegetaes.

Nidifica nos meses de Setembro a Março, e o ninho tem as dimensões: 3,5 cms. de Altura externa; 2 cms. de Alt. interna; 5 cms. de Diâmetro externo; e 3 cms. de diâmetro interno. Os seus ovos medem 13,5 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,42 grs. Os filhinhos saem do ninho com 25 dias. Quando jovens são parecidos macho e fêmea; na fase adulta o macho tem a plumagem mais brilhante, principalmente a garganta.

#### *Agyrtrina brevisrostris* (Lesson)

É um beija-flor que habita a mata virgem, mas frequentemente visita os capoeirões, capoeiras, pomares e chácaras, quando é época da floração dos Eucalyptos, laranjeiras, ingazeiras e genipapeiros. É um renhido brigador quando está frequentando laranjais floridos, não permitindo que outro qualquer beija-flor frequente sua árvore. Durante a incubação também oferece luta contra todos os pássaros de pequeno porte que se aproximam do ninho, fazendo que se afastem. O seu ninho é construído sobre ramos, a uma altura de até 6 ms. do solo; temos encontrado sobre Araucaria brasiliensis e sobre colmo de bambú; é todo feito de palha de sêda de bromeliaceas cor de canella, tendo na parede externa fixado alguns líquens esverdeados, e pequenas escamas de Cyathea xaxim no interior das paredes do ninho. Tem 3,3 cms. de Altura externa; 2 cms. de Alt. interna; 5 cms. de Diâmetro externo e 3 cms. de Diâmetro interno. Os ovos medem 14 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,43 grs.

O período de incubação é de 14 dias e os jovens saem do ninho com 23 dias. Os jovens se parecem na coloração até aos seis meses de idade; daí, o macho já se vai apresentando com a parte lateral da garganta e do peito com as penas verde brilhante ao passo que a fêmea continua até a idade adulta sem a intensidade do brilho que possui o macho. A fêmea sempre possui o bico mais curto que o macho. Cria bem em cativeiro mais é muito exigente para procriar e não permite que no mesmo viveiro se tenha outro beija-flor; nesta circunstância as lutas terminam dando vitória sempre a *Agyrtrina brevisrostris*. Nidifica nos meses de Setembro a Março.

***Agyrrina fimbriata nigricauda* (Elliet)**

Este beija-flôr é encontrado nas matas, capoeirões e capoeiras. Visita as abertas onde ha arvores ou trepadeiras floridas como as laranjeiras, Eucalyptos, e ingazeiras. Na mata prefere as arvores como o Ipê e tambem a Erythrina.

Seu ninho é construído sobre um ramo, o qual fica envolto pela paina de sêda amarelada, de bromeliacea ou composita, da qual é confeccionado; externamente é ornado com liquens esbranquiçados e com tenues fragmentos vegetaes.

O ninho que encontramos ficava numa capoeira próximo da mata virgem e a 3 ms. do sólo. Suas dimensões são as seguintes: Altura externa 4 cms; altura interna 2,2 cms. Diâmetro externo 6 cms. e diâmetro interno 2,8 cms. A época de nidificação é em Setembro; os seus ovos medem 14 por 9,2 mms. em seus eixos e pesam 0,44 grs. O período de incubação é de 15 dias. Os jovens saem do ninho com 28 dias.

***Agyrrina lactea lactea* (Lesson)**

Vive na mata virgem, mas frequenta as capoeiras, os pomares e os jardins floridos. Visita as flores de genipapeiro, laranjeira, mamoeiro e ingazeira; também visita os flamboyants os ipês, Eucalyptos e um grande número de trepadeiras. Nidifica nos capoeirões e matas virgens, a uma altura de até 5 ms. do sólo. A época de nidificação é de Outubro a Março. O ninho é acentado sobre um ramo, e confeccionado com paina de bromeliacea, Kapock ou Thyphea e externamente é ornado com liquens esbranquiçados e esverdeados e pequenos detritos vegetaes. Tem as dimensões seguintes: Altura total externa 3,5 cms; Altura interna 1,8 cms; Diâmetro externo 5,3 cms; Diâmetro interno 2,8 cms. Os seus ovos medem 14 por 9 mms. em seus eixos, e pesam 0,42 grs.

O período de incubação é de 14 dias. Os filhos com 23 dias saem do ninho. Ambos os jovens se parecem e são isentos de penas de brilho metálico roxeado até a data de sairem do ninho; mas com 45 dias de idade já se inicia com o aparecimento no peito de algumas penas azul roxeado claro, como na fêmea adulta; tornando-se aos oito meses de um azul roxo mais forte no macho. Vive bem em cativo e se domestica com facilidade.

***Agyrrina tephrocephala* (Viellet)**

Este beija-flôr é habitante das proximidades do litoral, não vive além de 15 kms. do mesmo. Habita as matas, capoeirões, capoeiras e ainda mais frequentemente os locais ajardinados e com pomar. É assíduo frequentador das árvores floridas de flamboyant, sol da Bolívia, cassia amazônica, Eucalyptos, inazeiras, laranjeiras, fuchsias, Strellitzias e as trepadeiras dos jardins. Nidifica nos cajueiros, jaqueiras, laranjeiras e amendoeiras; o seu ninho é construído sobre um ramo e as vezes enforquilhado a uma altura que varia de 1 a 6 ms. do sólo. No bairro residencial Praia Comprida em Vitória observamos que todos os ninhos construídos a uma altura inferior a 2 ms. do sólo, tinham impreterivelmente

a próle parasitada por larvas de dipteros na cabeça; e este diptero verificamos ser o mesmo que parasita os filhos dos pardaes. Isto não ocorria quando os ninhos eram altos do sólo acima de 2,5 ms. Chegamos a observar em um só período onze ninhos desta espécie no Município de Vitória no mês de Janeiro de 1941. O ninho é todo feito de paina de bromeliaceas ou *Typhea*, com muitos liquens esbranquiçados presos externamente; medem 5,5 cms. em sua Altura externa; 4,8 cms. no Diâmetro externo; 3 cms. no diâmetro interno; e 2 cms. na altura interna. Vive bem em cativeiro e aí procria com algumas exigências especiaes; torna-se muito manso. Criam nos meses de Setembro a Maio

#### *Hylocharis chrysurus* (Shaw)

É também esta espécie habitante das matas, capoeirões e capoeiras; visita os pomares e jardins sempre que hajam plantas de sua predileção para sugar o nectar ou apanhar insetos. Visita árvores de grande porte como as *Lecythidaceas* e *Bignoniaceas*, de preferência as sapucaias, ipês e inúmeras trepadeiras, mas frequentam também as ingazeiras, laranjeiras e mamoeiros. Nidifica nas capoeiras a uma altura que varia de 1,5 a 4 ms. do sólo, nos meses de Setembro a Março. O seu ninho fica preso a um ramo e é tecido com paina de bromeliaceas ou compositas, enfeitado externamente com liquens e detritos vegetaes em boa porção. O seu ninho mede 4,5 cms. de Alt. externa; 2 cms. de Alt. interna; 3,2 cms. de diâmetro externo e 2,9 cms. de diâmetro interno.

Os seus ovos medem 14,5 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,45 grs. A incubação demora-se 15 dias. Os jovens saem do ninho após 23 dias de nascidos e não possuem a plumagem brilhante como nos adultos, mas já se inicia a ter reflexo metálico. Tivemos alguns exemplares em cativeiro; vivem bem, mas não conseguimos que procriassem nesse ambiente.

#### *Hylocharis cyanus cyanus* (Vieillot)

Este beija-flôr é frequentador da mata virgem e a maior parte de sua vida passa-a nas capoeiras e capoeirões. Tem preferência pelas flores de trepadeiras da mata, mas aprecia imensamente as flores de verbenaceas das capoeiras; e também as flores de guaximas, ingazeiras, laranjeiras, genipapeiros e *Eucalyptos*. É bastante arisco quando existem muitos outros beija-flores na planta que está visitando, pois é fraco e sempre sai derrotada na luta de posse da área de alimentação; porisso sempre num laranjal, numa ingazeira ou num genipapeiro florido se assiste constantemente o canto de misericórdia que lança quando está sendo agredido por um *thaluranian glaucopsis* ou *Agyrtrina brevisrostris*. Nidifica sobre um ramo a uma altura de 1,50 a 4 ms. do sólo; sendo o seu ninho feito de paina amarelada, de bromeliaceas, Kapock ou *Thypha*, ornado externamente com liquens e detritos vegetaes. Mede 4 cms. de Altura externa; 1,8 cms. de Altura interna; 5 cms. de Diâmetro externo e 2,8 cms. de diâmetro interno. Seus ovos medem 14 por 9 mms. em seus

eixos e pesam 0,43 grs. O período de incubação é de 15 dias e os filhos deixam o ninho com 26 dias. Quando jovens ambos têm a plumagem semelhante e quando com um mês de idade já o macho apresenta-se com penas brilhantes esparsas pelo pescoço, para depois de quatro meses iniciar-se o aparecimento no vertex e na região dorsal do pescoço com penas também roxo claras, brilhantes e após 8 meses já estas penas da cabeça, pescoço e garganta, ficam de um colorido roxo intenso com um brilho metálico intenso. Vivem bem em cativeiro e procriam nesse ambiente. Nidifica nos meses de Setembro a Abril.

#### ***Hylocharis sapphirina sapphirina* (Gmelin)**

É um beija-flôr muito encontrado nos capoeirões e capoeiras proximas de matas virgens; frequenta também as laranjeiras, eucalyptos, ingazeiras, ipês, erythras e muitas trepadeiras da mata quando floridas. Nidifica na capoeira e o ninho é construído sobre um ramo a uma altura de 1,40 a 3 ms. do sólo. Seu ninho é feito de paina de sêda de bromeliacea, chorysia, compositas ou Thypha e externamente é ornado com líquens esverdeados e detritos vegetaes. Mede 3,8 cms. de altura externa; 2 cms. de altura interna; 4,7 cms. de diametro externo; e 2,8 de diametro interno; seus ovos medem 14,5 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,48 grs.

O período de incubação é de 15 dias, e os jovens saem do ninho com 26 dias de idade. No inicio da emplumagem são identicos; ambos apresentam o mento de um colorido canella muito claro e o peito claro, sem qualquer sinal de coloração roxo brilhante; após 45 dias já o macho apresenta algumas penas azul-roxeadas brilhante e aos 8 meses já está com o peito colorido, para atingir quando adulto uma coloração mais intensa de roxo brilhante. Cria bem em cativeiro e procriam com certas exigências e cuidados especiais. A época da nidificação vaee de Setembro a Março.

#### ***Chlorestes notatus* (Reichembach)**

É um beija-flôr que habita a mata virgem e os capoeirões; frequenta as capoeiras e abertas proximas de matas. Visita as sapucaias, ipês e muitas bignoniaceas trepadeiras da mata; nas abertas visita os genipapeiros, as ingazeiras e laranjeiras. Também visita bromeliaceas e malvaceas silvestres. Nidifica na capoeira e o seu ninho é construído sobre uma folha extendida horizontalmente, a uma altura de 1,20 a 3 ms. do sólo. É todo tecido de paina de sêda cor de canella, de bromeliacea, tendo as paredes externamente enfeitadas com líquens e detritos vegetaes muito finos; Mede 2 cms. de Alt. externa; 1,7 cms. de alt. interna; 4,2 cms. de diametro externo e 2,7 cms. de diametro interno; seus ovos medem 14 por 8 mms. em seus eixos e pesam 0,50 grs. O período de incubação é de 14 dias e os jovens saem do ninho com 28 dias de nascidos. Vive bem em cativeiro e se domestica com facilidade. A época de nidificação é Outubro e vaee até Março.

**Chlorostilbon aureoventris pucherani (Bourcier & Mulsant)**

É um beija-flôr que vive nas capoeiras, capoeirões e visita as matas e os jardins residenciais. Aprecia muito para se alimentar o nectar e insetos colhidos nas flores de verbenaças, saívias, flox, boca de leão, nos hibiscus e fuchσίας; nas laranjeiras, ingazeiras e Eucalyptos; nas boughaimwileas, gladiolos, maracujás, carrapicho e nas guaximas. Este beija-flôr é muito canoro, apesar de seu canto ser muito chiado, mas o gesto que faz quando está cantando pousado num ramo é bem interessante, porque se parece com o gaturamo amarelo, *Tanagra violacea auranticollis*, virando-se de um para o outro lado, como se estivesse a desejar que todos ouvissem o seu canto. É muito brigador quando em visita a árvores ou arbustos floridos. Nidifica nos barrancos de estrada, pendurando o ninho nas raízes das ervas, em colmos de capim e também fixa o ninho em ramos de cafeeiro, nas folhas de samambaia e ainda costuma pendurá-lo nos pendentes elétricos. O ninho é feito de paina de sêda de bromeliáceas, *Thypha*, compositas, Kapock ou *Chorysia* e as vezes com algodão. Nas paredes externamente fixa detritos vegetaes, pequenos pedaços de ramos e folhas, algum musgo; na base, inferiormente é sempre feito de uma camada compacta de escamas de *Cyathea xaxim* e outras felicineas. O ninho desta espécie é muito variável em suas dimensões e também costuma após a primeira postura, reformar o mesmo ninho, construindo um segundo sobre aquele e assim sucessivamente, aproveitando durante três ou quatro anos o mesmo suporte, com até cinco ninhos um sobre o outro. E, quando o suporte já não permite que construa mais, por não ter onde fixar, ele passa a nidificar nas vizinhanças. Conseguimos estudar várias próes durante quatro anos seguidos de um mesmo beija-flôr e assim edificou 5 ninhos superpostos; mesmo quando um acidente ocasionou a torção do ramo de capim meloso, ele construiu o terceiro ninho sobre as paredes lateraes dos que já haviam sido aproveitados anteriormente. Esses ninhos em série também se parecem um pouco com o de certos Icterídeos, dada a forma alongada que apresentam; chegam a ficar com sessenta centímetros de comprimento quando se apresentam 5 ninhos superpostos. Isoladamente eles tem também dimensões não muito uniformes, porque as vezes colocam muitos detritos vegetaes pendurados na parte inferior externa do ninho, que chegam a ficar com 17 cms. de altura externa e noutras vezes a altura externa não passa de 5 cms. Também fizemos experiências sobre a mimetisação e, quanto a isto podemos afirmar que o *Chlorostilbon aureoventris pucherani*, quando mudamos o aspecto do fundo de um barranco em que construía seu ninho, desfazendo-se por completo o contraste que até então existia, logo a continuação da construção do ninho continuou com a adição de novo material, parecendo que houve interesse da ave de modifica-lo ou de mimetizar. O inimigo dos ninhos deste beija-flôr são os lagartixas, camelhões e as aranhas caranguejeiras; já conseguimos apanhar tanto trucidando ovos como os jovens, sempre quando o ninho era construído em barrancos de estrada. O ninho mede

de 5 a 17 cms. de Alt. externa; 2,4 cms. de Alt. interna; 4,3 cms. de Diâmetro externo e 2,8 cms. de Diâmetro interno; seus ovos medem 14 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,40 grs. O período de incubação é de 14 dias. Os jovens saem do ninho após 29 dias de nascidos. Quando jovens até a idade de três meses se parecem com a fêmea na sua plumagem e daí em diante já no macho inicia-se o aparecimento das penas de cor verde metálico no peito, garganta e com seis meses já no abdômem inferior e na garganta já alguma pena de coloração mais azulada se apresenta. O bico que era amarelado se vai tornando avermelhado, para após 16 meses estar com toda a plumagem do adulto e o bico bem vermelho. Cria bem em cativeiro e procria com muita facilidade. Nidifica nos meses de Agosto a Maio.

#### *Thalassidroma glaucopsis* (Gmelin)

Vive na mata virgem, capoeirão, capoeira e nos jardins residenciais. É um dos beija-flores que mais se dedica às lutas pela posse da área alimentar; as suas investidas contra o inimigo são pronunciadas com um típico disparo de canto; que mais se parece com um réco-réco ensurdecido, e, seguido de uma violenta bicada no vôo veloz com que se lança sobre o intruso; por vezes difere quatro ou cinco ataques, sem que o adversário lhe possa dar defesa. Quando o adversário é vencedor então foge e se perseguido velozmente e sempre cantando como sinal de derrota o canto que produz é rápido e interceptado com a pausa de um oitavo de tempo por um número de vezes que se repete até que o inimigo o deixe em paz. Visita inúmeras árvores, arbustos eervas floridas na mata, nos capoeirões, capoeiras e jardins, das quais podemos destacar as seguintes: Ipês amarelo e roxo, Sapucaia, Paineiras, Tapicuré, Ingazeiras, mamoeiro, genipapeiro, erythrina, flamboyant, sol da Bolívia, maracujá, hibiscus, gladiolos, fuchσίας, strellitzias, bromeliaceas, verbenas, salvias, algumas cactaceas e diversos convolvulaceas, capuchinho, fumo, muitas trepadeiras, boca de leão, flor de São João, e flox. Nidifica sempre na mata, a uma altura que varia de 1,40 até 5 ms. do sólo, prendendo o ninho num ramo, ou colmo de taquara. É todo feito de paina de sêda de bromeliaceas, Kapock, Thypha ou compositas e externamente uma parede de espessura bem uniforme de escamas de feliceinas do genero Cyathea, com alguns liquens fixados mais externamente, além de esparsos fragmentos de ramos e folhas vegetaes. Nidifica nos meses de Setembro a Março.

Seu ninho mede 5,6 cms. de altura externa; 2 cms. de altura interna; 4,4 cms. de diâmetro externo e 2,8 de diâmetro interno. Seus ovos medem 15 por 10 mms. em seus eixos e pesam 0,50 grs. O período de incubação é de 15 dias e os filhos saem do ninho aos 25 dias de idade. Quando jovens tanto o macho como a fêmea se parecem; os seus bicos são amarelados e já no sexto dia vão se tornando sepia e até o dia de sairem do ninho já está bem negro. A plumagem aos vinte dias de idade já o macho apresenta-se com penas azuladas no vertex e verdes brilhantes no pescoço, peito e ventre; mas, só após o terceiro mês, já está com a plumagem

mais completa, ficando o sétimo mês com perfeita aparência da plumagem do adulto. Cria muito bem em cativeiro e é muito domesticável.

#### ***Thalaurania furcata furcatoides* Gould**

Este beija-flôr habita a mata virgem, mas visita os capoeirões, capoeiras e chácaras ajardinadas. Visita as flores de inúmeras trepadeiras, entre elas os maracujás e bignoniáceas; visita as flores da paineira e sapucaia; os hibiscus e os gladiolos. Nidifica na mata ou no capoeirão, seu ninho é preso a um ramo, numa altura de 2 a 4 ms. do sólo. É construído com paina de bromeliáceas, *Thypha* ou compositas e externamente é ornado com escamas de felíceas e detritos vegetaes, com fragmentos de musgos. Mede 5 cms. de altura externa; 2 cms. de altura interna; 4 cms. de diametro externo e 2,8 cms. de diametro interno. Seus ovos medem 14 por 9,5 mms. em seus eixos e pesam 0,50 grs. O periodo de incubação é de 14 dias e os jovens deixam o ninho com 20 dias. A época de nidificação vai de Setembro a Abril. Quando jovens os filhos teem plumagem que se parece com a fêmea; já no primeiro mês se inicia no macho o aparecimento das penas de brilho metálico na cabeça, garganta e ventre. Só após o quarto mês a plumagem vai se completando com a tonalidade mais carregada no colorido. Em cativeiro vivem bem. Não conseguimos reprodução desta espécie, mas tudo indica que pode se conseguir.

#### ***Thalaurania furcata eriphile* (Lesson)**

Tem o habitat e costumes de *T. furcata furcatoides*, visitando as flores da mata, capoeirões, capoeiras e jardins. Nidifica num ambiente semelhante e o seu ninho é também construído sobre um ramo, o qual na parte que toca no ninho lhe fica envolto pelo material empregado na sua construção que é sempre a paina de sêda de bromeliacea e *Thypha* ou compositas, com escamas de felíceas e detritos vegetaes e poucos liquens, fixados na parede externa. Mede 4,5 cms. de altura externa; 1,7 cms. de altura interna; 4 cms. de diametro externo e 3 cms. de diametro interno; os seus ovos medem 14 por 9,2 mms. em seus eixos e pesam 0,58 grs.

O periodo de incubação é de 15 dias e os jovens deixam o ninho aos 22 dias de nascidos. Também estes jovens apresentam o bico claro em quasi toda a porção e, a medida do crescimento a ponta se vai escurecendo, para quando sairem do ninho já apresentarem sépia muito escuro com a ponta preta, mas a base ainda enfraquecida. Na plumagem ocorre a sequencia identicamente ao da espécie *T. f. furcatoides*.

Vivem bem em cativeiro e são muito domésticos, por isso também confiamos em poder conseguir sua reprodução em cativeiro. A época de nidificação vai de Setembro a Abril.

#### ***Colibri serrirostris* (Vieillot)**

Este beija-flôr é habitante predileto das capoeiras e capoeirões, mas, visita tanto a mata virgem como os jardins e

pomares. Nas capoeiras visita flores de verbenáceas, diversas trepadeiras, ingazeiras, erythrinas, fuchsias e várias compositas; na mata visita as palmeiras, os ipês, as sapucaias e outras; nos pomares visitam as laranjeiras; os eucalyptos, os hibiscus, boca de leão, oficial de sala, algumas gesnertáceas e o orchidacea *Rodriguesia venusta yonoleuca*. É uma espécie canora por excelência, pois não é capaz de efetuar o menor vôo, sem que acione fortes estalidos; o seu canto é significativo e de fácil interpretação. Logo que percebe ao longe, outro beija-flôr, estando ele em visita de um laranja florido, pousado ou em vôo estanque no ar, emite o sinal avisando que está alerta; este canto é trinado e onomatopaico exprime — chép-chép-chép-chép, em três tempos; se acaso o estranho persiste em invadir-lhe a área de alimentação, três ou quatro laranjeiras floridas que está visitando por alguns dias, logo que se aproxima dessas, ele então o passa a perseguir, num ataque violento e prolonga um canto intenso que parece uma matraca de madeira, de som mais agudo, com uma descarga de 20 trinados em três tempos e um espaço; o que basta para que o intruso se vá para longe. O seu ninho é construído na forquilha de ervas ou arbustos jovens, nas capoeiras, a 0,60 e 1,40 de altura do sólo. É todo feito de paina de compositas, *Thypha* ou de oficial de sala, e externamente coloca esparsos e tenues detritos vegetaes filamentosos. Nidifica nos meses de Outubro a Maio, e o ninho tem as seguintes dimensões: Altura externa 7 cms; Altura interna 1,6 cms; Diâmetro externo 5,4 cms. e 4,5 de diâmetro interno; seus ovos medem 17 por 10,5 mms. em seus eixos e pesam 0,80 grs. O período de incubação é de 15 dias e os filhos deixam o ninho com 23 dias de idade. A sequencia da plumagem é observada sem modificação até os 20 dias de idade para ambos os sexos, o seu colorido não possui brilho metálico; deste período em diante vão surgindo na garganta os primeiros sinais de brilho com o aparecimento de novas penas e só após seis meses é que no macho já se apresentam lateralmente na garganta as primeiras penas vermelho-roxeado e a parte central da garganta se vai carregando mais de penas mais azuladas; a fêmea nesse mesmo período uniformisa-se mais na coloração geral, mais sempre é mais pobre de nuances e intensidade de brilho, além de quasi não possuir os tufo lateraes da garganta coloridos de vermelho-roxeado. Vivem bem em cativeiro e procriam com facilidade nesse ambiente e tornam-se muito mansos.

#### ***Anthracothorax nigricollis nigricollis* (Vieillot)**

Encontra-se esse beija-flôr nos capoeirões, capoeiras, matas e mais raramente nos jardins. Canta muito pouco e sempre nidifica nas abertas ou capoeiras, em lugares socegados e a boa altura, de 4 a 16 metros do sólo. Na mata frequenta as flores de inúmeras trepadeiras, de árvores como as palmeiras, as sapucaias e ipês. Nos pomares frequenta as flores de laranjeiras, mamoeiros e genipapeiros; nas capoeiras e abertas visita as flores de ingazeiras, erythrinas, flambioyant, cassia amazônica, genipapeiro e eucalyptos; nos jardins apa-

recem nas flores de fuchias, hibiscus, independência e nas trepadeiras. O seu ninho é construído sobre um galho de laranjeira, eucalyptos ou outra árvore e as vezes mesmo em colmo de bambú; é todo feito de paina de bromeliacea Typha ou compositas, sendo todo recoberto externamente e mesmo nos bordos, por líquens de cor verde esbranquiçada, colocados em prolongamento na base do ninho, ligando-o ao galho que o suporta, em perfeita mimetização, dando impressão que o ninho apenas é o nó do referido galho. Mede 3,5 cms. de Altura externa; 5 cms. de Diâmetro externo; 2,8 cms. de diâmetro interno e 1,6 cms. de altura interna. Seus ovos medem 16 por 9,5 mms. em seus eixos e pesam 0,61 grs.

O período de incubação é de 13 dias e os jovens aos 24 dias de idade deixam o ninho. A época de nidificação vai de Outubro a Abril. Quando estão na idade de deixarem o ninho ainda apresentam-se macho e fêmea com a mesma plumagem sendo a parte central do mento até o abdômem a única região nua até quarenta dias de idade; nessa ocasião inicia-se o aparecimento das penas negras, que cobrem a região que vai do mento até o abdômem, em 15 dias ficando com a plumagem completa como se fossem duas fêmeas.

Mas o macho, no quarto mês já nova sequência de plumagem negro-azulada se vai extendendo, tomando toda a porção lateral branca, da garganta ao abdômem e no sétimo mês já está com a plumagem completa. Cria bem em cativeiro e é pouco exigente para a proliferação, porém esta facilidade é duplamente dificultada para que nidifiquem a uma altura do solo que seja conveniente e fácil. Tornam-se muito mansos e domésticos.

#### ***Polytmus guainumbi thaumantias* (Linnaeus)**

É encontrado nas abertas próximas de matas virgens, nas flores de compositas, verbenas, genipapeiros e ingazeiras, nos vales de grandes rios e também próximo da zona litorânea, em lugares bem descampados. Aparece nos grandes jardins isolados, onde há monotonia. Visita os flores de hibiscus, fuchias e Boughainvilleas, laranjeiras e mamoeiros. Na mata visita flores de bromeliaceas, diversas trepadeiras e algumas cactáceas. Nidifica nas capoeiras nos meses de Setembro a Março. O seu ninho é feito sobre um ramo a 2 metros de altura do solo. É todo de paina de sêda de bromeliaceas, paineiras ou compositas e externamente apresenta pouco detrito vegetal fixado. Mede 5 cms. de Altura externa; 1,8 cms. de altura interna; 5,5 de diâmetro externo e 4 cms. de diâmetro interno; seus ovos medem 16 por 10 mms. e pesam 0,75 grs. O período de incubação é de 15 dias e os jovens deixam o ninho com 23 dias de idade. Vivem bem em cativeiro, mas, dispensam cuidados especiais quanto ao ambiente interno do viveiro.

#### ***Leucochloris albicollis* (Vieillot)**

É um beija-flor que habita a capoeira e capoeirão e visita a mata virgem, os jardins e pomares. As flores que visitam na mata são de bromeliaceas, bignoniaceas, lecythidaceas,

meiastomatáceas e passifloráceas. Nas capoeiras, abertas e jardins visitam as flores de strelitzias, hibiscus, fuchσίας, genipapeiros, ingazeiras, laranjeiras, salvias e begonias. Este beija-flôr é bastante arisco, mas de fácil domesticação. Não canta muito e nidifica na capoeira e pomares, a uma altura de 3 ms. do sólo; o seu ninho é preso, assentado sobre um ramo e todo feito de paina de bromeliacea, Typha e compostas; externamente é todo enfeitado de liquens e detritos vegetaes, que lhe são fixados e mede 4 cms. de altura externa; 5 cms. de diametro externo; 3,7 de diametro interno e 1,8 de altura interna; seus ovos medem 16 por 9 mms. em seus eixos e pesam 0,65 grs. O periodo de incubação é de 14 dias e os jovens deixam o ninho após 25 dias. Vive bem em cativeiro, mas não se conseguiu que nesse ambiente ficasse reprodução. A época de nidificação é nos meses de Setembro a Abril.

#### *Clytolaema rubricauda* (Boddaert)

Este beija-flôr é habitante da mata virgem e capoeirões, visitando as capoeiras, pomares e jardins retirados do centro da cidade. Na mata visita as flores de bromeliaceas, strelitzias, bignomiaceas, algumas rubiaceas e diversas malvaceas; nas capoeiras e capoeirões visita inúmeras trepadeiras e ingazeiras floridas; nos pomares as bananeiras, genipapeiros e laranjeiras são as preferidas quando em flor; também frequenta as flores de eucalypto. É dado a grandes lutas e os seus vôos são curtos. Não se demora por muito tempo como fazem Colibri serrirostis, Melanotrochilus fuscus e outros que têm o seu porte, que chegam a ficar 10, 15 e mais minutos visitando as flores sem pousar. O *Clytolaema rubricauda*, alem de pousar em menos de um minuto ainda quando se achega à flôr, agarra-se com os pés nas folhas e continuando a bater azas, vai sugando o nectar e colhendo insetos. Nidifica nas capoeiras e capoeirões próximos da mata; nos meses de Outubro a Março; o seu ninho fica de 3 a 5 ms. de altura do sólo, sobre um ramo parcialmente envolto pelo material de que é feito. A paina de sêda de compostas, bromeliaceas e Typha, forrado externamente com alguns liquens esverdeados e finos detritos vegetaes constitue o material do seu ninho. As medidas do ninho são: 4 cms. de altura externa; 2 cms. de altura interna; 6 cms. de diametro externo e 4 cms. de diametro interno; os seus ovos medem 16,2 por 10 mms. em seus eixos e pesam 0,74 grs. O periodo de incubação é de 15 dias e os jovens com 25 dias deixam o ninho. Até os cincoenta dias de idade o macho e a fêmea se assemelham, mas daí em diante o macho vai ganhando no peito e abdômem algumas penas verde brilhante e já no quarto mês a garganta já está com as penas de cor rubinea formando a macula que chega ao seu absoluto esplendor, quando a restante plumagem também brilhante do pileo e corpo se completa ou seja no oitavo e nono mês de idade. Vive bem em cativeiro, é muito doméstico mas é bastante exigente para ter vida longa nesse ambiente. Não conseguimos ainda procriação com nidificação em cativeiro.

**Heliothryx auritus auriculatus (Nördmann)**

É um beija-flôr da mata virgem, que frequenta os capoeirões, capoeiras e mais raramente os grandes jardins e chácaras. Na mata visita inúmeras espécies vegetais floridas, destacando-se as bromeliáceas, as paineiras, a barriguda, os ipês e sapucaias; nas pedreiras despidas de vegetação alta, visitam as cactáceas; malváceas e passifloráceas. Nas chácaras visitam as flores de mamão, laranjeira, limeira e eucalyptos, e nos jardins as independências, fuchsias, hibiscus, cana indica e algumas trepadeiras. O vôo desse beija-flôr se assemelha um pouco ao de *Melanotrochilus fuscus* e *Polytmus guaimumbi thaumantias* porque de distância em distância, no ar, para e rapidamente distende a cauda em leque e novamente vôa mais longe e continua nessas demonstrações de beleza. Não gosta de lutas e sempre nidifica na mata ou em suas proximidades. O seu ninho é construído sobre folha ou ramo, a uma altura variável entre 3 e 9 ms. do sólo. É todo feito de paina de sêda de bromeliáceas, paineiras, gramineas ou compostas, com finos detritos vegetaes fixados externamente e tem as seguintes dimensões: 4 cms. de altura externa; 2 cms. de altura interna; 5,5 cms. de diametro externo, e 3,5 de diametro interno. Os seus ovos medem 16 por 10 mms. em seus diametros e pesam 0,70 grs. Os filhos saem do ninho com 26 dias de idade e tanto o macho como a fêmea se assemelham na plumagem com esta idade.

Vivem bem em cativo e amancam com facilidade. A época de nidificação vai de Setembro a Março.

**Calliphlox amethystina (Boddaert)**

É um beija-flôr cuja área de alimentação é tão extensa que não pode ser considerado habitante da mata, da capoeira, capoeirão ou dos pomares floridos; em todos estes lugares vive igualmente. Visita em grande número de árvores gigantes das matas virgens como um não menor número de arbustos, ervas e trepadeiras das matas, capoeirões, capoeiras e jardins que lhe ficam próximos. Apenas para citarmos as principais plantas floridas que esta espécie visita mencionaremos: os ipês, sapucaias, paineiras, ingazeiras, eucalyptos, erythrinas, genipapeiro, laranjeiras, limeiras, fuchsias, oficial de sala, verbenas, cipó chumbo, cafeeiros, melão S. Caetano, Bougainvilleas, maravilhas, ameixa do Japão, pecegueiro, unha de vaca, guaxima e picão. Este beija-flôr devido ao grande número de vibrações de suas pequenas azas mantem durante o vôo, um zunido que se parece com o de uma abelha; o seu vôo é muito calmo e sempre muito bem lançado; dirige-se ao lugar visado sem fazer zig-zag e os seus movimentos com o corpo quando está em vôo, visitando as flôres é feito compassada e vagarosamente; por vezes se detém visitando um eucalypto florido num só vôo sem afastar-se por mais de 15 minutos. Geralmente quando termina de visitar essas flores, dirige-se sempre para o mesmo raminho para descansar. E daí só se afasta para novamente visitar a sua parte da árvore florida; seja eucalypto, ingazeira, laranjeira ou outra qualquer. As vezes

pousa no alto da copa de uma árvore muito alta, sobre uma folha ou ramo. Quando outro beija-flôr de seu igual porte, como seja *Lophornis magnificus*, *Gouldomya langsdorffi* *langsdorffi* ou mesmo um outro da sua espécie penetra o seu reduto de alimentação êle se abala do pouso e num vôo rápido e violento se atraca em luta, seguida sempre de revolveios e rodopios em marcha à ré ascendente que as vezes chegam a subir mais de cincoenta metros; noutros transees de luta com *Lophornis magnificus* já observamos marcha á ré em obliqua ascendente em linha reta de mais de vinte metros; estas fases de lutas são seguidas de piados fortes de ambos os lutadores. Sendo o piado do *Calliphlox* mais fraco e surdo do que o de *Lophornis magnificus*, nidifica na capoeira e próximo da mata. O seu ninho fica preso no pecíolo de uma folha, junto ao ramo de um arvoredo a uma altura de 3 a 5 metros do sólo. E' todo feito de palha de bromeliaceas, *Typha*, gramínea ou compositae finíssimos fragmentos vegetaes ficam fixados nas paredes externas; e mede 2,8 cms. de altura externa; 2,9 cms. de diametro externo; 1,4 de altura interna e 1,8 de diametro interno; os seus ovos medem 13,2 por 8,1 mms. em seus eixos e o seu peso é de 0,34 grs. Nidifica nos meses de Setembro a Abril. O período de incubação é de 13 dias e os filhos com 20 dias deixam o ninho; até esta época o macho tem a plumagem idéntica a da fêmea; com 35 dias já o macho apresenta no peito as primeiras penas ametista metálico e com quatro meses a cauda aparece com a furca mais profunda, para no sexto mês estar com a plumagem quasi toda completa; o que se vai ultimar após o oitavo mês. Vive bem em cativo e procria com facilidade. Torna-se muito domesticado.

#### *Stephanoxis lalandi* (Vieillot)

Este beija-flôr só é encontrado em logares de altitude superior a 1.400 ms. é um beija-flôr muito esperto e vive nas capoeiras e capoeirões, visitando também as matas e lugares arjardinados. As flores de bromeliaceas são muito visitadas por êle, algumas fuchsias, verbenas, labiadas, bignomiaceas, velosiaceas, malvaceas, compostas, begoniaceas, cactaceas, melastomataceas e mirtaceas. Este beija-flôr hoje, já o podemos considerar raro porque a condição de ambiente altitudinal que exige é muito limitado em sua área de distribuição. Nidifica no capoeirão no mês de Outubro e o seu ninho é fixado em um ramo que fica envolto pelo material de que é confectionado numa altura de 2,80 ms. do sólo. E' todo feito de palha de sêda de gramíneas, compostas e bromeliaceas, com alguns líquens de pequeno tamanho fixados na parede externa; e as suas dimensões são as seguintes: Altura externa 5 cms; Altura interna 2 cms; Diametro externo 4,7 cms; e diametro interno 3 cms.; seus ovos medem 14,3 por 8,4 mms. em seus eixos e pesam 0,46 grs. O período de incubação é de 14 dias e os jovens aos 28 dias deixam o ninho. Quando jovens o macho se assemelha á fêmea e só após 35 dias de idade se inicia o aparecimento de penas com brilho metálico na garganta e no peito; depois dos sessenta dias já inicia o aparecimento das primeiras penas na região do pileo para

formarem o topete que no oitavo mês já está quase com o crescimento completado. Apenas conseguimos estudar um ninho desta espécie, colecionado com os filhos quando já estavam com 10 dias de nascidos e foram criados em cativeiro até a idade de oito meses; época em que pereceram, vítimas de uma intoxicação ocasionada pela fermentação do líquido que lhes vinha sendo administrado. Durante este período portaram-se bem, eram muito mansos e extremamente domésticos; pois já conhecia-nos e esvoaçavam sobre a mão, na pinça e conta gotas, para tirarem os aracnídeos e sorver a solução de mel. Quando pousados, o macho de quando em vez eriça e abaixa o topete, como se quizesse mostra-lo aos que estão interessados a observá-lo. No vôo sempre o topete se conserva estendido sobre o pescoço. O Dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto descreve em Arquivos de Zoologia do Est. Município de Santa Leopoldina no E. E. Santo, na Fazenda São Paulo Tomo IV - 1945 pg. 319 que no lugar Chaves — do Sr. França Vervloet que *Stephanoxis laLandi* (Vieillot) vez de frequentarem as laranjeiras e que em companhia do Sr. Olalla conseguiram colecionar uma boa e variada série; mas, não tenho a menor dúvida que há um engano, porque ali não é encontrada a citada espécie e no E. Santo só a colecionamos na região do caparaó; naturalmente a espécie colecionada deve ter sido *Calliphlox amethystina* (Boddaert), que, em virtude de haver muitas espécies e em grande número de indivíduos visitando as laranjeiras, prefere afastar-se e visitar os eucalyptos e só passarão às laranjeiras quando os demais beija-flôres se afastam; assim também acontece com a espécie *Lophornis magnificus* (Vieillot), que, pode ter sido a espécie colecionada, ao invés de *S. laLandi*.

#### ***Lophornis magnificus* (Vieillot)**

Este minúsculo beija-flôr é habitante das capoeiras e capoeirões visinhos das matas; frequenta as chácaras e pomares quando se apresentam floridas as laranjeiras, limoeiros, eucalyptos e as ameixeiras do Japão. Na mata visitam inúmeras trepadeiras e pouquíssimas bromeliáceas e várias de guminosas e Rubiaceas. Nas pedreiras de vegetação baixa também são encontrados em visita de malváceas melastomatáceas, fuchsias, cactáceas, labiadas, compostas, verbenáceas e algumas mirtáceas. Nas capoeiras e capoeirões visitam quando floridas as ingazeiras, as guaximas, o picão, muitas verbenas, oficial de sala, genipapeiro, melão S. Caetano, algumas convolvuláceas, Bougainvilleas, passifloráceas e ainda visitam os cafezaes floridos. Quando visita as plantas floridas o seu vôo é precipitado e com muita ligeireza se houver alguma cousa que lhe cause estranheza. Assim acontece por exemplo se há alguma pessoa próxima da árvore; se outro beija-flôr está circundando a mesma árvore, colhendo alimento e ainda se alguma abelha ou borboleta se avizinha; nesta circunstância velozmente vai voando de flôr em flôr, com a cauda balançando e piando como se fosse um pintinho que ainda está dentro do ovo, apesar de já estar eclodido, tão fraco é o seu mais esforçado piado; piu, piu, piu, piu, piu sem cessar até que se vê obrigado a deixar por alguns momentos

a árvore que visitava. Quando em luta com outro macho ou mesmo fêmea da mesma espécie ou de *Calliphlox amethystina* (Boddaert) executa verdadeiras acrobacias belicosas; os seus revoltos e rodopios em agressão são de causar sensação ao mais pacato e desinteressado ser humano; a sua marcha a ré ascendente, em oblíqua reta, com a cauda aberta em leque e numa velocidade grande, nos impressiona, e, ainda os golpes de defesa que aplica durante esta marcha a ré, dando inúmeras bicadas no inimigo, esticando o pescoço e com força o joga como se fosse uma pequena lança ou arpão, preso ao pescoço, que representa, a corda. O resto do corpo fica como se estivesse imobilizado, porém, sendo atirado para o alto em acíve de 60 a 70 graus; é um espetáculo impressionante. Esta luta as vezes se interrompe pela intromissão de mais um ou dois extranhos das espécies que se degradam. O seu ninho é construído preso ao pecíolo de uma folha, envolvendo o ramo de inserção da folha; as vezes parece até que fôra uma "cessidia" que se formara no pecíolo da folha, de tão pequena que se apresenta. E' feito a uma altura de 1,50 a 6 ms. do sólo e o material empregado é a palna de sêda de bromeliaceas, *Typha*, gramineas, oficial de sala ou compostas, e externamente se acham fixados alguns pequeninos liquens. As dimensões do ninho são: Altura externa 3,5 cms.; de Altura interna, 1,3 cms.; Diametro externo 2,7 cms.; e diametro interno 1,5 cms.; seus ovos medem 11 por 8 mms. em seus eixos e pesam 0,29 grs. O período de incubação é de 12 dias e os filhos com 20 dias deixam o ninho. A época de nidificação vai de Agosto a Maio. O macho e a fêmea quando jovens têm semelhante plumagem e após trinta e cinco dias, já no macho se apresentam as primeiras penas brilhantes da garganta e também os primeiros sinais do topete aparecem; com três meses já os primeiros sinais dos tufos em leque, lateraes à garganta, também apresentam as primeiras penas e com oito meses, toda a plumagem está perfeita, porém não como num adulto mais maduro. Vive muito bem em cativeiro, é muito manso e doméstico e procria com facilidade, desde que sejam administrados os tratos especiais para esse fim.

#### ***Gouldomyia langsdorffii langsdorffii* (Temmink)**

Este beija-flôr é raro por excelência e o seu habitat preferido é no alto de pedreiras, com vegetação arbustiva, rica de bromeliaceas, mirtaceas, melastomataceas, piperaceas, onagraceas, convolvulaceas, verbenaceas, malvaceas, labiadas, bignoniaceas e compostas. Visita também os ambientes que ficam próximos; quer seja mata, capoeirão, capoeira ou um pomar. Quando visita uma laranjeira ou eucalyptos em flôr, sempre se reserva um local para pouso bem na copa da árvore numa folha ou num ramo mais alto e dali, por cima da copa fica movimentando a cabeça para um lado e outro, numa observação arguta e profunda e, ao menor sinal que lhe causa surpresa se afasta incontinenti para se demorar ao pouso primitivo. Se isso não acontece permanece por mais de uma hora no local do pouso e daí saindo para se alimentar e novamente voltar. Não tem predileção pelas lutas;

prefere sempre afastar-se quando se trata de beija-flôres de outras espécies que o veem importunar; mas se forem indivíduos de sua espécie, então há longo combate. Nidifica no capoeirão, colocando o ninho preso a um ramo delgado, numa altura de 1,60 a 6 ms. do sólo. O ninho é feito com pains de sêda de bromeliaceas, Typha, graminea ou compostas, sem qualquer outro material fixado externamente, e tem as dimensões seguintes: Altura externa 3,5 cms; altura interna 1,7 cms; Diâmetro externo 3 cms. e diâmetro interno 1,8 cms.; Seus ovos medem 12 por 8,5 mms. em seus eixos e pesam 0,36 grs. O período de incubação é de 13 dias e os jovens saem do ninho no vigésimo dia. Quando jovens a plumagem se assemelha em ambos os sexos; já aos quarenta dias de idade o macho no peito vae apresentando alguma pena brilhante e sômente no quinto mês as retrizes mais externas alcançam um maior comprimento e nesse tempo se inicia o aparecimento da faixa de brilho bronze-avermelhado na região abdominal, e o desenvolvimento completo das retrizes mais extensas só se verifica com um ano de idade.

Vive bem em cativeiro, tornando-se manso ao extremo. Não conseguimos que se reproduzissem nesse ambiente até a presente data. A época de nidificação é de Outubro a Março.

## INDICE

- Anopetia gounellei (Boucard) pag. 6  
Anisoterus pretrei (Delatre & Lesson) pags. 10 e 91  
Ametronnis bourcierii (Lesson) pag. 11  
Aphantochroa cirrochloris (Viellot) pags. 20 e 96  
Agyrtrina leucogaster leucogaster (Gmelin) pag. 22  
Agyrtrina leucogaster bahiae (Hartert) pags. 22 e 97  
Agyrtrina millerii (Bourcier) pag. 23  
Agyrtrina versicolor versicolor (Viellot) pag. 23  
Agyrtrina brevisrostris (Lesson) pags. 24 e 97  
Agyrtrina fimbriata fimbriata (Gmelin) pag. 24  
Agyrtrina fimbriata nigricauda (Elliot) pags. 25 e 98  
Agyrtrina lactea lactea (Lesson) pags. 26 e 98  
Agyrtrina tephrocephala (Viellot) pags. 27 e 98  
Amazillis amazilli (Lesson) pag. 20  
Avocettula recurvirostris (Swainson) pag. 53  
Anthracothonax viridigula (Boddaert) pag. 53  
Anthracothonax viridigula (Boddaert) pag. 53  
Anthracothonax nigricollis nigricollis (Viellot) pags. 54 e 104  
Aglaeactis cupripennis cupripennis (Bourcier & Mulsant) pag. 66  
Adelomyia melanogenys maculata Gould pag. 68  
Augastes superbus (Viellot) pag. 74  
Basilina leucotis leucotis (Viellot) pag. 30  
Boissonneaua flavescens (Loddiges) pag. 66  
Campylopterus largipennis (Boddaert) pag. 14  
Campylopterus obscurus obscurus Gould pag. 14  
Campylopterus obscurus aequatorialis Gould pag. 15  
Chrysuronis oenone oenone (Lesson) pag. 35  
Chlorestesnotatus (Reichenbach) pags. 35 e 100  
Chlorostilbon aureoventris aureoventris (d'Orb. & Lafresn.) pag. 37  
Chlorostilbon aureoventris berlepschi (Berlepsch. & Ihering) pag. 37  
Chlorostilbon aliciae (Bourcier & Mulsant) pag. 38  
Chlorostilbon aureoventris pucherani (Bourcier & Mulsant) pags.  
38 e 101  
Chalybura buffoni aeniccauda (Lawrence) pag. 49  
Cyanophala scapulata (Gould) pag. 50  
Colibri delphinae (Lesson) pag. 50  
Colibri cyanotus (Bourcier & Mulsant) pag. 51  
Colibri iolatus (Gould) pag. 51  
Colibri serripennis (Viellot) pags. 51 e 103  
Chrysolampis elatus (Linnaeus) pag. 56  
Clytolaema rubricauda (Boddaert) pags. 61 e 106  
Chalcostigma heteropogon (Boissonneau) pag. 71  
Cyanolesbia mocca mocca (Delatre & Bourcier) pag. 73  
Cyanolesbia mocca smaradina (Gould) pag. 72

- Calothorax lucifer* (Suainson) pag. 78  
*Calliphlox amethystina* (Boddaer) pags. 78 e 107  
*Chaetocercus mulsanti* (Bourcier) pag. 80  
*Chaetocercus heliodor* (Bourcier) pag. 80  
*Damophila juliae juliae* (Bourcier) pag. 41  
*Docimastes ensifer* (Boissonneau) pag. 65  
*Discosura longicauda* (Gmelin) pag. 86  
*Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) pags. 16 e 94  
*Eupetomena macroura simoni* Hellmayr pags. 17 e 95  
*Eriocnemis vestita vestita* (Lesson) pag. 66  
*Eriocnemis aureliae aureliae* (Bourcier & Mulsant) pag. 67  
*Eriocnemis aureliae aureliae* (Bourcier & Mulsant) pag. 67  
*Eustephanus galeritus* (Molina) pag. 72  
*Florissuga mellivora mellivora* (Linnaeus) pag. 18 e 96  
*Glaucis hirsuta hirsuta* (Gmelin) pags. 3 e 88  
*Glaucis hirsuta affinis* (Lawrence) pag. 4  
*Glaucis dohrni* (Bourcier & Mulsant) pag. 4 e 89  
*Gouldomyia langsdorffi langsdorffi* (Temminck) pags. 85 e 110  
*Hylocharis chrysur* (Shaw) pags. 30 e 99  
*Hylocharis cyanus cyanus* (Vieillot) pags. 31 e 99  
*Hylocharis cyanus rostrata* Boucard pag. 33  
*Hylocharis cyanus viridiventris* Berlepsch pag. 33  
*Hylocharis sapphirina sapphirina* (Gmelin) pags. 33 e 100  
*Hylocharis sapphirina latirostris* (Wied) pag. 34  
*Heliodoxa leadbeateri leadbeateri* (Bourcier) pag. 62  
*Helianthea helianthea* (Lesson) pag. 63  
*Helianthea bonapartei* (Boissonneau) pag. 63  
*Helianthea torquata* (Boissonneau) pag. 63  
*Helianthea prunellei* (Bourcier & Mulsant) pag. 64  
*Heliangelus clarissae* (Longuemare) pag. 69  
*Heliangelus exortis* (Fraser) pag. 69  
*Heliangelus micraster* Gould pag. 69  
*Heliothyx auritus phainolaema* Gould pag. 74  
*Heliothyx auritus auriculatus* (Nordmann) pags. 75 e 107  
*Heliactin bilophum* (Temminck) pag. 76  
*Heliomaster furcifer* (Shaw) pag. 77  
*Lepidopyga goudoti goudoti* (Bourcier) pag. 28  
*Leucochloris albicollis* (Vieillot) pags. 59 e 105  
*Lamprolaema rhami* (Lesson) pag. 60  
*Lafresnayeia lafresnayeii* (Boissonneau) pag. 64  
*Lepidolarynx squamosus* (Temminck) pag. 77  
*Lophornis ornatus* (Boddaert) pag. 82  
*Lophornis gouldii* (Lesson) pag. 83  
*Lophornis magnificus* (Vieillot) pags. 83 e 109  
*Lophornis chalybeus* (Temminck) pag. 84  
*Lophornis verreauxi verreauxi* (Bourcier) pag. 85  
*Melanotrochilus fuscus* (Vieillot) pags. 19 e 95  
*Metalura tyrinthina tyrinthina* (Loddiges) pag. 70  
*Ocreatus underwoodi underwoodi* Lesson pag. 68  
*Ocreatus melanatherus* (Jardine) pag. 68  
*Oxypogon guerini* (Boissonneau) pag. 70  
*Phaethornis superciliosus insignis* Todd pag. 6  
*Phaethornis superciliosus milleri* Hellmayr pag. 6  
*Phaethornis superciliosus moorei* (Lawrence) pag. 7  
*Phaethornis malaris* (Nordman) pag. 7  
*Phaethornis hispidus hispidus* (Gould) pag. 8

### III

- Phaethornis eurynome* (Lesson) pags. 8 e 90  
*Phaethornis squalidus squalidus* (Temminck) pags. 9 e 91  
*Phaethornis squalidus amazonicus* Hellmayr pag. 10  
*Pygmornis idaliae* (Bourcier & Mulsant) pags. 12 e 92  
*Pygmornis nattereri* (Berlepsch) pag. 12  
*Pygmornis ruber ruber* (Linnaeus) pags. 13 e 93  
*Patagona gigas gigas* (Viellot) pag. 21  
*Polyerata amabilis* (Gould) pag. 27  
*Prasitis prasina prasina* (Lesson) pag. 42  
*Psilomycter theresiae theresiae* (Da Silva Maia) pag. 57  
*Polytmus guainumbi thaumantias* (Linnaeus) pags. 58 e 105  
*Pterophanes teminki* (Boissonneau) pag. 65  
*Psalidopymna victoriae victoriae* (Bourcier & Mulsant) pag. 73  
*Psalidopymna gouldi gouldi* (Loddiger) pag. 73  
*Rhamphodon naevius* (Dumont) pags. 2 e 88  
*Rhamphomicrus microrhynchus microrhynchus* (Boissonneau) pag. 71  
*Rhodopsis vesper* (Lesson) pag. 76  
*Saepiopterus falcatus* (Swainson) pag. 15  
*Saucerotia cyanifrons* (Bourcier) pag. 28  
*Saucerotia devillei* (Bourcier & Mulsant) pag. 29  
*Saucerotia beryllina beryllina* (Licht.) pag. 29  
*Smaragdochrysis iridescens* (Gould) pag. 41  
*Schistes geoffroyi* (Bourcier & Mulsant) pag. 74  
*Selasphorus rufus* (Gmelin) pag. 79  
*Selasphorus platycercus* (Swainson) pag. 80  
*Stephanoxis lalandi* (Viellot) pags. 81 e 108  
*Stephanoxis loddigesi* (Gould) pag. 82  
*Threnetes leucurus leucurus* (Linnaeus) pag. 5  
*Threnetes leucurus medianus* Hellmayr pags. 5 e 90  
*Thalurania glaucopsis* (Gmelin) pags. 42 e 102  
*Thalurania furcata furcatoides* Gould pags. 45 e 103  
*Thalurania furcata baeri* Hellmayr pag. 46  
*Thalurania furcata eriphille* (Lesson) pag. 47 e 103  
*Thalurania nigrofasciata* (Gould) pag. 48  
*Thalurania balzani* Simon pag. 48  
*Thalurania simoni* Hellmayr pag. 49  
*Thalurania watertoni* (Bourcier) pag. 49  
*Topaza pella pella* (Linnaeus) pag. 60  
*Topaza pella microrhyncha* Butler pag. 60  
*Uranomitra franciae* (Bourcier & Mulsant) pag. 29